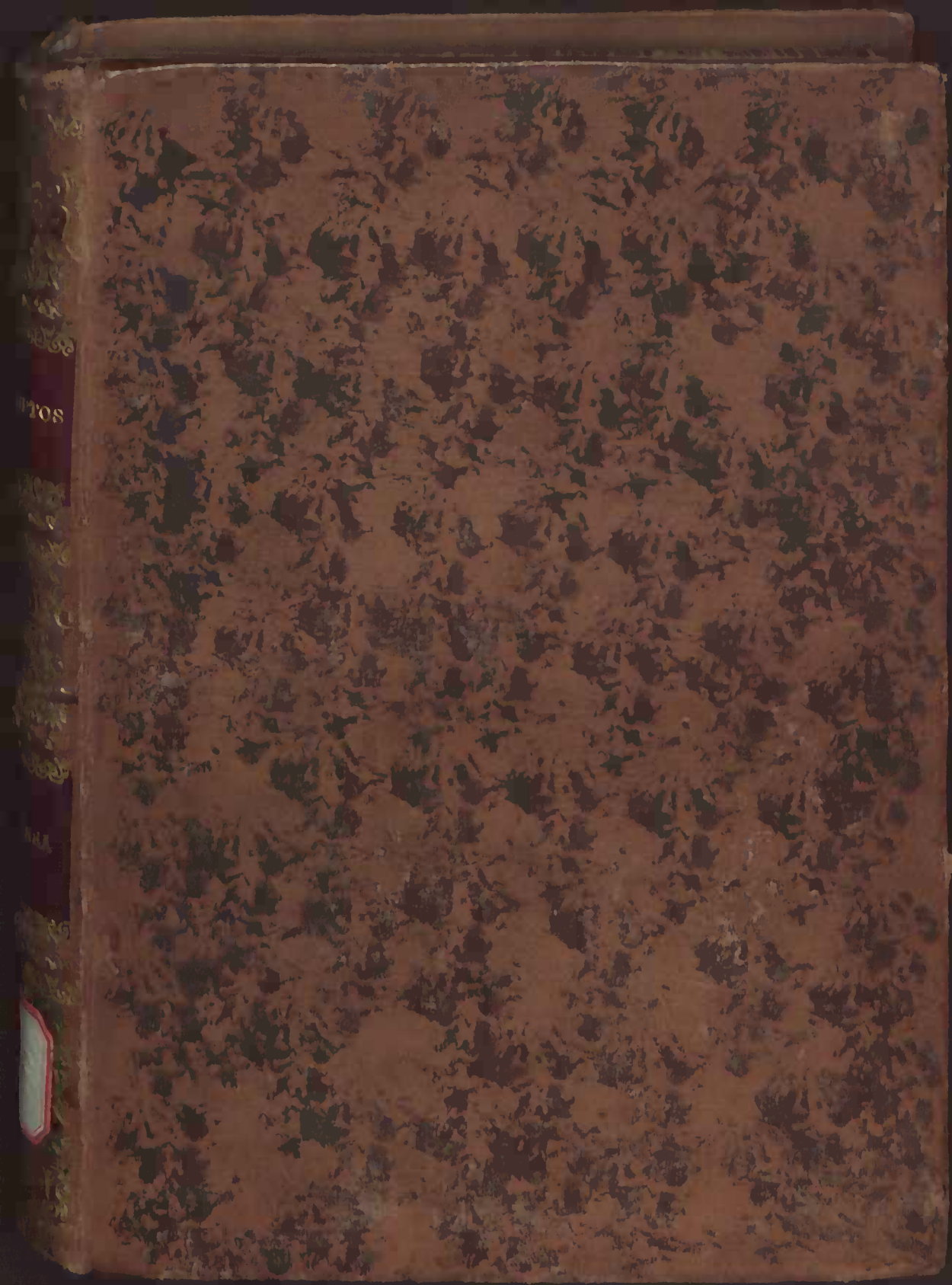
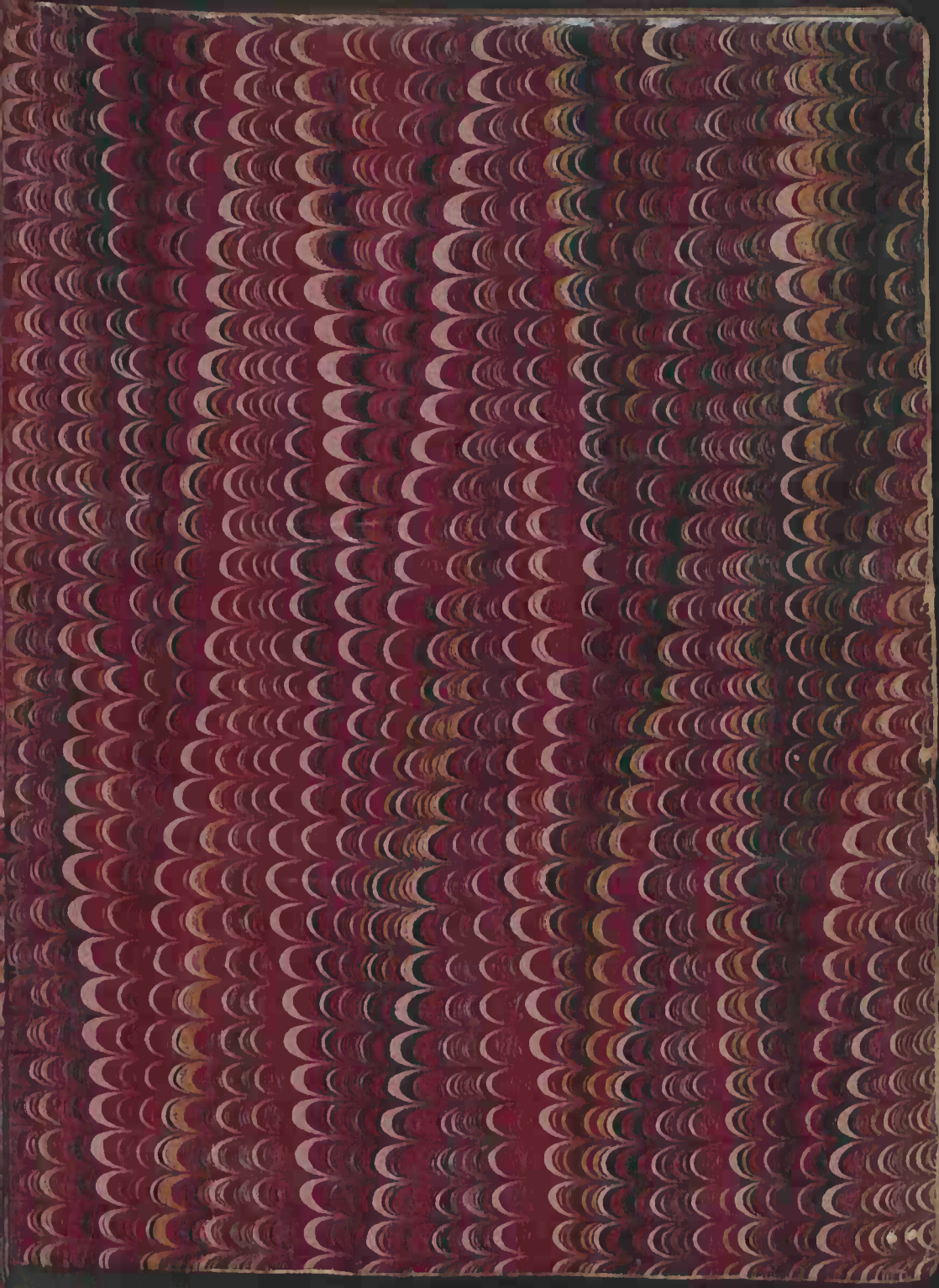






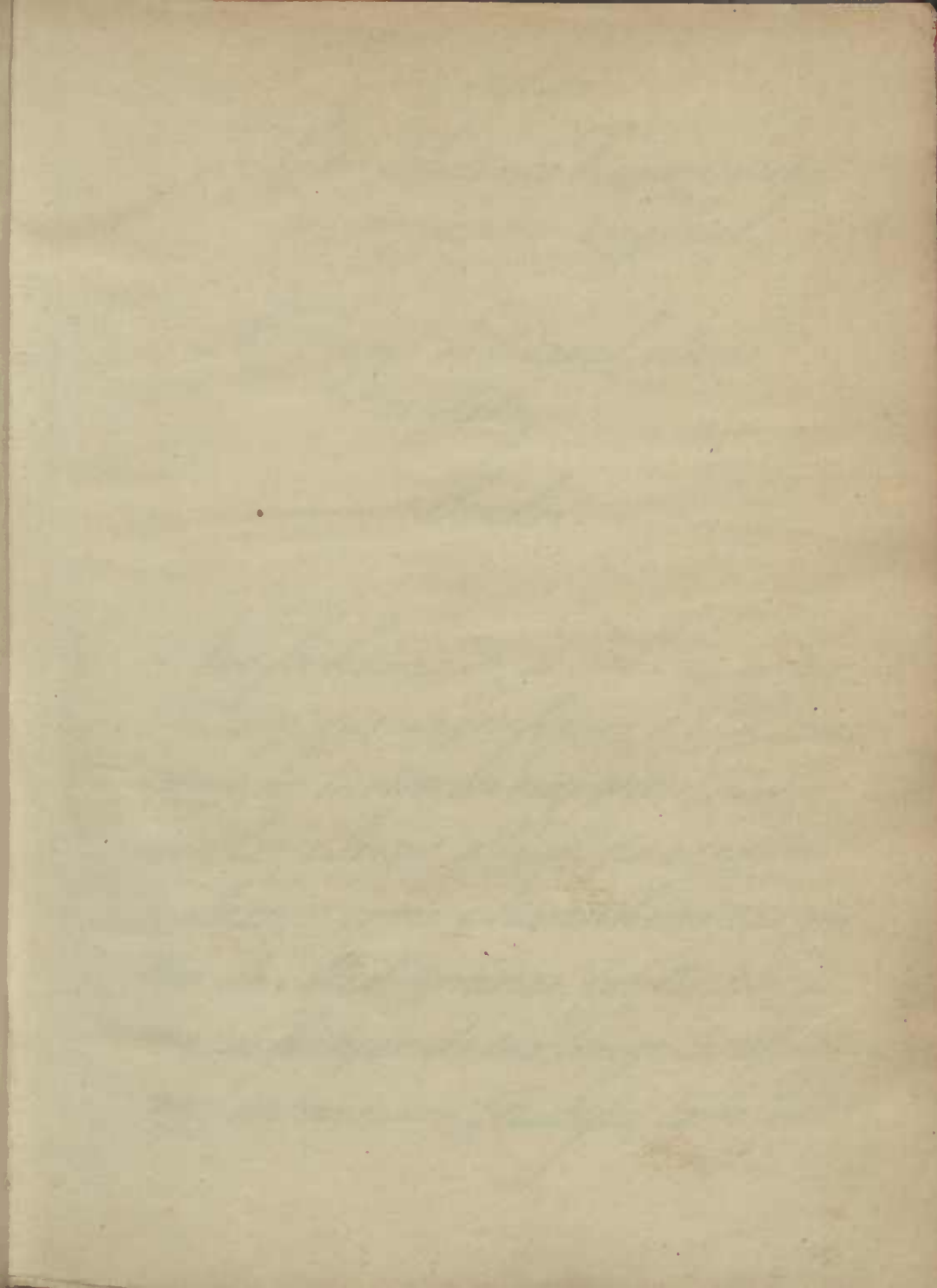
N.º

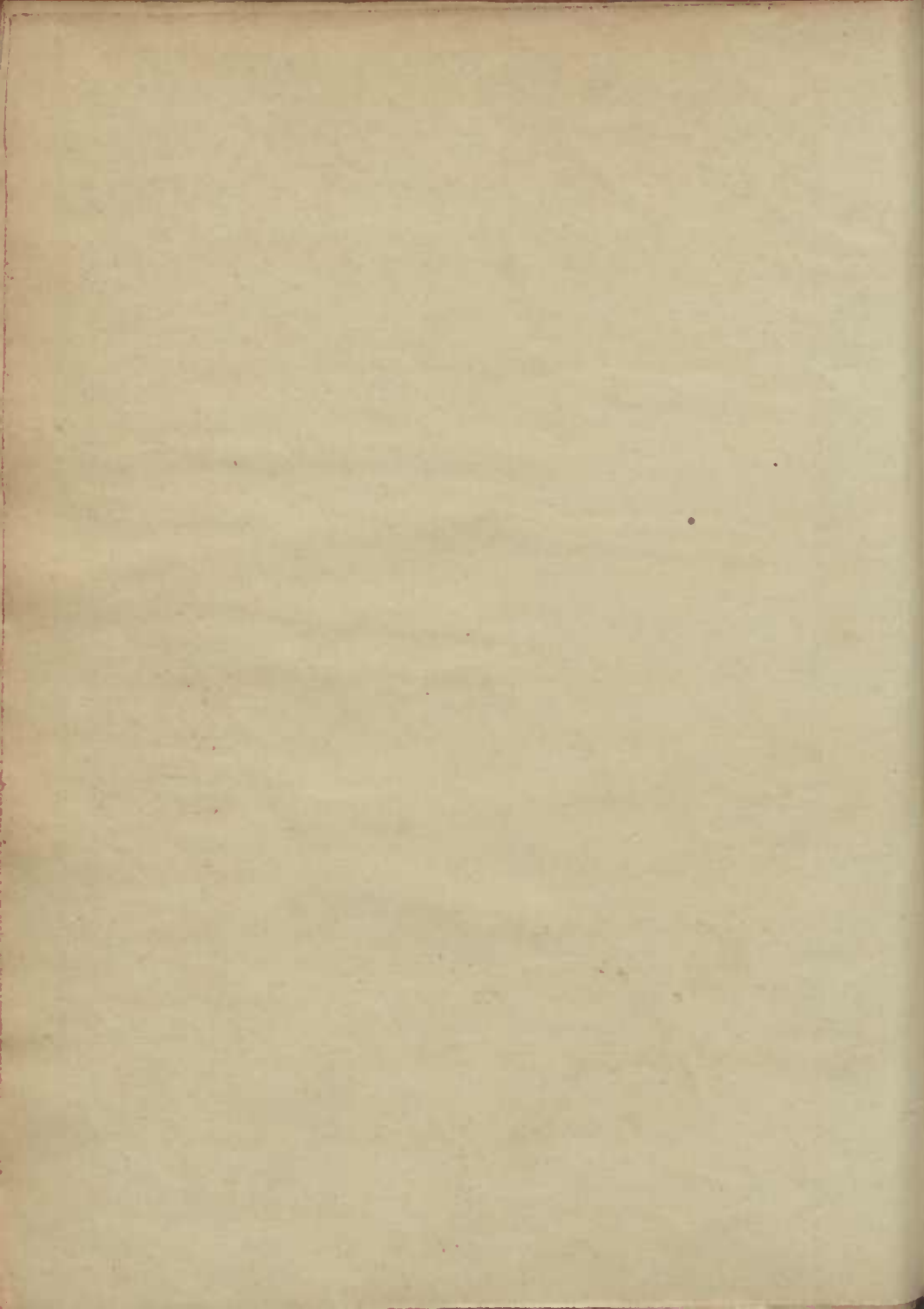
Estante 76
Prateleira 6



Victor Perez
ms. 156

cod
11400





1
Cartas
Do Padre Antonio Vieira, copia-
das do proprio original.

Ao Duque do Sadeaval vindo
de Saboya.

Senhor.

Não foi humas só, se não trez as Car-
tas, com que signifiquei a V.^{za} o meu
desejo, ou inveja, de não poder accom-
panhar e servir a V.^{za} na viagem
de Saboya, como Marinheiro tão pri-
tuo do Mediterraneo, contentando-
me de festejar de tão longe os aplau-
zos, e preveidos triunfos, com que



Exa. na volta, seria re-
cebida nesta sorte, e aclamada em
todo o Reyno, como o principal au-
tor da sua felice successão, e posteri-
dade. Mas he tal a fortuna de
V. Ex.^a ou para o dizer com palavras
mais certas, são tais os acertos da
prudencia, juizo, e maleza de animo,
de que a Providencia Divina dotou
o de V. Ex.^a para remedio das cala-
midades publicas, e anchora fir-
missima de Portugal na tempes-
tade em que de presente fluctua,
sem acabar de tomar porto, que
tantas graças e maiores, deve todo
o Reyno a V. Ex.^a por desfazer o que
V. Ex.^a hia effectuar, que pello mes-

mo effeito deixado, sendo tão puri-
 goso. Muito deixara poder
 remeter a V. Ex. com esta, as Cartas
 grandes, e pequenas Eclesiasticas,
 e Seculares, que escreverão nesta oc-
 cazião ao Brazil, e as vozes univer-
 saes, sem excepção, com que V. Ex.
 he aclamado por vicia clum-
 na, e Pai da Patria, em annos que
 todos deixão sejam, não só muitos,
 mas immortaes. V. Ex. me fes
 merce dizer que não levava ordem
 de passar adiante, e se o porto de arto
 não podendo ser de Genova, era o
 de Lione, terra he a quella, de que
 não tive carta, depois que parti de

De Lisboa, sendo tão frequentes de-
antes, como a V. Ex.^a he presente).

Fico neste meu ermo, entre ma-
iores arvorados, e bosques, do que V.
Ex.^a chama moitas de Salvaterra,
mas não me basta ter-me por to-
tão longe do mundo, para que
o mundo me não persiga. Com-
ninguem fallo, nem tenho com-
quem, e só me occupo em escre-
ver, e emmendar o que já falei; tra-
balho que eu não tivera por ocioso,
e inutil, se não corra por estas
partes geralmente, que só, o que
V. Ex.^a approva, e favorece, he bem au-
to, e agradecido. Mas não obst.

esta differença de tempos o meu cui-
dado, como a minha obrigação, he
rogar a Deus, como fazo, em todos os
meus sacrificios, e orações, por con-
servar, e prosperar a vida, e estado de
V. Ex.^a, como a mesma Magestade
Divina, para seu serviço, ha mis-
ter Ex.^{ma} Sr.^a Deus quando a Ex.^{ma}
pessoa de V. Ex.^a como Portugal, es-
criados de V. Ex.^a, e eu como o menor
mais que todos dezijs. Bahia
23 de Junho de 1683.

Criado de V. Ex.^a

Antonio Vieira.

João Ribeiro da Costa.

Meu S.^o Estas regras de V.^{ma} cau-
 zará em mim a compaixão e as-
 tima que nenhum coração hu-
 mano lhe pode negar. com maior
 encorajamento della, he chegar
 V.^{ma} a lhe procurar parte do me-
 dio em hum Religioso da compa-
 nhia, cuja profissão he a mais es-
 trita pobreza, este não Prelado,
 mas subdito, e hoje retirado em
 hum deserto. Em outro lugar e
 tempo, teve valia a minha pro-
 teção, para alcançar dos poder-

7
nos do mundo, o que na Bahia
nao posso, tao fora do commercio,
e conhecimento do mesmo mun-
do, que para o ter da pessoa de Vm.
pello nome, esta noticia foi o ma-
ior motivo do meu sentimento,
junto com a admiracao de que po-
de fazer ou desfazer o que elle cha-
ma fortuna. Nao estando preso
como Vm. e desejando, se possesse,
passar humas esmolas de porta em
porta, so' conheço nesta terra hu-
ma, a que poderia bater, mas esta
se acha hoje necessitada do reme-
dio de seus empenhos, podendo
afirmar com certeza que os de-

8 De Vm. me não lastimão menos.
Podemo he só Deus para fazer em
huns, e outros a mudança que ha
mister; e eu offeruendo a Vm.^{ce} o que
posso sem differença alguma no
afeto obedirei a Vm. a sua di-
vina Magestade em minhas
orações e sacrificios com grandes
confianças em suas infinitas
misericordias. Vm. não extra-
nhe a máo affeição porque a mi-
nha por hum desastre á muitos
dias que tem perdido o uso de es-
crever. Deus q. a Vm. m. an. e reme-
de como m. do C. dez. Quinta 28
de Janeiro de 1694 = Ant. Vm.

9
Ao Marquez de Loure
Senhor

Com muita razão nesta Carta de - 93
que V. Ex.^a me fez mercê, vejo duvi-
dadas as minhas interpretações
do Cometa. Mas não deixará
V. Ex.^a de perdoar ao amor, os er-
ros do juizo. Aquelle signal do
fco, só se mostrou ás nobres Cor-
quistas, não sei se para que os
Portuguezes só o vissem, ou se tão-
dem para que o chorassem. Da
India tivemos Não com sinus me-
zes de viagem, e mais de cem ho -

10
homens mortos, e nella a nova do-
sur tambem o governador, de quem
havia grande opiniao, e em me-
nos de hum mez o que he suado
nas vias. Assim tora Deus os ho-
mens, quando quer tirar o de ma-
is. Apedraria que trouxe foras
pedras, em lugar das quaes leva
caixas de asucar, que descarre-
gara na Alfandega, a vista bem
lastimosa da Casa da India.
As lastimas do Brazil, não são
menores. Com a buxa da moe-
da, perdeu o Rio de Janeiro porto
da metade do que tinha, e os que
perseguia, nove, se achava no-

no mesmo dia sómente com sinus.
 Para se fazer a mesma baixa na
 Bahia, se espera que parta a fro-
 ta, sendo tal a mixeria desta, nou-
 tro tempo riquissima praça, que
 cobrindo se de tristeza sua morte
 da Senhora Infante, não teve
 com que se vestir de luto, fallan-
 do Cabedal á pobreza áhi, para
 sentir suas desgraças.

Com tudo isto, meu amo, est.
 se passa, e vive, mas que será de
 nós, se os amigos ou inimigos da
 nossa neutralidade vierem reu-
 perar as suas perdas á nossa cus-
 ta? Isto hé o que temem todos

os que adiantaõ os olhos ao futuro,
 e futuro que não pode tardar m.^{to}
 Os Cosarios, com termos na Ba-
 hia mais de trinta Navios po-
 derozos duas legoas desta barra,
 obrigaraõ a dar a costa hum que-
 rha para as Ilhas, e em truz dias
 em que se sustentou sobre as-
 amarras, junto a terra, não te-
 ve quem della o socorresse. Aeu-
 ranos V. Ex.^a pois com sua Mages-
 tade não temos outro amparo
 de que nos valer, nem outra co-
 lumbna em que nos sustentar.
 Levou Deus para si o Arcebis-
 po que hera grande Prelado, e co-

como tal acabou a vida, no mais
trabalho exercicio da sua obri-
gaçao, visitando a Diocese e mor-
rendo em hum deserto: Deixa-
se que lhe succede o Bispo de Per-
nambuco, que por estar tao por-
to, pode suprir a sua falta ma-
is brevemente, e governa o Bis-
pado com grande opiniao de
zelo, e mais satisfacao das ou-
thas, e fero, que o mesmo Arce-
bispo: Tambem concorre nelle,
ou ao ser Inade, pelos ciumes
de seus Religiosos que ha' neste
Estado, o qual desde seu princi-
pio andou sempre em Clerigos

fruo que nesta eleição de V. Ex.^a a-
aprovar, consolará sua Mages-
tade em grande parte o desgo-
sto geral.

Della mercê com que V. Ex.^a
acode aos meus Parentinhos/
e mais Parentes da minha for-
tuna, que do sangue não dou a
V. Ex.^a as graças, porque como a-
creados antigos, lhes não pode
faltar ao V. Ex.^a Eu ainda vivo,
e sempre aos pés de V. Ex.^a como
sempre. Ex.^a ^{Deus} q. a Ex.^a ^{Deus} pes-
soa de V. Ex.^a como Port.^{al} os crea-
dos de V. Ex.^a havemos mister. Ba-
hia 2 de Junho de 1691. De V. Ex.^a
Antonio Vieira

Alto Geral da Companhia.

P^{mo} Padre N^{ro} Geral.

Quando V. P^{ma} se compraxeo-
de me significar a enextima-
vel honra que Sua Magestade
de Suecia se dignava fazer-me
em se querer servir de mimus-
sa furia, exortando-me com tan-
to encarecimento em que na pri-
meira boa occasiao emprendesse
esta jornada. depois de reprezen-
tar a V. P^{ma} a minha incapa-
cidade para tao elobrano minis-

torio; dei juntamente conta do es-
tado a que meus annos, e enfermi-
dades me tinham reduzido, sem
esperanca de poder aturar os ri-
gors do frio em qualquer clima
da Europa, e que por esta causa,
de Conselho dos Medicos, estava ja
entao deliberado a me passar
aos ares da minha Provincia;
offereundo-me porem com toda
a resignação a vir morrer aos
pis de Sua Magestade, e aos de
V. R. ^{ma}, sendo este o unico moti-
vo porque dilatei a partida, não
sem alguma confiança que pel-
las forças naturais do desejo, ou

17
pellas superiores da obediencia me-
fizepe Deus merce de que as do cor-
po se restaurarem. Mas tem su-
cedido tanto pello contrario no
presente Inverno que sem eviden-
te perigo de vida não poderi su-
portar o que resta d'elle, e muito
menos aguardar o venturo pa-
ra a frota seguinte que não par-
te para o Brazil se não de anno
em anno. Sendo pois de parecer
que eu me embarca-se com os ou-
tros Missionários em companhia
do Padre Antonio de Oliveira,
assim como o Padre, digo, assim
o mesmo Padre, como o Procura-
dor o Padre Francisco de Mattos,

com beneplacito do Padre Provin-
 cial, pois não posso ter o expresso
 de V. R. ^{ma} e como da Consella des-
 ta Provincia, e havendo tambem
 alcançado o de Sua. Alteza, pelo
 nome que ainda tenho de seu
 Brigador, pedindo humilissima-
 mente a benção de V. R. ^{ma} me par-
 to para a dita minha Provincia,
 nella espero com a Divina bon-
 dad, me succeda o mesmo que
 a outros vellos, que pela mesma
 cauza se passaram aquelle Reino,
 e de qualquer modo que a sua Di-
 vina Providencia o disponha, sem-
 pre acabarei a vida com a consola-
 ção de ser mais religiosamente

do que nesta Provincia, na qual
 por ser tratado como hospede,
 me falta em grande parte o exer-
 cicio da obediencia, como tam-
 bem o da pobreza, por me susten-
 tar a despeza propria. Igual-
 mente he' certo, que por esta via
 poderei muito melhor, e mais
 brevemente, satisfazer a expe-
 dicao dos meus escritos, q. V. B.
 R.^{ma} tanto me enuarega, cessando
 os forcosos impedimentos, e em-
 banhos desta sorte, e auiscendo to-
 do o tempo inutil que perco nos
 Invernos, com que cada anno
 de vida / se Nosso Senhor for ser-

servido considerma virá a ser
 para esse fim dobradamente ma-
 ior. O que só resta he render
 a V. R.^{ma} infinitas graças pelos
 excelsos favores que da paternal
 benignidade de V. R.^{ma} em pre-
 zença e na ausencia tenho rec-
 bido, sendo esta humma muito
 particular obrig.^{am} de perpetua me-
 moria delles, e de em todos meus sa-
 crificios e orações rogar a N. Sm.
 conserve por m.^{tos} annos a vida de
 V. R.^{ma} como o bem da universal
 Companhia hade mister na ben-
 ção. H.

21
Ao Arcebispo da Bahia, de
parabéns.

V^{ma} M^{ma} e R^{ma} Sr^{or}

Não dou a V^{ma} M^{ma} o parabém,
do que outros chamão promocão,
como quem conhece quão digna
hi á muitos annos, a pessoa, e
quão superior o merecimento
de V^{ma} M^{ma} á outros maiores luga-
res, sendo este pella medida q^{ue}
Deos lhe deu, assim no natural,
como no espiritual, o mais es-
tendido da nossa Monarquia.

Ao mesmo Deos dei logo as
gracias, e has deve infinitas, to-

todo este Estado, por sua Divina
 Bondade, e Providencia, haver
 posto tão benigna, e liberalmente
 os olhos na necessidade, que pro-
 vido, e sem provimento há tan-
 tos tempos padue.

Por esta causa, e pullo Apus-
 tolico espirito tão conhecido com
 que V. M.^{ma} sem delação, que já
 não sofre seu dezanparro, e só
 com abrevidade da partida, po-
 derá V. M.^{ma} satisfazer os aplau-
 zos com que universalmente foi
 celebrada esta eleição, e os alvo-
 rocos, e ancias com que a ainda
 de V. M.^{ma} he esperada.

Viagem da Bahia está ho-
 je tão facilitada nas melhores
 monções, que são as de Dezem-
 bro, até Março, que se pode
 tomar, como quem passa o Te-
 jo, e os achagues de V. M.^a não
 podem achar em todo o mun-
 do, nem ares mais benignos,
 nem clima mais propício.

Assim o tenho experimenta-
 do em todos os que lá me mo-
 lestava a saúde, sendo tão di-
 ferente a carga dos meus an-
 nos, se elles me não acaba-
 rem a vida, aqui achará V.
 M.^a em mim não só o ma-

o maior venerador, como sem-
pre, mas hum subdito, e ser-
vo tão affectuoso, e devoto, etão
desejoso de se empregar todo
ho serviço de V. Mage. quanto po-
dem os repetidos favores, e obri-
gações com que V. Mage. o tem hon-
rado, e entretanto guarde de-
os e conserve a Saude, e vida a
V. Mage. como o bem e remedio Es-
piritual deste Estado há mis-
ter. Bahia 23 de Maio de 1682.

Antonio Vieira

Ao Cardeal

25

Em ^{no} Ann. e R. ^{mo} S. M.

A frota deste anno, he a mais
rica, que nunca partio do Bra-
zil, porque vai nella embarca-
do o Sr. D. Joao de Alencastre,
deixando nas tantas sauda-
des e desejos de o tornar a ver
nella, como he universal o con-
cito, e esperanza que so' no seu
governo podera ter o remedio, e
felicidade de que tanto neces-
ta, e por outra via, depois de
tantas experiencias, nao pare-

e possível invadir o Brasil, o que
 possuio Angola, e eu agora con-
 segui o poder declarar a V^{ra} M^{te} sem
 alusões, nem metaphoras o q^{ue}
 nunca me atrevi a fiar de papel.
 Ajuntou Deus neste grande su-
 gito, tudo o que pode formar
 hum perfeito Capitão General.
 Christão, e sim na intelligen-
 cia militar, prudencia, e poli-
 tica, como no zelo da propaga-
 ção da fé, que hi o fim, porque
 Deus fiou da nossa Nação as
 conquistas, e com prodigiosos
 monstros que para o seu valor

e Christandade tem guardado o
 complemento desta empresa.
 Li hum papel escrito pello dito
 Senhor com estylo de Apóstolo, q
 sem embargo dos meus muitos
 annos deseei passar-me logo aos
 Certões da Ethiopia, ao menos pa-
 ra morrer entre as obrigações da
 minha proficia, e levar com mi-
 nha algumas almas, cujas som-
 bras Deus ajulga se menos indig-
 na de o ver eternamente. Arr-
 batado da evidencia desta verda-
 de suspendi a pena do torno q
 havia de emendar nesta frota

para applicar com todas as forcas
ao outro assumpto mais ~~de~~
util, e necessario, e por isto faltai
neste anno com o tributo, que po-
derei dobrar no que vem.

Oia V.^{ma} Em.^a as mixerias em q^{ue}
ficaõ estes dois mundos de Afri-
ca e America, e ainda efficazm.
V.^{ma} Em.^a com toda a efficacia da Pur-
pura, ao remedio de tantos ma-
les, gloria universal da Igreja,
e maior servico de Deus que guar-
de a ^{ma} Em.^a pessoa de V.^{ma} Em.^a Como a
mesma Igreja, os Criados de V.^{ma} Em.^a
havem mister. Bahia 10 de Ju-
lho de 1692 = Antonio Vieira.

Carta Espiritual
Para hum grande amigo.

Infim amigo, podes mais Deos
que os homens, e prevaloras os
Decretos Divinos, a todas as tra-
cas, e disposicoes humanas.

Aprimora vs orinha contra
a vontade de El Rey, desta segun-
da rim athe contra a minha,
porque nesta obra nao houve se-
ntidade mais que a de Deos, se-
ja elle bendito, que tanto caro-
sar de quem tao pouco val, e tan-
to ama a quem tao mal lhe me-

merce: Ajudame amigo, a the-
 dar infinitas graças, e a pedir a
 sua Divina bondade mais, pa-
 ra que ao menos neste ultimo
 quartel da vida the não seja in-
 grato, como fui tanto, em toda.

M. Quem podera desfazer
 o passado, e tornar atraz o tem-
 po, e alcançar do impossivel, que
 o que foi, não houvera sido. Mas
 já que isto não pode ser Deus meu,
 ao menos seja o futuro emenda
 do passado, e o que hade ser satis-
 fadas do que foi. Estes são, ami-
 go, hoje todos os meus cuidados,

sem haver em mim outro gosto
mais, que chorar o que tive, e co-
nheer quem falsamente usará
este nome, aos que sobre tantos
outros peccados, ou haão de ter na
vida o do arrependimento, ou
na eternidade o do castigo. Di-
tazo quem por se condenar ao
primeiro se livrar para sem-
pre do segundo, e mais ditoso
quem tirando totalmente os
olhos deste, os pizer só na quel-
le summo, e infinito bem, que
por sua formosura e bondade,
ainda que não tivera justiça
devera ser amado.

Amigo, não he o temor do Inferno, o que me ha de levar ao ceo. o amor de quem lá se deica a ver, e gozar, sim. Oh! Que bem empregados mares! Oh que bem padecidos Maranhões, se por esses se chegar com mais segurança a tanta felicidade! Só hum delicto acho nesta minha, am., que he não a poder repartir com vósco; mas já que vivemos sem nós, vivamos com deos, pois está em toda a parte; vejamo nos nulle, e oitamo lo a elle, que me thor será que ouvirmo nos. Se eu ouvirá suas inspirações, já

não fora tão grande peccador, mas
 se o menos mal he parte do bem,
 alguma consolidaçãõ posso ter ho-
 je que no outro tempo me fal-
 tava, e para que vós tambem
 atenhais sabei amigo, que a
 melhor vida he esta, ando ves-
 tido de hum pano groceiro, cá
 da terra, mais pano que preto,
 como farinha de pão, durmo
 pouco, trabalho de pouca menha
 até á noite, gasto parte della
 em me encomendar a Deos, não
 trato com minima creatura,
 não sayo fora se não a reme-

dio de alguma alma, choro me-
 us peccados, faço que outros cho-
 rem os seus, e tempo que sobja
 destas occupaçoẽs leuão no os li-
 vros da Madre Theozza, e outros
 de semelhante leitura. Fi-
 nalmente ainda que com gran-
 des imperfeicoes, nenhuma cou-
 za faço que não seja com Deos,
 por Deos, e para Deos, e para es-
 tar na bem aventuranca só
 me falta o vello, que seria maior
 gosto, mas não maior felicida-
 de. Esta he a minha vida, e es-
 tas as novas que vos posso dar

De mim, esperando naquelle
 Senhor que está em todo o lugar,
 e na sua graça, que não depende
 de lugares, me possais mandar
 as mesmas de si aonde estais.
 Amemos a Deus, amigo, e pa-
 ra o amarmos só a elle, conhe-
 ceremos que pouco merecem
 nosso coração todas as cousas
 do Mundo: Todas acabão, ne-
 nhuma tem firmeza, nesta vi-
 da há morte, na outra Inferno,
 e ainda he por que hum cow-
 tro, o esquecimento de ambos.
 Ah! Amigo quem poderia tras-

ladar vos aqui o Coração, para q
 levis nelle as mais puras, e as
 mais importantes verdades,
 não só escriptas, ou impressas,
 se não gravadas. Salvação,
 amigo Salvação, que tudo o ma-
 is he loucura. Livres os Deos
 de todas, e de vos mesmo. Ma-
 nanhã 26 de Maio de 1653.

Antonio Vieira

37

Petição que fez o Padre
Antonio Vieira.

Diz o Padre Antonio Vieira,
da Companhia de Jesus, Supe-
rior, e Visitador geral da Mis-
são deste Estado, que estando
os mais Religiosos da Compa-
nhia embarcados na Nao Sa-
cramento, e notificados para
nella passarem ao Reyno, o
Juiz do Porto o notificou ontem
para fazer a mesma viagem
na favelle em que o tem de-

detido; e posto que elle está mes-
 tes, e não repugna fazer a dita
 viagem, representa a V.ª M.ª que em
 haver de ser na dita Caravela
 conforme a dita notificação, se-
 lhe faz não só notoria violen-
 cia, mas muitas violencias, a
 primeira porque sendo elle Pa-
 dre Antonio Vieira Superior
 dos ditos Religiosos da Compa-
 nhia he contra toda a boa or-
 dem, de coro, e governo da Reli-
 gião, que o Superior seja apar-
 tado dos subditos, e os subdi-
 tos do Superior, além de opor:

varrem nelle, e a seu Confessor, e ao
Companheiro, da consolação da
Missão, que não podem ter na
Caravela. Segunda porque o
obrigão a fazer grandes, e no-
vas despesas, sendo muitas
exceções as que tem feito os di-
tos Religiosos, depois da ex-
pulsão do seu collegio. Tercei-
ra porque a dita Não vai em
direitura a Portugal, e a cara-
vella ás Ilhas, com que these-
rá neccessario fazer nova via-
gem, novas dilacões, e novas
despesas, e exportar-se a novos

riscos, além de que adita. Não
 está para partir nestas aguas,
 o que a Lavarella não pode fa-
 zer por lhe faltar parte da car-
 ga, agoada, mantimentos, e
 Calafetos, e outras muitas cou-
 zas necessarias. Quarta por
 que adita chamada Lavarel-
 la, he hum barco Sardinhei-
 ro de Setúbal, muito pique-
 ro, e sem agachado, nem
 comodidade alguma para
 a passagem, e deuenia da pos-
 sa do dito Padre, que se acha
 carregado de annos, e de seus

ordinarios achaguns e enfermidades,
 à qual incomodidade e aperto se acor-
 centã mais com a fôrça compo. das
 Reliquozos que hão de hir com elle.
 Quinta porque o dito barco he m.^{to}
 velho, roto, e mal aparelhado de-
 tudo, e mal fornecido de gente, e
 mal experimentado no mar, por-
 que para esta viagem se tem mu-
 dado de Latino em redondo, e por-
 tudo isto incapaz de hir buscar
 as barras e as costas no meio do
 Inverno, a qual incapacidade he
 tão notoria a todos, que sendo na
 dita Nao Sacramento perto de
 sincoenta passageiros, e muitos
 dells muito pobres, nem hum hou-

houve que se quizesse aventurar a
 embarcar-se na dita Caravela. Pel-
 lo que tudo se mostra, que o inten-
 to das pessoas que fazem esta se-
 paração do Rio ou hi parague
 elle Padre Antonio Vieira pere-
 ca no mar, contra toda a piedade
 Christã, ou parague não possa
 chegar a Portugal se não depois
 de muito tempo, como os Officia-
 es da Camara do Pará manda-
 vao advertir, e pedir aos do Ma-
 ranhão, e porque elle dito Padre
 Antonio Vieira hi Missionario
 do Summo Pontifice, ao qual de-
 ve dar conta da sua Missão, e do
 estado desta Christandade, para

que não falte o remédio espirital
al' tantas almas, que sem elle
commummente se estão perdendo,
sobretudo, porque elle Padre
Antonio Vieira tem negocios, e
noticias de gravissima importan-
cia que comunicar a S. Magesta-
de, de que depende a conservacao
do Reyno, e das mesmas Pessoas
Reaes, as quaes noticias se perde-
rão com a morte de El Rey D. João,
que está noço, sendo S. Mages-
tade advertido disso na occasi-
ão das guerras presentes, man-
dou ordem ao dito Padre Anto-
nio Vieira, cuja via primeira

comunicou a S.ª Senhora para que
ou por via de Pernambuco, ou em
direitura por onde lhe parecesse
mais seguro passasse ao Reyno a
levar-lhes o que elle vinha fazer,
quando a primeira vez veio do Pa-
rá, onde lhe não pareceo tão con-
veniente embarcar se pella ru-
im viagem que fazem ordinaria-
mente os Navios que sahem da
quelle porto. E por todas as ditas
razoens e cada humia dellas prin-
cipalmente por esta ultima con-
vem, e he necessario, não só ao ser-
vico de Deos e remedio das almas,
se não ainda ao bem, e conserva-

ção da forma de que elle dito Padre
Antonio Vieira tenha passagem
para o Reyno na embarcação ma-
is breve e mais segura que se acha
neste porto, que he a dita Nao Sa-
cramento. Dello que e porque ou-
tro sim chegou a noticia delle Pa-
dre Antonio Vieira, que pergun-
tando a Senhoria em fãma, se o
Govo obedecia a Senhoria, e respon-
dendo o Juiz e Procuradores della,
que sim, replicara a Senhoria, q
o nao mostravão, em meterem
na Nao de a Senhoria contra sua
vontade aos Padres da Compa-
nhia, e em quererem ainda me-
ter nella ao Padre Antonio Viei-

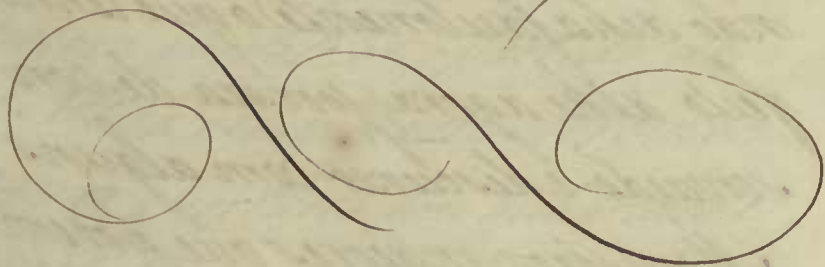
na, e que esta foi a causa, porque o
dito povo não querendo desobede-
cer, e desgostar a V. Senhoria con-
tinuara em oter a elle na dita
Caravela, e lhe notificar que vá
nella.

Dede a V. Senhoria haja por
bem, que ao Padre Antonio Vici-
na se dê lugar na dita. Não sa-
cramento com os outros Religio-
sos da Companhia, e que V. Senho-
ria ovellare assim por seu despa-
cho, para que o povo o tenha en-
tendiado, e não insista no cum-
primento da dita notificação,
pois he causa muito affeida da
piedade Christã, que havendo

47
lugar na dita. Não para sincoar
a passageiros e nove d'elles. Siga-
nos, ou não haja para o Padre An-
tonio Vieira, Religioso, Sacerdote,
Procurador da sua Religião, e En-
gador de El Rey, etão acito a sua
Majestade como he notorio;
sendo certo que se o dito Padre
fohe hum negro de El Rey, ou hum
animal destes Matos, que se
lhe manda se o harrão de me-
ter no Navio mais seguro. As-
sum o espura da firmandade e
obrigação de V. Senhoria, e que po-
is V. Senhoria está em lugar de
Sua Magestade, obre V. Senho-
ria neste caso, o que Sua Magis-

tade havia de ordenar se fora pre-
 zente. Enão protesta pellos dam-
 nos espirituales, e temporales das
 sobreditas Christandades, nem
 pellos de sua vida e pessoa, nem
 pellos da sua Religião, e bens del-
 la, nem pellos que se podem se-
 guir ao Reyno, e às mesmas Pes-
 soas Reaes, cuja Magestade of-
 fende tanto quem lhe procura
 os meios da ruina, como quem
 lhe impede os da conservacao;
 porque para a christandade de
 V. Senhoria zelo do servico de
 Sua Magestade, e respeito, e ve-
 neracão que V. Senhoria sem-
 pre mostrou a todas as cousas

Sagradas, entre as quaes tem o
primeiro lugar os Sacerdotes, não
são necessários requerimentos,
nem protestos, e assim o confia
o Padre Antonio Vieira do Se-
nhor Dom Pedro de Mello, no-
que deos receberá grande serviço,
e a Religião da Companhia par-
ticular favor, e elle a merecer
merece a V. Senhoria f



Carta ao Principe.
Primeira

Quand' eu dar conta a V. Magestade do negocio principal, para o poder fazer com algum fundamento, e para me informar com a cautela e segredo necessario, cujas occasiões ainda buscadas, se não acham facilmente, o que tenho feito até agora, por via de conversação, e discurso com alguns Ministros maiores, que podem ter voto na materia, he entender delles, que a reunião com facilidade, por mais que os Principes

ca. Sobreza possa ter nella osin-
teresses que V. Magestade considera,
será mui difficultosa de adme-
tir por aquellas mesmas razo-
es que representei a V. Magestade
quando V. Magestade quiz ouvir os
fundamentos desta minha opo-
sicao. Isto supposto, tenho
por mui provavel, que no concur-
so de todos os outros oppositores,
podera prevalecer o partido de
V. Magestade, e eu vigiarei sobre a oc-
casiao oportuna em que mais e
mediatamente o possa introdu-
zir, ateh' chegar a fonte onde ha-
de emanar a revolucao, fazendo

a abertura do Tratado com toda
a quella circumspecção, que o ne-
gocio requer, e V. Magestade me tem
recomendado, alargandome ma-
is, ou menos, segundo vir que
sou ouvido. Mas porque a
união dos Estados de V. Magestade
com a Coroa de Portugal, na con-
sideração dos interesses comuns,
he a que deve dar grande pendôr
à balança; será necessario, que
àlem da grandezza dos ditos Es-
tados, e conveniencias reciprocas,
de que vim bem instruido, V. Ma-
gestade me advirta do modo com
que devo responder, em caso que

se me opoem ha' duas duvidas, as-
quales estao' muito a flor da terra.
Nao' pode deixar de se reparar
muito nellas. A primeira he'
ter V. Magestade alem de Principe
primogenito, outros dois Filhos,
de cujo Estado se deve tambem
deliberar, para que de prezente,
e de futuro nao' possa ser de im-
pedimento a firmeza do Trata-
do, e perpetua e inextinguivel uni-
ao' de ambas as Nações Vassallos,
e Coroaes, hum de que o Prince-
pe de Toscana he' ja' herdeiro, ou
tra de que sera' casando com a
herdeira de Portugal. A segun-

de hi da parte dos mesmos Vas-
 sallos de I. Altera, os quaes por-
 ventura se quererao conservar
 reunidos, e de baixo de Principe
 particular, de que em nros mes-
 mo temos vivo e prezente exem-
 plo, posto que os interesses com-
 muns entre elles e os Portugue-
 zes, com as larguezas de conquis-
 tas e commercios, e empregos
 de pessoas e fazendas, parece que
 seja hum vinculo muito forte,
 e de sua naturiza indissolvel:
 Assim que estas duas duvidas,
 e perigos sao os que no caso do
 Tratado me parece que se po-

55
dem diffiultar; e será totalmen-
te necessario que V.^a Altera me-
instrua neste particular da
seguranca que se pode prome-
ter a hum, e outro; e para que coma
dita seguranca sendo qual con-
vem, e que só V.^a Altera possa ma-
is inteiramente conhecer, e ma-
is firmemente dispor, e ordenar,
seja Deus servido que a matéria
desta firme uniao, não sómen-
te seja admitida, mas com ef-
feito se consiga para gr.^a serviço
e gloria dom.ⁿⁱ S.^{te} e augm.^{to} e progre-
sso de ambas as Nações e Esta-
dos. 5 de Nov.^{to} de 1665.

Carta segunda

Espero que V. Alteza se sirva
 responder-me promptamente
 a Carta, e proposta inclusa, sem
 fazer na dita resposta, menção,
 ou allusão alguma, ao que nes-
 ta direi. De poucos dias a esta
 parte se achão nesta corte alem
 do Enviado de Castella, outros do-
 is de Franca, e Saboya. Suspei-
 to com bons fundamentos, que
 de todas as partes se intenta
 prevenir o negocio do Caramen-
 to, e álem das tres Nações refe-

ridas, ouvi fallar tambem na Al-
 mã, e nomeadamente em Baie-
 ra, não sei se pelo parentesco de-
 Saboya. Se V. Alteza como sempre
 foi servido significarme, quer me-
 thorar neste concurso o partido da-
 sua Serenissima Casa, importa
 que se não perca momento, en-
 tendendo V. Alteza que a seguran-
 ça que digo, he, a que hade ter todo
 o peso, e valor, as conveniencias da-
 pertendente ornaç, e que sem adi-
 ta seguranca, e meios proporcio-
 nados della, como faltos de fun-
 damentos solidos, não se lhe da-
 rá a attenção que merecem, sen-

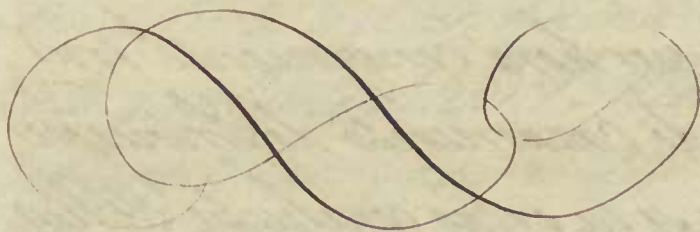
sendo firmes. Fello a V. Alteza
 com toda a quella confiança, que
 V. Alteza me tem dado, e faz de-
 mim, e assim torno a represen-
 tar a V. Alteza, que na resposta q
 espero, para satisfazer ás duas
 duvidas referidas, seria muito-
 conveniente que por huma clau-
 zula geral me dihesse V. Alteza
 que no dito caso se darão dapp. de
 V. A. e seus Estados, todas as seguran-
 ças convenientes, q dapp. de Port. se
 pedirem, p. tirar toda a desconfi-
 ança, e mostrar toda a sincerida-
 de com que o negocio se trata, e
 sua perpetua firmeza. 5 de

de Novembro de 1675.

Resposta

Respondendo á Carta de V. M. de-
go, que havendo entendido que
os Reis de França, e Hespanha
tratao o casamento, não me pa-
rece por hora conveniente tra-
tar do casamento do Principe
pois se eu ora o concluisse El Rey
de França, e El Rey de Hespanha
se dariao por offendidos de eu que-
rer conuorir com elles no casa-
mento, pello que entendo que se-
ria bem não negociar o dito ca-

casamento do Principe, em quan-
to se não vê o caminho que to-
mao os negocios do Embaixador
de Franca, e Ministro de Hes-
panha. 30 de Dezembro de
1675 H



61

Al Conde da Ericeira D.
Luiz de Meneses.

Meu Senhor. Já que descobri-
gados estão os doentes de escre-
ver, como os mortos de falar, e es-
te foi o impedimento porque na
falta passada faltou com resposta
a Carta de V. Senhoria me fez
merê a qual quando eu estive-
ra, ou me dera por muito offen-
dido, não só bastava mas ucedia
à satisfação dos maiores agras-
vos. Por relatórios ahiu ou-
vi, que a Historia de V. Senhoria

me louvava com discredito, ou de
 zambaditava com louvores. Por-
 que eu depois que fugi do Mun-
 do, tão pouco estimo hums, como
 sinto outros, contente-me com
 que estas noticias me entra-
 cem por hum só sentido, este
 foi o motivo porque o Senhor
 Marquez das Minas, eo Senhor
 Conde de Alvor referirão a V. Se-
 nhoria. Não me apliquei a ler
 a dita Historia porque a parte
 della que pertence ao Brazil,
 via com os olhos, ea outra par-
 te das Embaixadas passou-me
 pelas mãos, mas depois que

com segundo, e repellido favor me
chegou a ellas, mandado por
V. Senhoria o pequeno volume,
e grande Livro de pastrioto reus-
citado, gloriозamente na pena
de V. Senhoria, podes ella fazer,
que ainda depois de morto con-
tinuassem as suas victorias,
venhendome no pressuposto em
que ainda estava de não ler
o Portugal restaurado. Já ali,
e em ambos admiro o methodo,
a ordem, a disposiçao, a felici-
dade, a facilidade attilica do estylo,
a pureza da linguaagem, a arte
sem afectação, a descripção, o juí-

20, e todas as outras excellencias de
 que se pode compor no grão sú-
 mo ornais perfeito historia-
 dor. Só tem huma e outra es-
 criptura de differença o que cos-
 tuma dar a memoria, a anti-
 quidade, ou a vista. O Prologo de
 V. Senhoria começa assim: Hu-
 ma das maiores empyreas do
 mundo, he a resolução de escre-
 ver huma historia - ea empyre-
 a, e resolução de V. Senhoria foi
 muito maior que todas, porque
 não só se resolveo V. Senhoria
 a escrever historia do passado
 aos vindouros, se não de presenten-

te, ou quaze proximo dos que ain-
da vivem, e sendo as informa-
çoens dos sueptos sempre va-
rias, e na mesma variedade in-
certas, hi força, que em muitas
cozas, os que do anno de qua-
renta, e mais atras vivem a the-
hoje, achem alguns reparos,
que se encontraraõ com o facto,
e assim me succedeo no primei-
ro suepto do Brazil, que a his-
toria de V. Senhoria refere, que
foi atomada da Bahia, em q
naõ conuorda em muitas cir-
cunstancias o que V. Senhoria

refere com o que vimos, os que
 ainda vivemos, e os mesmo po-
 de supor nas batalhas, em que
 não concorda, digo, nas batalhas
 como I. Senhoria refere no Pro-
 logo, não havendo quem visse,
 ou podesse ver alguma coisa, e
 os que virão as partes quasi to-
 dos as referem por diversos mo-
 dos, com tudo destes claros, e es-
 curros, se compoem a pintura
 do Portugal restaurado, com
 tal proporção notada, e tal se-
 metria nas partes, que será
 muito injusto Juiz quem qui-

ser mais do possível ao estudo,
e diligencia humana. No que
me pode tocar me segura V. S.
Senhoria que nenhuma cousa
escreveria contra auaõ minha,
se não foy obrigado dos preuitos
da Historia, e se o tempo, e asau-
de me der lugar, pode ser que
procure de V. Senhoria, digo que
procure saber de V. Senhoria
sobre huma só proposição os
fundamentos da obrigação, ou
justificação com que ella se
escreve, para que eu já que
não posso emmendar esta

culpa, faza penitencia della.
Deos guarde a V. Senhoria mui-
tos annos, como dexijo, e Por-
tugal, e os criados de V. Senho-
ria havemos mister. Bahia
19 de Junho de 1689.

Antonio Vieira.

69

Ao Conde da Ericeira D.
 Luiz de Meneses, para ser -
 vir de Carta Circular

Meu Senhor. He' cousa tao
 natural o responder, que at'he
 os penhascos duros respondem,
 e para as vozes tem ecos. Pel-
 lo contrario he' tao' grande vio-
 lencia não responder, que aos
 que nascem mudos f'ez a na-
 turza tambem surdos, por-
 que se ouvissem, e não podessem
 responder rebentariao' de dor.

Esta he a obrigação e a pena, em
 que a carta que reuebi nesta fro-
 ta, de V. Senhoria, me tem posto,
 devendo eu só esperar reuimpo-
 camente, que a resposta do meu
 silencio fosse tao muda como
 elle, mas quiz abenignidade
 de V. Senhoria que neste exes-
 so de favor se virificasse o pen-
 camento dos que dizem, que
 para se conheuerem os ami-
 gos havião os homens morrer
 primeiro, e da hi a algum tem-
 po, sem ser necessario muito,
 reuiscitar, e porque eu em nao

responder fui mudo, como morto,
 agora com o espaço de hum an-
 no e meio, he força que falle, co-
 mo reuscitado. O que só pos-
 so dizer a V. Senhoria he, que
 ainda vivo, crendo com fe m.^{te}
 viva, não será desagradavel a
 V. Senhoria esta certidão. Não
 posso com tudo calar, que no
 mesmo dia de seis de Fevereiro
 m, em que entrei nos oitenta,
 e sette annos foi tão critico pa-
 ra a minha pouca saude es-
 te seteno, que apenas por mais
 abueia posso dictar estas regras

as quaes só multiplicadas em
 copias, sendo as mesmas, po-
 dem satisfazer a tantas obri-
 gações quantas devo à Patria,
 na sua mais illustre nobreza.
 sendo porém tão singular, e
 não usada esta indulgença,
 ainda reconheço por maior a
 que de novo se põe a todos, e he,
 que a pena de não responder
 ás Cartas, se comute na graua
 de as não receber da qui por-
 deante, assim como he graua
 e piedade da natureza, não ou-
 vir, quem não pode falar, e pa-

e para que o despacho deste for-
do memorial não pareça gene-
ro de ingratidão da minha par-
te, se não contrato útil de am-
bas, e muito digno de aceita-
ção, sirva-se V. Senhoria de-
considerar, que se me falta hu-
ma mão para escrever, me fi-
cáo duas mais livres para le-
vantar ao Céu, e encomendar a
Deos os mesmos a quem não
escrevo, com muito maior cor-
respondencia do meu agrade-
cimento, porque huma carta
em cada frota, he memoria de-

de huma vez cada anno, e as da
 oração de todas as horas, são lem-
 branças de muitas vezes cada
 dia. Estas offeruo a V. Senhoria,
 sem nome de despedida, e posto
 que em Carta Circular, e commua,
 nem por isto esquecido das obri-
 gações tão particulaes que a V.
 Senhoria devo, e me fizo impres-
 sas em o Coração. Deus q. a V. S.
 m. an. como lhe deu. Com todas
 as felicidades desta vida, em ma-
 is da que não tem fim. Bahia
 dia de Santo Ignacio 31 de Julho
 de 1694 = Cr. de V. S. - Am. Vieira.

Ao Principe D. Theodorio, per-
suadindo-o a que largue os este-
dos, e siga o Exercito de Mentijo.

Meu Principe, e meu Senhor, E
da minha alma. Dillo avizos
que vão a Sua Magestade enten-
derá V. Alteza com qual razão
escrevo esta, e muito mais com
que raiva, e com que impaciên-
cia vendo-me preso, e atado por-
na não poder em tal occasião hir-
me deitar aos pés de V. Alteza,
e achar-me ao seu lado em to-
do o perigo, mas eu rompereii

as cadeyas quanto mais depre-
 ca melhor possível, e partirei vo-
 ando, se não afazer companhia
 nos trabalhos do município, ao me-
 nos em ter parte nas glórias e
 alegrias do fim, que estes serão
 os passos por onde se hão de en-
 caminhar os successos, e felicida-
 des deste fatal anno; ou seja
 a guerra só em terra, ou só no
 mar, ou juntamente em ambas
 as partes, porque o meu retiro
 não especifica o genero, nem as
 particularidades della, empre-
 gado todo em referir, admirar,

e celebrar as victorias. Ah! S.
nhor, que falta pode ser que faça
a V. Alteza nesta occasião este
fedelissimo creado, e quasi porcos
considero a V. Alteza, com rezolu-
cao, valor, e experiencia que he
necessaria para saberem acons-
elhar a V. Alteza o que mais lhe
convem, em tao' apertados casos!

Mas ja' que na presente nao
posso, aconselho-se a V. Alteza coma
minha alma, que toda lhe má-
do a V. Alteza neste papel, e com-
toda ella lhe digo, que tanto que
chegar esta nova a V. Alteza, lo-

logo sem esperar outro pretexto e
ponha de curto, o mais bizarro
que poder ser, e se saia a Cavallo
por Lisboa, sem mais aparato,
nem companhia, que a que vo-
luntariamente seguir a V. Al-
teza mostrando-se no semblan-
te muito alegre, e muito deza-
sustado, e chegando aver, e re-
conheuer com os olhos todas as
partes em que se trabalhava, in-
formando-se dos designios, e ma-
dando, e ordenando o que me-
lhor a V. Alteza parecer, q' sem-
pre sera o mais acertado, man-

dando repartir algum dinheiro
entre os soldados, e trabalhadores.
e se V. Magestade por sua mao offe-
zer, levando para isto quantida-
de de dobois, este seria o meu
voto, e que V. Magestade se humane,
conhecendo os homems, e chama-
do os por seu nome, e falando
nao so as grandes, e medianas,
senao ainda as mais ordi-
narias, porque desta maneira
se conquistao, e se confortao, di-
gose confirmao os Coracoes dos
Vassallos, se V. Magestade o tiver da
sua parte nenhum poder de-
fora sera bastante a entrar em

em Portugal, sendo pello contrario muito facil, ainda qual quer outra maior empreza a quem tiuese o dominio dos Corações. Sua Magestade tem nesta parte hum vantagem muito grande e conhecida, que he estar de posse e poder dar q.^{do} Castella só pode prometer.

Como há poucos Antonios Dii nas há tambem poucos que saibão amar só por amar, e sua Magestade não deve esperar finezas se não contentar-se de que se queirão vender a aquellos que he for necessario comprar.

Apalaora, as ballas, os canho-
es são comprados, e bem se vê
o impeto com que servem, eo
estrago que fazem no inimigo;
e mais natural he em muí-
tos homens o interese, que nes-
tes instrumentos a natureza,
digo nestes instrumentos a mes-
ma natureza. Os que menos
satisfeitos estiverem de Sua
Majestade, estes cheque V. M.
tão mais a si, que importará
pouco que no affeto se devidão as-
contades, com tanto que no af-
feto a Sua Magestade, e V. Alte-
za os achem obedientes, e unidos.

Faça-se V. Alteza amar, e nesta
 só palavra digo a V. Alteza ma-
 is, do que poderia em largos dis-
 cursos. Considere V. Alteza
 Senhor, que está he a primeira
 auxilio em que V. Alteza hade ad-
 quirir nome, ou de mais, ou de
 menos grande Principe. Toda-
 de, o engenho, as obrigações tudo
 está empenhado; a V. Alteza
 obrar como o seu Real sangue
 opede, e mostrar ao mundo q
 he V. Alteza herdeiro dos seus
 famosissimos Progenitores, não
 só no Sceptro, mas muito ma-
 is no valor, toda a Europa, cujos

ouvidos estão cheios de louvores
 de V. Alteza, está com os olhos nes-
 ta occasião que hi a primeira
 em que V. Alteza sahe a repre-
 sentar no Theatro do mundo,
 e na qual o nome que V. Alteza
 ganhar com suas acções será,
 o porquê será avaliado, e esti-
 mado para sempre. Não
 aconselho a V. Alteza temerida-
 des, mas tenha Portugal, com o
 do conselho de V. Alteza, que an-
 tes desmaza os perigos, do que os
 conhece, e o que toca a seguran-
 ça da pessoa de V. Alteza, deixe
 V. Alteza sempre ao amor, e de-

eculo de seus Vábulos; mas não
 evitando nesta parte o Conselho
 que de muito longe possa tocar
 ao deícor. Fica esta só na-
 mão de Deus, e esta he a ouzarias
 em que servem as Philosophias, q
 tantas vezes ouve a V. Alteza do-
 desprazo della. Da mesma
 criação de V. Alteza sahio Achi-
 les a ser terror de Troya, e fama
 de gloria; e esta mesma descon-
 fiança a qual inulco a V. Alte-
 za ofes mais Achilles. Eya,
 meu Principe, despida se V. Al-
 teza dos Livros, que he chigado

o tempo de ensinar aos Portu-
gueses, e ao Mundo todo, o que
V. Alteza nelles tem estudado.

Armas, guerras, victorias por
bandeiras, inimigos, e Coroas
aos joés, são de hoje por dean-
te as obrigações de V. Alteza, es-
tas as minhas esperanças.

Oh como as estou já vendo, não
só decumpanhadas, mas glorio-
zamente excedidas! Agraça
do Espirito Santo, que he Es-
pirito de fortaleza assista no
coração de V. Alteza, cuja mui-
to alta, e poderosa Pessoa guar-

de Deus como a Igreja, os Vasa-
los de V. Magestade havemos mister.
Roma 23 de Maio de 1650.

P. S.

Faço meu Substituto ao Padre
Ignacio Mascaranhas, a quem
peço oia V. Magestade com grande
confiança nestas materias, por
que foy muito no seu valor, reso-
lucão, e Conselho, que tenho bem
experimentado, e peço de V. A.
meu amor estes, e outros atre-
vimentos desta carta).

Antonio Vieira

87
Proposta

Senhor.

Deo se ventile unicamente
o ponto expreçado abaixo, o qual
comprehende duas proposições
que se achão na minha pro-
posta, de quatro que offereci; e á
vista d'elle se veráõ os funda-
mentos com que a Camara da
Bahia, responde sobre a ma-
teria deste mesmo ponto.

Offereci na primeira proposi-
ção reduzindo aos melhores

termos de mostrar as perdas que
 occasionaõ os Corsarios em to-
 da a quella costa do Brazil, e a
 evidencia o tem notoriamente
 feito experimentar a si; de
 que resulta naõ só as perdas
 presentes, se naõ tambem, que
 ao mesmo tempo que estas tem
 principio se destroem por conse-
 quencia o patrimonio Real, co-
 que atthé agora se tem visto com
 os tais Corsarios muito mais
 se hade observar na paz, por-
 que os Ingleses, Holandeses e
 mais Nações vendo o silencio
 della, naõ tendo o pretexto da

da guerra para os seus interesses
particulares, que athé agora re-
cebia's pollos meos della, tudo
serão levantados, que aeste res-
peito, huns se farão arribados,
e outros fingindo contratempos
do mar, será assim continua-
mente o Brazil assolado, e des-
te modo não menos que a
Coroa. E para este tão consi-
derado damno, a pontou-se por
remedio, trez ou quatro Naos
de sincoenta, athé oitenta pes-
soas, porque assim seria's as ta-
is Co'sas levantados, destrui-
dos, a respeito de que as forças

das taes Não seria occorria o p.
 os seus poucos interesses. Cos-
 meios para a sustentação ac-
 tual destas Não inculquemos
 na forma que se referem, e hé;
 que o concurso das Minas se-
 faga unicamente pelo cami-
 nho de Santos, que este foi o prin-
 cipio, deq. foi o seu principio, e
 que então transportem as taes
 Não tudo o que entrar para el-
 las, fazendo viagem continua
 de hums portos para outros, dis-
 pondo assim o augmento do ne-
 gocio, o qual se tem destruido por
 não haver a providencia das-

Não que se apontão, em cujos
termos se segurão deste modo
as fazendas e as gentes, e evitan-
do-se as perdas de que são cau-
sa as summas, a fim pello mu-
bo que se lhe fazem, como pella
desordem que ornar lhe motiva,
etudo pella sua pouca resisten-
cia; e isto que há seis annos so-
leito com grande instancia,
e apontada esta materia por
conveniente no anno de 74,
pello Ministros Superiores, tem
o exemplo nas grandes Não
de Genova porque em algum tem-
po usavão os Genoveres de em-

De embarcações pequenas, e pel-
 los damnos que experimenta-
 rão tomarão o expediente de as
 reduzirem a menor numero,
 e de maior força, resultando-lhes
 não só novas conveniências,
 se não também novos respei-
 tos. Enão menos offereço a fim
 os Francuezes, e mais Nações
 com as Galeras, de que muito
 uzarão, mas como estas não
 servem se não para certos tem-
 pos, e mair pacifico, as extin-
 guirão, estabelecendo Nãos de
 alto bordo, que servem para
 tudo, e a fim também os os de

nhor Rey Dom João o 4.^o com as
 embarcações mercantis de vela
 Latina, que deste porto faziam
 viagem para o Brazil, e que se
 usavam só de velas redondas co-
 mo hoje se observa, e a respeito
 do referido são as Naos que se
 apontão tão precizas, como a ne-
 cessidade dellas o está incul-
 cando. Enos termos de que
 a entrada do concurso das Mi-
 nas seja só por Santos, assim
 como se principiou, he sem du-
 vida que entra para ellas me-
 nos numero de oito a the quin-
 ze mil pessoas, entre brancos

e fretos, que de humas e outras
se pagão de mil reis as su-
macas, que athi agora as trans-
portão, cuja importância ap-
pliada à Fazenda Real, a res-
peito de se encaminharem
estes transportes às Naos que
se inculcão, semelhantes às
de Genova, excederá a receita des-
ta importância digo, desta con-
veniencia á despesa que a sta-
is Naos podem fazer, porque
a despesa nunca excederá de cen-
to e oitenta mil cruzados, e a
tal receita dos transportes, au-
cundo. Mes ainda as fazendas

de volume, excederá muito mais
de hum conto e sincenta mil
cruzados, o que melhor mostrará
a experiencia, alem do que já fi-
ca referido na grande utilidade
que se segue por estas Nãos a res-
peito da ruina que motivão ás
summas pela sua pouca resis-
tença, e motivando ignominia
á frota. Em cujos termos se vê
tambem com evidencia que os
meios que até agora se tem
apontado para a dita sustenta-
ção actual das Nãos serem acha-
das naquelle remedio que se
tem insinuado com que só se

se podem conservar, e augmentar
 as fabricas do tabaco, e do açúcar,
 que he evitar os muitos caminhos
 para as Minas, e isto he a ma-
 teria do terceiro ponto da minha
 proposta, em que mostro, que as
 muitas entradas são as causas
 urgentes da sua ruina total, e
 por onde se vão esaurindo e per-
 dendo a Republica daquelle Es-
 tado os alentos da sua opulencia,
 assim como he facil destruir-se
 o corpo de hum grande rio, se na
 distancia do seu curso se acham
 em partes muitos caminhos
 por onde se deriva, ou distribua

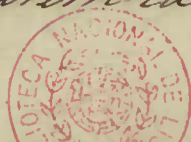
pella terra toda a agua de que se
 tinha formado, e assim tambem
 como he facil perder hum corpo
 vivo, se em auto continuado,
 ao mesmo tempo com ucesso he
 tirarem o sangue por todos os
 seus membros, e bem se sabe que
 os corpos das Republicas são fa-
 cils de acabar, se por muitas
 partes he tirada a substancia, e
 por isto se não compadue, que
 o Brazil se possa conservar ha-
 vendo tantos caminhos, porque
 são o motivo de inquietar ainda
 os animos menos dispostos pa-
 ra a ambicao, pella facilidade,

e franquiza com que estes cami-
 nhos persuadem as gentes à cu-
 bila do ouro. Com que se respei-
 to de que a entrada das Minas
 seja só pelo dito porto de San-
 tos além como principio, he
 tão preciso, como a razão do refe-
 rido otem mostrado, pois com
 ella se evitão as desordens forja-
 das nas muitas entradas, e des-
 cobrimos se tambem no paiz
 deste medio os meios para adi-
 ta sustentação das Naos inul-
 cadas, e destruindo se deste mo-
 do todas as ouzarias das praias
 de terra, e mar.

Esta materia ainda ares-
sem algumas circumstancias,
que he preciso apprecialas, pa-
ra que se veja a importancia
do que foy referido, esão as se-
guintas. Que sendo a entra-
da das Minas unicamente
por Santos como principio,
impossibilita V. Magestade, e
destrae a fim a forza dos Pau-
listas, mas conservando-os em
amizade, e desvanue todos ore-
cejo, em ordem ás suas inons-
tancias, porque se engrocarão
a quelles seus Pais de Vábulos
deste Reyno de tal sorte, que

em poucos tempos ficarão inax-
pazes de respirarem, em cujos
termos ficas também destrui-
das as intelligencias das Na-
ções Estrangeiras, quando as ful-
minarem em qualquer tempo,
porque então não terão espe-
ranças de admetidas, especii-
almente havendo as Nações que
se apontão, pois estas lhe im-
pedirão o poderem comunicar
as astucias, porque servirão de
guarda continua á quellas ci-
dades que podem servir de meios
para a introdução destas Na-
ções. É a maior razão do referi-

do he a experiencia daquelle
recuo que houve com a ultima
Esquadra Francesa, que passou
ao mar do Sul, que supondo se
da qui hia a lanta, deu gran-
de cuidado, este se pode agora
remediar, para evitar no futu-
ro, não só occasiões de cui-
dado, mas de ruina certa.
E sobre tudo, o caminho de lan-
tas, he só o das Minas, que os
mais são viuosos, porque foram
abertos pelo interesse da am-
bicio particular, os quaes tem
sido toda a occasião do Brasil
padeur, e sahirem lá todas as



as coizas fora da sua ordem.

E para que V. Magestade porcha
logo as trez, ou quatro Nãos na
defeza daquelle Estado, sem de-
mora de tempo, porcu, que se-
embolse V. Magestade se for ser-
vido da importancia da venda
da quelles dez, ou doze officios
de Corretores do numero, que in-
culqui se podião crear na quel-
le Estado, fundando-me na quel-
la razão porque se creariao nes-
ta forte, e tambem que se possa
vender o officio de corretor dos
contratos Reais daquelle Estado,
assim como se criou o desta forte,

que hoje occupa Luiz Peres.
Eda importancia destes officios
se podem comprar a tais Nãos
aos contratadores, as mais con-
venientes que possam servir pa-
ra o ministerio que se aponta.
Quando a fim não se possa po-
de V. Magestade por modo de
empréstimo, tirar da sua fazen-
da lá no dito Estado este dinho,
e então do interesse deste acres-
cimo dos transportes tomar a
emballar se a fazenda desta quí-
tia, ou fretando se estas Nãos de
modo, que acomode a seus do-
nos, até que as hajão propri-

as da fôrça. Assim ofazem as
 Navios Estrangeiras quando
 lhe faltão para o emprego de
 suas empresas.

Em nenhum dos modos apor-
 tados parecer muito mais facil
 parecer, que V. Mag.^a separe tres,
 ou quatro Nãos da quellas, com
 que se acha a fôrça, e Junta do
 Commercio, applicando as a es-
 te emprego, porq^{ue} nisto consis-
 tem o fundam.^{to} p.^a das 22 Nãos
 oferecidas, como por p.^{tes} no seg.^{do} e
 quarto ponto se verá assim mos-
 trando tudo com evidente clareza.

105
Resposta do Padre Geral da
Companhia à Rainha de Portu-
gal, à carta do que elle escreveu do
Padre Antonio Vieira.

Singularissimo affeto de V.
Majestade com a nossa mini-
ma Companhia, he para mim
tão notorio, e aprovado com a ex-
periencia, que não posso deixar
de venerar qualquer insinuação
da vontade de V. Magestade por
hum rigoroso preceito da mi-
nha obediencia, eo que V. Mage-
stade agora me ordena sobre a

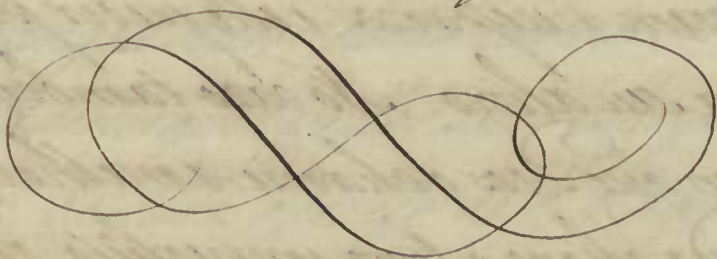
a impressão do Livro intitulado
Savi Prophetarum - do Padre
Antonio Vieira, ainda que eu, ea
companhia não fossemos tão in-
teressados no credito que nos
grangea hum Várão tão douto,
e admiravel pelos seus escrip-
tos, bastava o desejo de V. Mage-
stade para me obrigar a fazer
tudo o empunho para que esta
obra que justamente he a espou-
tação de toda a Europa, saia
à luz, atodos os particulares de
V. Magestade me ordena, dou in-
teiro, e devido cumprimento, ao

ao mesmo Padre Antonio Vieira
escrevo, encomendo muito satis-
faça o gosto de V. Magestade, e para
o mesmo fim lhe concedo perma-
nentes quanto Religiozas lhe
forem necessarias, e elle poder pa-
ra seu alivio. No caso tambem
em que Deos o chamar a melhor
vida, e fique o Livro imperfecto, or-
deno ao Provincial do Brazil, com
preuito grave, e de obediencia exe-
cute o q. V. Mag. dize em. D. q. a lre
al Bispo de V. Mag. por m. e felici-
simos an. como eu toda a comp.
lhe pede, e seus Vassallos necessitados.
Roma 28 de Jan. de 1696. De-

De V. Magestade

Obequiosissimo, humilissimo,
devotissimo servo.

Thiemo Goncalves.



149
Copia

Da Carta que se escreveu sem no-
me, da Villa de Borba, ao Doutor
André Vaz da Costa, nomeado Ju-
iz de Fora da mesma Villa em
13 de Julho de 1714.

Hum amigo, ainda que
desconhecido, verdadeiro amigo,
attento ao que publica a fama
da vossa prudencia, sciencia, e
virtude, anteveio attentamen-
te, que para o vosso acerto, devem
primeiro preceder noticias do
estado do povo a que vindes gover-

nar, deixando que os vossos preli-
minares sejam experientes auctos,
vos quer descobrir os melhores ca-
minhos da vossa conservação, da
vossa inteira justiça, e de toda a
satisfação deste lugar.

Tala sem dependência, vive
exento da vossa jurisdicção, não tem
posseão, nem partiicular afflito;
e assim se obriga a dizer-vos o se-
quente, mais como vosso ami-
go, do que como interessado. Aci-
tai a recusa, que he de bom Me-
dico, por ser bom amigo. Neguis-
quam melior Medicus, quam fi-
dus amicus, disse Cato. Efforis

to. Sivis ad vilam ingredi, servus
mandata. Nome servidão, Im-
perial cuidado, peizado cargo, il-
lustre penção, he o officio de jul-
gar! Servo comum, ou honora-
rio, chamao alguns ao Minis-
tro, e não está fora de termos o
título, porque quem a todos ser-
ve, he verdadeiramente servo
de todos. Não estranheis o ter-
mo, que anda anexo também
ao Supremo cargo, qual he o do
Santo Pontífice, o qual por rema-
te de toda a dignidade se costuma
relatar servus servorum. Bem
entendeo ao referido Antigono

Puy de Maudonia, que vendo seu
 Filho tratar mal aos Vábalos, o re-
 prendendo, dizendo. Me. Amigo
ras Filii mi Imperium nostrum
nobilem esse servitutem? Calpe-
 bem, quando media qualidades
 de suprema Dignidade, com as-
 pensões de servil cuidado.

Anda meu Senhor, anexo as-
 oiro as faxes, as solas voltas, as flo-
 ras os Apocides, que como, ainda
 que de oiro, posto nas mãos de
 hum Ministro não foi pensio-
 nario? Diga o o de Pariz, que ao
 tempo em que se vio sentenciado
 do fies remores a hum mundo in-
 teiro. Alta doutrina, para este

ponto, se o estilo não fora fabuloso;
 poreo vamos a elle.

El Rey para todos, y amigo de
 ninguno. A Justiça inimiga
 da sociedade estabelece seu Im-
 perio só com siigo. Para Phenix,
 que izenta logra creditos de uni-
 ca! fristalino espelho, que in-
 teiro vive só para huma forma,
 co multiplicar figuras, he sig-
 nal de quebra. Tantos arru-
 gos tem hum Ministro, em
 tantos pedaços se quebra de jus-
 tia o espelho. Não necessita o
 Ministro de arrimo trazendo-
 na mão todo o governo. E dei-
 xando exemplos diversos de-

de casa temos o melhor exemplo,
em hum Rey D. João o 2.^o que te-
ve por injuria o ter valido, e com
admiração do mundo o celebra-
mo os Príncipes da Europa, por
Rey que governou, sem ser gover-
nado. Hum Filipe prudente,
senhor deste Reyno, que a
maior pena que levava na ho-
ra da morte, e summe em vida
o acompanhou, foi o considerar
que seu Filho havia de ter va-
lido. Medonho bicho he o vali-
do. Ave nocturna que vive das
trevas, foge da luz para a escu-
ridão. Nesta Villa tendes hum

115
aíhe' dois, que háo de procurar com-
anua o vosso valimento, e se ho-
deris tereis infalivel o vosso pri-
cipio. A maior parte da no-
breza della, a quem eis vinda, todos
com animo de vos cortjarem, e
servirem, sem mais interesse q
seu bom primor; ainda que esta
nobreza ande a sem vinda, tenho
observado que nunca offenderao
residencia de Ministro, que des-
ta Villa foi capitulado, ou levou
mã residencia; não haverá quem
diga, que a maior parte da nobre-
za não achem a seu favor. Gene-
ro timbrã não alentam o respo^{to}.
com ultraje aheio! Muito vos-

vos encomendo não admitais va-
lidos, sei eu que anda hum pa-
ra o ser, sem mais voz, que a sua
riqueza, e hi o que basta para ser
ouvido, como diz o Espirito Santo:
Locutus est dives et omnes tolle-
runt et verbum ejus usque ad
nobis perveniunt. porém espero
que o vosso primor o não fará ou-
vido, utilissimo meio para a vos-
sa conservação.

Os officiaes da vossa Serrentia,
inimigos necessarios, e domesti-
cos de haris a hums com voz de
Cythara / semelhantes aos que
vio o Evangelista no Apocalyp-

117
se e nesta melodia são tão dis-
cordes, que bem mostrão as vozes,
que o jucundo he mais anima-
do da pena que o toco, e da máo
que os governa, que da natureza
que lhe repugna, porque sendo
o coração de aço, qual todas cor-
das, são as vozes docura, qual
a lixoria: Ouvidos de Ulysses
a estas vozes, quando vos lison-
guarem, sahei que dizem mal
de vós, quando com aúcia auu-
zarem, dai contra elles a senten-
ça. A Christo chegarão os escri-
bas, auzando a mulher adul-
tera, e ainda que Christo a co-

a conhevia culpada, pegou a es-
 ver com o dedo na terra, e dizem
 os sagrados Intrepretes, que es-
 crevia a Sentença contra os que
 a accusavão. Assim havia de
 ser a accusação afutada dos Es-
 cribas, dando-se contra elles mes-
 mos a Sentença. Quidado nullo,
 que ninguém os conhece melhor
 que eu. Três delles são' postesi-
 mulada, com voz de bons homens,
 tidos e havidos por tais, mas
 se poderem háo de fazer de hum
 Abel Caym, e de hum Caym,
 Abel.

Especial cuidado em fazer

119
observar as guardas dos fortifica-
dos, diz Santo Isidoro. Judex,
dictus est quasi ius dicens, non
ergo est iudex si iustum in eo
non est. Não pode hum Várão
fazer bom officio de Juiz estan-
do á sua vista consumindo se
vinhas, Pomares, Olivais, e se-
menteiras, sem que nisto ha-
ja grande reforma. Este des-
prezo, e pouco caso que os mais
Ministros tem tido neste par-
ticular he tirou o nome de ma-
ximas / porque forão bons / por-
hirem, ex diametro, contra o
preceito maximo da justiça =

alterum non cadere. Ha' nesta
terra vario gado Vácuo, posta
sobre sua homenagem, de que
nasce ser o damno grande na
intenção, e execução, neuspita
nao mais que de huma voz
com resolucao.

Ha' neste povo hum Idolo,
e se antigamente o povo obste-
nado deu adoracao a hum Be-
zerro feito de ouro do mesmo po-
vo, o mesmo succedeo a este povo
com hum deposito de bens de
raiz, que chegou a cinco, ou seis
mil cruzados. Era adorado de
todos, mas com tal decora, que

andando no puto para a venera-
 ção, ninguém lhe pôs a mão p.^a
 gastalle no Corô, sendo de sua sub-
 stancia. Pergunha' he as mãos só
 os Summos Sacerdotes, não fal-
 ta quem diga, que derretido com o
 calor da cubica, fazia que as ma-
 ãs dos Summos Sacerdotes lhe
 ficassem pegadas. Eu não creio,
 por não crer em Idolos. Suedes,
 que o Governador desta Provincia
 Junia Didade della teve noti-
 cia desta adoração, e mandan-
 do desfazello o applicou em ter-
 ra para as muralhas de Cam-
 po maior.

Com o Idollo adorado do Povo se
 enojou Deus, e mandou reduzir
 a terra. Com a adoração deste
 theouro, se despertou a justiça,
 ou injustiça, dando com elle
 por terra das muralhas. Se o
 Povo não adorara não desper-
 tara sua ruina, se usara d'elle
 bem gastando-o em obras do
 Povo, não se vira agora o Povo
 arruinado, eo Idollo desfeito. Vê
 de Senhor, como este rio de Arah,
 foi em tudo semelhante ao de-
 posito desta Villa, pois agora a
 consequencia, he, que o que sobra

depois de completo o Patrimo-
nio Real, se gaste em obras pu-
blicas, que está este Povo tão fal-
to dellas, que he hum lastimo-
so campo de Troja.

Vigilância com os Orfãos.

No Cap.º 21 do Genesis se repete
duas vezes, que ouvia o Senhor
as vozes de hum minino, Filho
de Agar, escrava de Abraham, q
a Mai deixou no deserto só - it
exaudivit Dominus vocem Pueri
et exaudivit e pois tão particu-
lar attenção avia tão pequena?
Sim, este minino era Orfão, es-
tava desamparado de Pai e Mai,

e a hum dezamparo devem se
 multiplicar as atenuações. Nes-
 te País há muitos destes dezam-
 parados, que chorão, e chorão em
 hum deserto, também, e compo-
 or fortuna, porque não tem si-
 do ouvido, hums porque seus
 Tutores são ricos, e poderosos, ou
 tros porque de baixo de su Capa
 de parentes paleão furtos, ati-
 tulos de mais interesses para
 os orfãos, sendo tudo damno
 seu. Estas vozes que chegam ao
 fco, ainda que dadas em odesis-
 to, e quem que chegando aos vossos
 ouvidos, achem remedio igual

a seu damno.

Há huns furtos formigueiros,
que também importa muito evi-
talos, qual he hum pezo na ca-
za do peixe, cuja ligeireza nellas
he menos leve, q onca, e mais re-
cia que quarta, tambem neces-
sita, que os que pezaõ sejam fei-
tos em quartos. He mal este
taõ contagioso, que nunca nes-
ta terra se lhe soube dar reme-
dio, eu só lhe considero hum, q
he, o pezo, como se usa em
muitas partes, cujo estilo vos
praticarão, se o propuzeres, sen-
do que descobriries melhor cas-

caminho para este grande dam-
no, pois = Omnia Sapientibus
facilia.

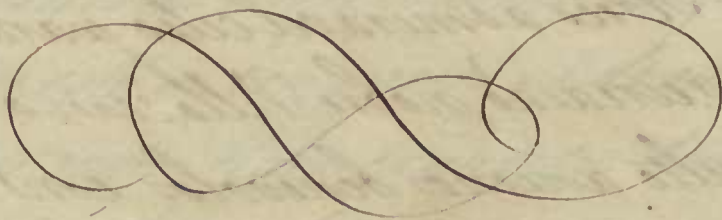
Não podéis dizer que vos en-
gano com voz de Jacob, e mãos
de Ezaú, porque como o que vos
digo, nem determino pessoa,
nem relato bem particular, e
só attendo ao bem common, e
podeis ter porfi minha voz, e
se esta se compoem só do que
se ouve = fides ex auditu, ten-
do estes meus avisos por por-
to de fi humana, me parese
não errareis no governo que

he necessario a este povo, que no-
commum, ou politico, vejo, que
sois tao singular Letrado, sen-
tendo, que nao necessitais de
Conselho, nem eu me arroja-
ra a mais, que a relatar. vo-
s particular do povo, porque
delle nao tendes razao de sa-
ber.

Teris admiravel citio para
a curacao, nobre Villa em o-
culto, animos benevolos em
vos servir, e agradar com exe-
civo afeto. Nao dehareis
embaraços, nem pleitos excessi-

vos, nem ranhos apaixonados,
e sobre tudo acharis em mim
o maior desejo de vosso aucto,
sem que saibais nem a quem
vos fizes este avizo.

De vos Ingenios.



Discurso politico, que fizes o Mar-
quez de Cascais, sobre a proposta
abaixo escripta, mandada pello
Principe nosso Senhor.

Proposta

A V. Magestade Portuguesa
convenem, e compete, o conservar-se
com o luximento dos mais Mo-
narchas da Europa, para o qual
hi forcoso lançar tributos ao Povo,
o que se não deve fazer sem haver
guerra, e esta hi muito justo se
faça a Espanha novamente, ain-
da que seja intentada por algu-

quemas occorrendas livres, com q^{ue}
ficará o Principe tendo o luxuri^{to}.
necessario, e muitos Fidalgos po-
bres com que viver, e os espiritos
guerruiros de Portugal, tantos, e
tao bons como nelle ha, em no-
vos, e honrados empregos, para
mais mercês.

Proposta do Marquez

Mandame V. Magestade,
que discurre sobre a proposta, e
porque me manda quem pode,
dizei o que entender, com tanto

que V. Magestade me perdoe, se
tropeçar no que entendo. Para
o que me he' necessario invocar,
naõ as Musas, como o Mantua-
no, mas o Divino Espirito, da
onde virão todos os auctos des-
ta reposta. Não se infere sa-
ber, subtiliza sim, e para os con-
selhos, mais aproveitaõ as sub-
tilezas do discurso, do que o sa-
ber só do juizo.

Senhor, tão facil he' pergun-
tar como difficil o responder. Com-
propriedade os Portuguezes que-
rem ser Senhores tanto de su-
as avoiz, sendo as Nações Portu-

quiza a menos subtil, e astuta,
 que não buscou a Deus, nem con-
 sultou os Oraculos, quais são os
 sabios, os quais foram sempre a-
 valiados por Oraculos no mun-
 do, da onde vem, que tanto erras
 no propor, como também no
 Deferir. Errar sem Conselho,
 he antigo costume dos homens,
 e errar advertido, isto he só con-
 dicio dos Demonios. Os pruden-
 tes, ainda preguntados, não res-
 pondem, e os simplicios, sem fa-
 larem dizem tudo. Aquella
 Sciencia, que sófia no poder hu-

humano, he toda monstruosa,
 que he toda cheia de erros. Quem
 quizer começar a saber entre
 pello terror de Deus, entao propo-
 ra bem, e respondera melhor, e
 aconselhara com acerto. Tello,
 e Santo, era o Santo Simão, cha-
 vando de tomar o Menino Deus
 nos braços, primeiro the viu do
 Espirito Santo o que havia de fa-
 zer, eo que havia de responder.

Na infancia do mundo, a re-
 zao alimentou a justica, hoje
 a justica he que conserva a rezao,
 e como boa Mãe, e como boa Fi-
 lha, vivem mal huma sem ou-

outra, defender o proprio, he' re-
 zao, e he' justica, querer o alheio,
 nem he' justica, nem rezao. por-
 que como esse se possue com ma-
 fe, nao adquire posse, nem se-
 logra com decanço, nem chega
 muitas vezes a terceiro possui-
 dor. O que se adquire com an-
 cia defende-se com cuidado.
 Nao na Azia, nem na Ame-
 rica temos nos exemplos; na-
 nossa mesma Monarquia
 o temos. Aquelle segundo Se-
 nhor de Espanha, Felipe Pru-
 dente, com mao armada e com
 justica tirou das mao's dos Pro-

Progenitores de V. Magestade o -
 Centro deste Reyno, e todos ou -
 vinhos, sabemos, e vimos elle
 o governou com cautella, seu
 Filho com rucios, e seu Neto o -
 veis a perder. Grandes outras
 couzas ajuntarão á sua. Cada
 digo á sua Coroa os Monarcas
 fastemanos com a sum ruzão
 das armas, mas ao tempo que
 sem justia as tiravam, vimos
 hir perdendo as do seu Patrimo -
 nio Real, como foram as do largo
 Imperio de Flandres, e outras m.^{tas}
 partes, que comessarão a descom -
 pôr a sua força. O grande Capi -

pitas. Moyses tirou do Captivei-
 ro de Pharaó aquelle tão amado
 Corvo de Deus, e pollo em liberdade,
 e pias; porém as graças que
 rendeo este Corvo a Deus, foi ido-
 latrar a fundição de hum be-
 zerro, e suspirar pellas cebolas
 do Egypto. Culpa que os fez an-
 dar errantes quarenta annos
 pollo deserto, sem entrarem
 na terra de Promissão. Gemi-
 ao também com grande rezas,
 e suspiravao os Portuguezes
 pella liberdade sempre ama-
 da, e por seu Rey natural, deu-
 lhe Deus a liberdade, e da the

seu Príncipe natural com grande
 concórdia; mas por suspirar
 nem ainda, ou por seus, ou por
 outros peccados, os castiga Deus
 com trinta annos de guerra
 / largo prazo para a ruina to-
 tal de humna Monarchia, se a
 mão de Deus nos não defende-
 ra, e nos conservara / Só tres
 vezes se vio em Roma fecho
 do o Capitolio, digo, o Templo
 de Jano; a primeira em tem-
 po de Numa Pompilio, a segun-
 da depois que se acabou a se-
 gunda guerra de Carthago, sen-

sendo consul Tito Manuio, a
terceira em tempo de Augusto
Cesar, quando Deus fôto homem,
e Minino nos deuhou a paz.

Senhor a paz trouxe a Deus, des-
no-la Deus, a guerra introdu-
zio a o Principe das trevas Sa-
tanaz: Se a paz he amada dos
bons, por consequencia hade
ser aborruida dos maos, don-
de se segue, que só os maos, e
perversos deizão a guerra.

Livrou Deus a V. Magestade,
e aos Portuguezes, das unhas
do Leão, veniêdo-o, e pondo nos

em paz, enão se sabe atthé aq-
 ua, que auoís de grauas obras -
 sem os Portuguezes para com-
 Deus, portão admiravel merce,
 introduzidas da cobica, que he
 Fera peissima que já mais se
 farteu, pior do que qualquer Fu-
 ria, e raiz de todos os males Dia-
 bolicos, maximas, e politicas
 de Satanaz. Oh! Se Deus qui-
 zebe, que se forja se outra Fabri-
 ca de Perillo! Bem galante, e
 afeito proverbio he aquelle dos
 Gregos, que diz = da guerra a paz,
 da paz a abundancia, da abun-

dancia o Occio, do Occio a mal-
licia, da malicia outra vez
a guerra. Entre quaiſquer des-
tas couzas, me pareſſe a mim
ſe deve intrometer hum bom
ſeuulo de annos. Mas os Por-
tuqueſes querem ſe parecer com
Deos, querem em poucos dias
fazer muito, querem que o que
havia de ſer ſeuulos, ſejaõ di-
as, porque na ſegunda feira
bendo eſtaſſamos na guerra,
na terça feira na paz, na quar-
ta feira na abundancia, na
quinta feira no Occio, na ſexta

141
feira na malicia, e no sabado
outra vez na guerra.

Senhor, a quelles que a con-
sehaõ a guerra a V. Magestade
para luximento proprio da
Magestade, não amão a Ma-
gestade, amão a guerra para
luximento proprio; porque a
Magestade não vive de comer
ouro, nem de vestir diamantes,
vive só de virtudes, de verdade,
e de bondade. Lá entre as pa-
rinhas de Bellem, buscarão
os Reys os Mininos Deos, e não
nas glorias do Tabor, porque

muitos resplandores nos vivos, atthé
os Apóstolos desvanecem.

Cyro, Rey dos Persas, com surgen-
tio, disse, que não hera meruedor
de ser Rey, se não a quelle que fos-
se melhor para os Vassallos; eo
grande Alexandre á hora de
sua morte preguntando se lhe
a quem deixava o seu Impe-
rio, respondeu, que ao melhor e ao
mais digno. El Rey D. Afonso
o Sabio de Aragão, com o seu ves-
tido de panno, disse, que na Cebrá,
e não na Púrpura, consistia
a authoridade maior. Aquelles

que querem ver a Magestade lu-
zida, devem tirar desi, e do seu
luzimento para a Magestade,
mas não dos pobres, e ainda da
mesma Magestade para os seus.
Os que não trouxerem as suas
alampadas bem providas, não
procuram, nem esperem entrar
nas bodas de galilea; e a estes di-
ga J. Alta nescio vos. Porque
a guerra que os Portuguezes sus-
tentarão, que sempre a guerra
hè á custa dos Povos, os deixou
tão maltratados, que ainda as-
chagas que ella hefes, não es-

estão sãos, e por esta razão estão
 aborrecidos tanto da guerra, que
 se outra vez arrirem sem ser m.^{to}
 justificada, haõ de arrabentar
 em desenhos, ou procuraras
 athenas climas, se não for Prin-
 cepe estranho; que acorda ain-
 da que fina se a apertaõ mui-
 to, estala, sendo que os Reys haõ
 de ser os que fazem os Povos felizes;
 e os mesmos Povos emtaõ hi que
 fazem os Reys sempre grandes.

Perguntando hum Rey a Spo-
 lonio, Capitão, que remedio teria
 para governar o seu Povo em-

em quietude, responde, quedan-
do credito a poucos, e ainda aces-
tes com cautella, mas comuni-
cando se a todos: Sofre mal a
Republica, que o Principe sen-
do Senhor de todos se comuni-
que a poucos, porque o respeito,
soberania, e poder do Principe,
nao conservao ao mesmo Prin-
cipe com extremadas esqui-
vancias, se nao com o mais sua-
ve trato, e agradavel conserva-
cao. Desgracados dos Prince-
pes a quem os Vassallos nao ser-
vem por amor, e por ahi a Re-
publica a quem o Principe nao

não paga muitos agrados e af-
feitos, se não sómente serviços;
o amor dos Váscalos pode se so-
frer agado, mas o do Principe
hade ser puro. Mais Prince-
pes se perderão por austeros, do-
que por familiares, porque co-
mo do trato nasce o amor, tam-
bem nasce da estranheza a es-
quivança. Por soberbo perdeu
Tarquino o Reyno, e não por
adulterio. Não inuella a Ma-
gestade estas virtudes porque
he faltem, porque estas e outras
virtudes, digo e outras muito
copiosas conheço eu em V. Ma.

147
Majestade, mas porque he não
caixa da memoria, mas repito,
porque do que he licito, devemos re-
catarnos, e do illicito fugirmos.

Quem alcançou a pax na alma,
tem Idolos no coração, quem tem,
elogia pax neste mundo, trate
sómente de pôr os olhos no céu,
que a memoria da guerra que
antes se amou, não basta que
se corte, he necessario que de to-
do se arranque. Os espiritos
guerreiros amem muito em-
bora a guerra, mas não apo-
nham impraticia na Patria;
se a desejão, busquem-na nas Rey-

nos estranhos com os Infieis, que sempre he justa, e com os Christaos poucas vezes.

Os nobres Principes Portuguezes desde Senhor D. Affonso Henriques, ateh' El Rey D. Sebastião, sempre se portarão com luxamento Real, e com os piques nos do seu Portugal, obrarão mais que muitos senhores de largo Imperio. O Senhor D. Affonso Henriques ainda não possuia meu Reyno quando venceo os famosos Leonizes, e tantas vezes aos Agarenos valentes, e o Senhor D. Dionizio com o pow-

249
poros do seu Portugal fizes tam-
tas, etão magnificas obras, co-
mo estas estas ainda hoje dan-
do mostras, além do que ajun-
tou a quelle copioso thezouro q.
seu Filho El Rey D. Affonso o 4.^o
desbaratou, causa porque algumas
proceduras de tributos, que sem-
pre são chorados. O Senhor
D. João o primeiro, com estar
grande parte do Reyno por fas-
tella, que couzas não emprehen-
des, que batallas não deu, e que
não venues, com oppoico do seu
Portugal. Não se suguitando
ao poder de D. João de fastella,

Rey tão poderoso, mas antes en-
 trando-lhe por suas terras, he to-
 mou parte consideravel d'ellas.
 O Senhor D. Manoel, Rey. Avô
 de V. Magestade, só com Portu-
 gal conquistou os Estados do
 Brazil, Maranhão, Ilhas 88,
 vencendo tantas vezes as bar-
 baras gentes da India, con-
 quista que por ser tão desvia-
 da deste Reyno causou moten-
 toza admiracão ás quatro par-
 tes do Mundo o agigantado
 valor dos Portuguezes na India,
 onde Hei os soberaos fazer tri-
 butarios a esta coroa felicissima

mais de quarenta Reys Coroa-
dos. Se perguntarem que Fera
pessima devorou, e comeu, es-
tas tão cavalleirozas auxés
dos Portuguezes na India, di-
ri, que a quelle venenozo Dra-
gão da cobra, que hi tão se-
milhante a Hydra, pois se-
nào farta, e assim então tu-
do venia os Portuguezes, por-
que todo o seu cuidado era sur-
vir ao seu Rey com grande amor,
e fidelidade, donde as felici-
dades nascião, e resultavão; po-
rem agora poem a honra no
interesse, e corraão na cobra

e quando o Conaas' está no the-
 zouro, não' pelleja, nem triun-
 fa no Campo, e assim vemos
 hoje tantos Portuguezes sem Co-
 naas', e não' há muito tempo
 que vinhaos os Reis honrados
 da India, pobres, porque davão
 o seu Cabedal, co' do Rey aos sol-
 dados, hoje vem riquissimos, por-
 que trazem o seu Cabedal, co' do
 Rey, co' dos soldados, e não' sei
 se todos pobres também, e mais
 dos Povos. Os sabios Roma-
 nos quando mandavaos algum
 Tribuno, ou consul a governar
 as Galias, ou as Espanhas, fa-

faziaõ: the ao partir inventario
do que tinhaõ, e tambem thofa-
ziaõ quando voltava do governo,
e se he achavaõ mais do que le-
vara, ou deicava, não só the to-
mavaõ para o senado, mas tam-
bem o incapacitavaõ para não
servir mais, pello que servaõ
sempre os Ministros bem, e es-
perem que the paguem os Prin-
cipes, e não se queiraõ pagar
por si, e por suas mãos, que he
contra a Ley, porque quem faz
o contrario que a Ley manda,
e a rezão deita, ou duvida mu-
lta.

to da liberalidade do Principe,
 refia pouco do que merece. Os
 que servem com os olhos no pre-
 mio, não servem por amor, ser-
 vem sómente por se pagarem;
 porque o amor verdadeiro não
 vive sómente do que se recebe, vive
 do que não logra. Por isso se-
 ria o Rey que houvesse de pagar
 a todos que o servem, ou se todos
 os serviços houvesse de pagar
 bem como Principe.

He verdade que aquellas du-
 as inimigas tão contrarias, li-
 beralidade, e Avareza também
 têm, e dão qualidade aos Reys.

155
O Principe para ser perfeito hade
saber distinguir o que vai de libe-
ral a avarento, e não hade saber
arithmetica daquelle parte de
diminuir, se não de multipli-
car aos Vábalos, porque os mui-
to avarentos não fazem luxir ao
Principe, o sabellos bem adme-
nistrar, isto sim. E se não pro-
gante de que serviraõ os thesou-
ros a Midas, se aforne o matou?
De que importariaõ os de Elis Gabal
se a desordem o chegou á quelle
lugar tão asqueroso, aonde se
não pode livrar dos seus cordis
de seda? E quanto melhor the-

thefora setiverem antes destrui-
 bido parte dos mesmos the-
 zouros com grande liberalidade
 pelos seus vassallos, pelo que
 concluo a fim. Senhor, nun-
 ca tributos, e quando tributos, pou-
 cos, porque de muitos tributos,
 ormos já resultar terríveis ca-
 zos, não em o novo mundo bus-
 caremos exemplos, cazuos os-
 temos. Espanha pelos muitos
 tributos perdeu o Reyno; por mu-
 tos também teve perdido Na-
 poles, Milão, e Sicilia, e de mu-
 tos tributos será Catalunha

257

grande testemunha, e com gran-
de damno: Tirar de poucos sin-
co para lhe restituir dez, he obra
de Deus, mas tirar só por tirar,
he obra dos homens. Quando
Christo deu aquelle banquete ás
turbas que famintas o seguiam,
com cinco paens, e dois peixes,
logo allansou o titulo de grande
Profeta de Rey, e de Profeta de
Deus, não porque compoos os
satisfez por fartura, mas por-
que tirando aquelles cinco paens
e dois peixes do povo, não só ali
os farteu, mas fez que ali lhe cres-
cessem doze algaras, tantas sobe-

jarão ali das mãos de Christo.

Oh como havia de faltar das mãos dos homens, se focemos reparadores? E assim dizia o Imperador Carlos 5.^o que os Monarcas do Mundo deviaõ trazer os seus Bors diante dos olhos ou nas meninges dos seus olhos, e preguntando se he porque, que porque nenhuma outra mão os tocasse senão a do mesmo Principe, que nunca he havia ser molestada. Aquelle famoso guerreiro, como mal afortunado Capitão Francisco de Valois, Rey De Franca, dizia tambem, que

mais amava e mais estimava
Douro da menor qualidade do seu
Reyno, do que todos os Fidalgos
delle, e perguntando se he arrazão
diffe, porque hums me vestem,
e outros me dessem, pello que,
Principe que quizer ter seus Väs-
salos amantes de seu serviço, e
cuidadoz de seu luximento, es-
colha Ministros cheios de olhos
para as advertencias, e cheios
de joia para as leguizezas, e vol-
cidades, mas sem maons para
as cobranças dos Douros, e seus
tributos. Hora, meu senhor,
viva V. Magestade em pax, e

e ame a paz, ruine sempre em
 paz, porque em quanto tiver
 paz será senhor absoluto dos
 seus Vassallos, e mandará tam-
 bem aos alheios; e com guerra
 por força será dependente de
 hums, e de outros. Os que querem
 guerra não querem que V. Ma-
 gestade os mande; querem elles
 mandar a V. Magestade; por-
 que hum Rey com guerra, nem
 castiga, nem manda; os que que-
 rem a guerra, querem mais do-
 que o Rey quer. Deos quer pa-
 ra si só os dizimos dos frutos

da terra, sendo tudo seus eos. Mi-
nistros da guerra com presump-
ta pertinacia, querem mais do
que Deus quer, e mais do que quer
o seu Rey, porque elles a fim que-
rem a pazenda, a honra, e a the-
sollicitao para seus interefes
e gosto dos mesmos homens,
pello que he acortado entender,
que os que querem guerra, e a con-
sehaõ a V. Mag. são Demonios
tentadores que provocao as ado-
rações para si, a estes diga V.
Magistade vade retro Satana.
Se da guerra fua nasce a pax

formosa, porque haõ de querer
os homens, que de huma pax
bella torne a renascer a torpe
guerra? Finalmente atrevo-
me a dizer, euudo que sume-
ridade, que a quelle Valsalo
que não aborre as lizongei-
ras monstruosidades da guer-
ra injusta, que he Monstro do
Demonio. A guerra justa, tem
desculpa para com deos, e cre-
dito tambem para com os ho-
mens, a injusta não tem nos-
sueños do tempo, fortuna, nem
credito para com os homens,

nem desculpa para com Deos.
A pax por ser cauza dos An-
jos, he a que dá descanso, faz aos
Reynos ricos, conserva a fi, des-
poem os homens para milho-
res christãos. Ao menos, não
queira V. Magestade por hora,
desconsolar os mais, que he
o seu povo, porque hum Rey
sem povo, não he Rey, e hum
povo sem Rey, sempre he povo,
e suposto me veja V. Magesta-
de tão de pax, não deixo que
se esqueça totalmente da guer-
ra como se nunca mais a po-

apodebe haver, porque o tempo
 he mui vario, e os homens in-
 constantes.

Os Peras quando estavam
 em pax, não desbastavam tan-
 to os seus Exercitos, e Pruzidios,
 que os não exercitavam como
 na guerra viva. Tantos Rey-
 nos conservou a cautella, da
 ruina da guerra, como comen-
 o descuido. Em quanto Ro-
 ma contendia com Carthago,
 sem se sabe que mandava, e
 sopiava o mundo todo, desde
 que venico, dando se aos sabore-

zoz, e apeteuidos descansos, do-
torpe ocio, e lascivo appetite,
tudo vemos que se perde por
co, a pouco o tal Dominio. Del-
lo que mande V. Magestade
aos Ministros de pax que exer-
citem os Povos para que não
deixem comer de ferrugem
aquellas honradas armas q
tanto veneraõ, e tanto custa-
raõ, não porque eu espere ver
a V. Magestade em guerra cõ
Príncipes christãos, mas por-
que si haõ de ser necessarias
para a Conquista da Terra,

Santa, quero dizer da Barba-
 ria, levando por ella as ar-
 mas de Christo, que são as glo-
 riosas armas, e Quinas de Por-
 tugal, athé á Laza Santa, em-
 preza que de riqueza, e de justiça
 pertence sómente á Portugal;
 e assim lá será então o lugar
 onde dignamente se podê-
 rão empregar os altos espi-
 ritos guerreiros, que há, e hou-
 verem neste Reyno, porque
 então e os mesmos lá ven-
 sedores, voarão nas azas da
 Fama, e se farão mercadores

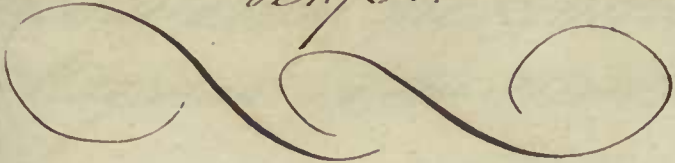
Dos marmores, e dos bronzes;
 ependendo a vida em serviços
 de V. Magestade ficiam reputa-
 dos por cavalleiros de Chris-
 to.

Odejo de servir a V. Mage-
 stade, o amor da Patria, e os lan-
 gos dias, me dictarão estes
 discursos breves, se parece-
 rum mal vistos, porque as-
 couzas de hum desterrado nũ-
 ca forão agradaveis, e se ain-
 da assim o parecerem, assim
 como se lanuou no Rio, e cor-
 rente do Hebrã a Lyra de Or-

Orpheo, se lanca no Lethes es-
te papel, porque nem eu, nem
elle nos queixaremos ao de-
pois das sem razoes dos ho-
mens, porque nem elle he tao
bom, nem eu tao santo que
merecamos algumas comme-
moraçoes. Deos guarde a V.
Majestade por muitos ann-
os como lhe desejo. 8. S

Que o Doutor Felipe Manuel,
Conego na Sé de Elvas, Inquiri-
dor na Inquirição desta fidalde,
Desembargador dos Agravos, Co-
legial que foi no Collegio Pontifício,
e Real de S. Pedro da Universidade
de Coimbra, e nella Lente de
Instituta, Accademico da Ac-
cademia Real.

Deu dos seus estudos, no Paço, em-
presença de Suas Magestades,
na Conferencia de 29 de Outubro
de 1734.



170.

243387

[Faint, illegible cursive handwriting, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in approximately 12 horizontal lines.]

Muito Altos, e muito Co-
deiros Reys, e Senhores nobres.

Neste dia, no qual se comes-
samos a ordenar os annos de
hum Principe, cuja vida se ha
de contar por seculos, darei
principio ao Tratado das Fortes,
que deuo escrever, tendo por fe-
lis auspicio, quando hei de fal-
lar de hums actos em que a So-
berania dos Príncipes brilha
com maior resplandor, estar
presente, ainda que occulta,
a Magestade no seu Oriente.

Emfortes se vê perfeitamente
organizada huma Monarquia,
o mais formoso Corpo que ha no
mundo, conspirando todos á
sua conservação, e augmento;
as ordens com o Conselho, o Mo-
narca com a resolução, porque
depois que os Povos transferiram
pella Ley Regia no Monarca,
o poder deos mandar, digo, de os
governar, ficaram só com a obe-
diencia para o servir. Mas
já estou conhecendo quão felizes,
e felizadas são as influencias
deste dia, pois não só me vejo

no estado de satisfazer á primei-
ra obrigação, que tenho, mas
tambem, á segunda, fazendo-se
me preciso quando hei de falar
das Cortes, descorrer sobre os
pontos duvidozos de Direito, per-
tinentes á nossa Historia.

Empenhado eu todo, em revol-
ver alguns Livros, quiz a Divi-
na Providencia, que topasse
com o da Accademia Real do
anno de 1727, aonde na Pagi-
na 140 achei, e li com atten-
ção as palavras seguintes =
Que depois no congresso das

Das Cortes se poderia por meios
 proporcionados introduzir aos
 Povos, e mais bracos do Reyno,
 que como Legisladores excluís-
 sem a hum Principe, e eleges-
 sem a outro, porque assim se
 havia executado nas Cortes de
 Coimbra = Se a ideia que
 este doutissimo Accademico
 faz das Cortes he correspondente
 as palavras com que se expli-
 ca, outro he officio, outro o po-
 der das Cortes, do que me pare-
 cia, porque vejo, que na sua op-
 iniao os Povos em Cortes sao

Legisladores, e tem poder pa-
ra elegerem hum Monarca,
excluir outro, a quem a na-
tureza junta com as Leys fun-
damentais do Estado tem ha de-
ferido a forma.

Estes são os pontos difficul-
tozos de Direito, pertencentes
à nossa Historia, cuja averi-
guação he tão necessaria, quan-
to são graves as consequen-
cias d'elle.

Não me posso persuadir, aq-
hum Varão tal como Pedro Vi-
eira da Silva, affirmasse estas

proposições, porque onão consi-
 dero da opposição da quellas con-
 tra os quaes escreve Barclão,
 e sendo homem prudente, ha-
 via de ver quão difficil he o
 introduzir aos Povos/uzo deste
 termo por ser de novo Accade-
 millos/que como Legisladores
 exaltarem a hum Principe,
 e elegem outro, e que elles po-
 diao alterar a forma de suce-
 der, o que he o mesmo, que re-
 conhecer nos Povos parte da
 Magestade, existindo suces-

sões indubitáveis do Reyno, as-
 quaes se devolviam pelas Leys
 do Estado afora. Assim diz
 o mesmo Accademico, no mes-
 mo Lugar Pag. 139 nestas pa-
 lavras = E como aquella Prin-
 cepe tenha o direito da primo-
 genitura, não se podia ne-
 gar o direito da successão da-
 Coroa, porque só os Povos, os ma-
 is Estados do Reyno, como su-
 ceptores dos primeiros Eleitores,
 erão aquelles em que se tras-
 passou o direito daquella Ley,
 como partes continuadas do-

do Corpo politico deste Reyno, e desta Monarquia; e que só elles apodiam alterar, quando a necessidade publica assim o pizer =

Bem sei que este Accademi-
co se refere ao que ouvis ao Du-
que de Cadaval, o grande D. Au-
gusto Soares Pereira de Mello,
cujá falta nos seria mais sen-
sivel, se na grande pessoa de
seu Filho nos não deixasse hu-
ma preciosa herança das suas
virtudes; porém como seja fá-
cil ao homem, ainda o mais

179
o mais prudente, o erro na pro-
cepção, poderia succeder, que
este Academico não ouvisse
tanto ao Duque, do qual não
vemos documento autentico,
para prova de tão estranhas
proposições. Eu não posso
em tão pouco tempo descor-
rer na vastissima materia
que nos offereceu este doutissi-
mo Academico, o qual sem
necessitar da narraçao deste
incerto conselho do seu Prome
Pedro Vieira da Silva, afixa fe-
cunda scara tinha nas ma-

mais auspícios delle, que farem
 hum precioso ornato daquel-
 le Cathedra, mais em satisfa-
 ção do segundo preceito, que
 me impoz esta Real Accade-
 mia, brevemente direi alguns
 fundamentos da minha opi-
 nião, os quaes me retardão a
 principiação da contraria.

Não há duvida, que nes-
 tes Reynos a Monarquia he
 perfeita, e não como entre os
 Laudemonios, cujos Monar-
 cas estavam sujeitos ás Leys
 do Estado, que todos os mores

181
juravaõ observar, e por isso Aristóteles disse, que não heras verdadeiros Reys. Nem como os Reys dos Barbaros, que propriamente he humã dominação violenta. Nem como os Dictadores Romanos, porque estes só tinham poder, ainda que summo, limitado, e certo tempo, no que se distinguiaõ dos verdadeiros Monarcas, quais são os nobres Augustissimos Reys, nos quais não se pode dar duração da Magestade, porque depois que o povo trans-

transferio em hum só homem,
 e na sua posteridade o poder
 de os governar, tudo quanto po-
 dia fazer o Povo, pode só fazer
 o Monarca; e ja o Povo não
 he hum só pessoa, mas hu-
 ma multidão de unida, sen-
 do antes hum só pessoa por
 força e virtude do summo pri-
 nípio, que tinha, o qual trans-
 ferio no primeiro, que nome-
 ou, e nos mais, que lhe succede-
 rem, e da qui vem, que hum
 bom Autor, fallando das for-
 tes, afirma, que em humas

partes as tres ordens juntas,
são hum Conselho grande.
de hum Rey, a quem he liure
determinar o que lhe parecer;
e em outras partes tem direi-
to para conhecer do que obra
o Principe, e de constituir
Leys, ás quaes he o Principe
obrigado. Se considerarmos
em hum Senado, não só con-
selho mas poder, digo, mas
tambem poder, necessaria-
mente havemos de reconhe-
cer nelle hum a plena Ma-
gestade, e toda a Republica

seria Aristocrática, do que
 se infere, que as Cortes tem
 poder para aconselhar, e pa-
 ra julgar, mas falta-lhe o de-
 executar, se o contrario não
 estiver em uso, como nas di-
 tas de Alemanha, e no Se-
 nado de Polonia, os quaes tem
 parte de Magestade; porém
 esta entre nós, está só no Rey,
 sem que della participem já
 os Povos: Com que devemos afir-
 mar, que os Povos não podem
 ser Legisladores, porque só
 os Reys sem dependencia al-

alguma, tem poder para cons-
tituir Leys, etanto, que ou
podem não aprovar, ou der-
rogar as Leys, que forem cons-
tituidas em fortes, porq̃
para as constituir em for-
tes não tem necessidade os
Reys. Não duvido que seja
necessaria maior causa pa-
ra os Reys derogarem as
Leys constituidas em for-
tes, mas isto não provem
de que as fortes tenham po-
der para Legislar, porque

isto seria reconhecer nas or-
dens parte da Magestade,
o que he contrario á Monar-
quia, mas porque como es-
tas Leys forão constituidas,
precedendo o conselho de mu-
tos, tem huma fortissima pre-
sumpção do seu aucto. Ain-
da no Reyno de Inglaterra,
aonde as Ordens se tem ha-
vendo como os Principes, como
se houve com o Povo Roma-
no, Augusto não he o Rey obri-
gado a aceitar as Leys, antes

187
ellas dependem da sua au-
tação. Tão antigo he' nos Re-
ys o poder de *Se' Legislatum*,
quanto he' do seu *principis*
livre o seu *Imperio*; pois
antigamente os Reis trans-
ferião o seu poder em Varões
dotados de grandes virtudes,
para que os sustentassem,
ou com obraço, ou com o Con-
selho; e por isso alguns Au-
tores constituirão outra
espeie de Monarquia, a que
chamarão de *Heróica*, deri-

derivando este nome do amor,
de que obrigados os Povos, os
constituirão Reys, de cuja
vontade só estava dependen-
te o governo da Monarquia.
Donde veio aquella maxima,
que depois degenerou em tira-
nia - Su volo su jure. De
maneira, que tudo quanto el-
les determinavao, hera Ley,
por ser esta huma determi-
nação daquelle em quem re-
zide o Summo poder. E os
Povos são desituidos de po-

der para Legislar, como he pos-
sivel que o tenham para ele-
ger? He certo que nestes Rey-
nos, pella Ley fundamental
do Estado, a coroa se devolve
jure hereditario, e isto tira
ao Soberano todo o direito de ele-
ger, pois estabelecido o Sepa-
rado na Familia, este se devol-
ve aos Suesores, observada
a primogenitura, e a onde
quer que estiver o Suesor
verdadeiro, lá o vai buscar a
coroa. Tudo de p^{re} hum gr.
Junisconsulto, o grande Doe-

Douta Gabriel Pereira de fas-
tro, cuja doutrina alegarei,
pella sua amabilidade, re-
servando a alegação de muí-
tos Doutores, dos quais hei ti-
rado quanto disse, e hei de
dizer para outro tempo.

„ Da suepbão illustre adiscedomus
„ suspensã ficará mas não quebrada,
„ Trão os trez Filhos na apparencia
„ sómente Reis. Que a linha derivada
„ Do grande Emmanuel sem violencia,
„ Será o seu justo suebor tornada;
„ Que para tudo no futuro incerto
„ Os Fados acharão caminho aberto.

Nem o Sceptro lhe pode ser
terado por consentimento,
e arbitrio da multidão, o que
se comprava da Escripтура
Sagrada, onde se vê que o Po-
vo Judaico não tinha faul-
dade para eleger os Reys, po-
is Suueos na forma Izas de
sete annos, Izias de oito, Ma-
naes de doze, e hi' certo que
se este Povo, que tanto nees-
sitava de hum Rey beliozo,
tivesse livre poder para a elei-
ção de seus Reys, não havia

192^a De consentir que hum Mo-
narca impunha se com tan-
to perjuro do Estado, como
este Povo conhecia, pella dou-
trina de Salomão: Vsibi
terra ubi Rex puer est, e dei-
xar de pôr a foroa e Sceptro
na Cabeça, e braco de hum
Varão adulto, forte, robusto, e
prudente. Se as ordens al-
guma vez juntas delibera-
rão sobre o Rey que os havia
de governar, havendo per-
tendentes á foroa, ou achan-

do se alguma incapacidade
naquelle, a quem ella clara-
mente estava deferida por
direito, procederao entao co-
mo Juizes, e não como Le-
gisladores, não elegendo su-
cessor, mas julgando o Sep-
tro, a quem por direito Patrio
havia de succeder, ou pondo
a administração na pes-
soa, que para elle fosse ma-
is proporcionada. Etanto
he isto assim, que nos ca-
sos succedidos nestes Rey-

Reynos assim se praticou ex-
cluindo-se a aquellas que erão
tiranos no título, ou dando-se
curador, ou Regente aos Reys,
que por enfermidade não
podião governar, o que se vê
em alguns exemplos das for-
tes alegadas por este pseudo-
voto de Pedro Vieira da Silva.
Isto não he' alterar o direito
de suoceder, porque só quando
tornasse avir para os Reys
aquelle poder que tinhão
dado ao Rey, e seus successo-

res, faltando toda a posteri-
dade, a poderião alterar, ou
mudar inteiramente a for-
ma do governo, fazendo-o per-
feitamente Aristocrático, ou
outra mudança, que para
tudo há exemplos no mun-
do, e são varios, quantos são
os Carateres das Nações que
o habitão, e assim se hade
entender o voto de João das
Regras nas fortas de Coimbra.
Eu tenho reduzido esta gran-
de materia a hum breve

Debertação, com aquella in-
dustria com que os Geographos
mostrão em piquena Carta
alguma vasta Região, e como
mesmo succede que elles po-
is ou nunca, ou raras vezes
os Mapas são ajustados,
sendo de tão piqueno pon-
to, podem expor emmen-
dar este defeito, quando no
seu lugar sahir á luz o Tra-
tado das fortas em que tra-
balho cujos progressos de-
pendem das minhas fa-

fadigas, e agora suspenderei
fallar dellas, pella mesma
causa porque se suspendio
os comícios Romanos, não ten-
do por infeliz auspicio, como
elles o rumor, quero por des-
cendencia chamar digo, quero
por deueria chamar the tro-
vão, que á pouco ouvi, e ainda
oio.

No maior fervor dos Comi-
cios, se acaso se ouvia hum
trovão, separavão os Romanos
de os continuar, a fim fizesse
agora, e chegando-me a ouvir

De mais perto este rumor, que
ro ver se oporcello. Oio que
hum doutissimo, e nobelissi-
mo Accademico pretende
despojar ao collegio de S. Pedro
da Universidade de Coimbra,
dos titulos nao espeisozos, e
equivocos, mas verdadeiros e
illustres de Sacro Pontificio,
e Real. Nao permite o de-
coro, que eu me empenhe
em averiguar os espiritos
que muitas vezes movem
as tempestades, para ver se

197
se deo reuocar esta, só permi-
te que hum Filho de taõ au-
thorizado collegio tome á sua
conta, nao consentir que da
quelle illustre corpo theou-
bem os seus Genios, e Deozes
Tutelares. vt animis nascenti-
bus, ita populis. Natales
genii diuiduntur. Taõ an-
tigo he o desejo da conserva-
cao dos Deozes Tutelares, que
os Romanos os tinham pre-
zos para que os inimigos hos-
mas fortassem, e por hum pre-
ceito de Religiao era prohibi-

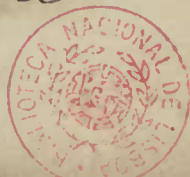
fido o declararem-sehes os -
nomes, mas eu farei agora
humã verdadeira narraçao
dos nobres, e atarei com cade-
yas de ouro, como fizerao os
Tyrios ao Simolao de Ap-
ollo, ao Altar de Hercules.
Eja que na presença de su-
as Magestades se levantou
esta nuvem, he justo que
se desipe na sua presença,
em signal da senioridade
com que escrevo repetirei
aquellas palavras de furo-

Defendo enim multos viros
 prestantissimos Collegium
 totum: nam si hanc causam
 tam idoneam, tam illustrem,
 tam gravem non haberem,
 aut mihi cum Collegio causa
 tanto nequitudinis non in-
 tercederent, nullus esset qui
 meum factum aut consilium
 non posset reprehendere.

Opera maior clarae usque
 da industria de Lucreio.

Floriferis ut apes in saltibus omnia libant
 Omnia nos itidem depascimur avara dicta.

Enimvero a conta da quelle



illustre igualmente douto
Academico, no que pertence
ao collegio de São Pedro, e do
que cothor de tão aurea eru-
dição, tirarei o que ha de exor-
citar agora a minha Apolo-
gia.

Empenhou-se todo este dou-
tissimo Academico em mos-
trar que o collegio de São Pedro
da Universidade de Coimbra,
busca pretextos para illudir
a memoria do seu Funda-
dor. Que confundimentos
solidos, tirados da mais bem

fundada oppinião dos Dou-
tores, mostrará que heira con-
tra a Soberania, e regalia, usar
o logio de epitheto de Pon-
tífico, e Sauro, ultimamen-
te, que o logio, não he Sauro,
Pontífico, nem Real. Bas-
tava para convencer esta no-
vidade, o que já escreves nes-
ta materia outro doutissi-
mo Academico, quando deu
com summa seriedade
ao publico, o cathalogo chro-
nologico dos Collegiaes, e
Porcionistas do logio de S.

Cedro; mas como não sei
 porque destino tem ordinaria-
 mente as novidades hu-
 ma força secreta, que arras-
 tra os animos, he' justo que
 eu debruce agora ao publi-
 co desta nova opiniao, que
 se não for no principio com-
 batida, pode ser que se en-
 tenda que foi approvada.

Ne videar cuiusiam, si que-
des frivolis intericem, id agno-
visse potius, quam consensisse,
 como de Sr. Aculyo, e com
 elle Amaya em defesa do-

do seu folegio, contra a calumnia de Escobar, e não será improprio este trabalho á obrigação, que tenho de escrever sobre os pontos duvidozos de Direito, pertencentes á nossa Historia, por que se attentamente examinarmos as proposições deste douto Academico, acharemos q' dellas podê resultar não poucas duvidas, e nascer huma scara, como a que nasce dos dentes de fadmo. Crassius que seges clipeata virorum.

Apresenta queixa deste dou-
to Accademico, he' contra o es-
quecimento que o collegio tem
do seu Fundador, o Illustri-
ssimo Bispo de Miranda
Ruy Lopes de Sarraho. O
Collegio não ouha. seja a es-
te grande varão separado
da quella ordem vulgar dos
mais homens por estar sa-
grado com a dignidade Con-
teia, ou Episcopal, he' tão
grande o seu agradecimento,
que não será de elevar com
titulos mais verdadeiros, e

e honrados, do que viaram os
Romanos com o seu Romulo,
a quem fixaram descendente
de Marte. Tão vaidosos são
os homens quando tratam
dos seus nascimentos, que
atê fazem filhos de Deuses
aos Fundadores dos seus Es-
tados. E sem serem as ex-
pressões do folegio contaminadas
das de politica, como as dos
Romanos, reconhece-se aq.
Bispo quem deu causa a que
depois, pullos Pontifices, e

e Reys deste Reyno, tiveſſe o seu
 Ser, a ſua ſubſiſtencia, e a ſua
 conſervação, porque de gene-
 rando os herdeiros deſte gran-
 de Prilado, daquelle ardor-
 te deſejo com que elle prin-
 cipiou oprimmeiro ſolegio, mo-
 verão as ſuas diſordens os
 animos heróicos dos Reys
 deſtes Reynos, e Pontifices, p.
 que com outros Eſtatutos ſe
 erigirſe o que agora dura fun-
 dado, e eſtabalecido no ſa-
 grado, Pontificio, e Real. As

tohi nas rendas, que do seu
Patrimonio lhe largarão os
Monarcas deste Reyno, e
nos Estatutos que lhe derão
os Pontifices.

Não tenho menos autho-
ridade para mostrar, quão
mal administrarão os her-
deiros daquelle Bispo as
rendas do collegio, em que en-
travaõ como parte prin-
cipal adas duas Igrejas do
Padroado Real, que a pieda-
de e magnificencia de El Rey
D. João o 3.^o lhe havia já da-

doado, que as Bulas do mes-
mo folegio, e a resposta que hum
grande folegial do folegio de S.
Paulo o Doutor Lourenço. Mou-
rão Hornem, deu a Felipe 2.^o
sobre hum folegio que determi-
nava erigir em Coimbra, os her-
deiros de Antonio da Fonseca,
natural de Lamego, Banquei-
ro em Roma, aonde faleceu, que-
rendo comutar no tempo de
Christo 5.^o, e Clemente 8.^o em fole-
gio as obras pias que o Testa-
dor havia deuido. Diz es-
te Doutor entre outras estas

palavras = Como os Admi-
nistradores havião de dar or-
dem ao governo do collegio e seus
bens, da qui á menha apli-
cação para si a maior par-
te dos renditos, e porião qua-
tro collegiaes por forma, e em si
converterião a maior parte
da renda. Não he isto novo,
mas em Coimbra ovimos no
collegio, que se chama do Bis-
po Matheuro, e no collegio do
Doutor Ruy Lopes o Lim Bis-
po de Miranda, que he de
São Pedro, a que se os Reys

deste Reyno, antecessores de S.
 Mag.^a não accudirão toda
 a substancia dos redditos fica-
 ra em poder do Administra-
 dor, Sobrinho do mesmo Bis-
 po &c. = Isto não hi illudir a
 memoria do nobre Fundador
 / se hi que na consideração do
 estado prezente do Collegio, se
 pode chamar Fundador / mas
 hi fazer humma verdadeira nar-
 ração dos principios, e progres-
 sos do Collegio de São Pedro, e
 não só a pureza da Histo-
 ria enfeitar com Fabulas

os principios de algum Estar-
do, mas authorizalos com a-
fê de incorruptos morummen-
tos, como sinceramente disse
Tito Livio, nem nós estamos
em negocio tão antigo, que
para fazermos a fundação des-
te collegio mais augusta, se-
jamos obrigados a misturar
o Divino, com o humano, co-
mo disse o mesmo Livio, e
fazer huma fundação, que
este douto Academico, quer
que seja de huma particu-
lar obra, uniaamente dos.

dos Monarcas, e dos Pontífices, como na verdade he, e por isso desde o seu principio se illustrou com os titulos de sacro, Pontificio, e Real, em veneração dos seus Tutelares. Somos chegados á segunda queixa deste douto. Accade-me, contra estes, não equívocos, mas verdadeiros, não especiosos, mas augustos titulos, que sem grande apparato mostrarei pertensem ao folegio, sem cahir na indignação dos Jurisconsultos

Modestino, e Paulo, tendo por-
mum estes testemunhos ma-
is authenticos, que se podem
achar nesta materia.

Pontífice São Pio 5.^o nas Bul-
las da instauração deste co-
legio, claramente diz, que
El Rey D. Sebastião instan-
temente lhe pedira que o re-
gitalhe in capite, e in mem-
bris, corrigisse, reformasse,
decretasse, estatuisse, fizesse, e
ordenasse authoritate Apo-
tolica, tudo quanto fosse nes-
secario a este Santo intento

o que se executou, e por virtude
destas Bulas se revogará os
Estatutos do antigo collegio, e
se fizerão outros de novo, aos
quais pôs a ultima mão o
Nuncio Deão Carrafa, por
authoridade da Santa S^{ta}
Apostolica, da qual depen-
de immediatamente, como
claramente se vê do Breve
do collector Gaspar Pauluccio,
cado em Coimbra a 20 de ou-
tubro de 1610. Collegiarum
Collegii S. Petri quos ad presen-
tam Sedem nullò pertinet

mediante De maneira, q
sendo necessaria alguma des-
penza, recorre o collegio immedi-
tamente ao Papa, ou a seus
Nuncios, e Legados nestes
Reynos, e quem dirá que hu-
ma communicade sugere-
tao immediatamente ao Pa-
pa, e com Estatutos dados pel-
la Sic. Apostolica, he omes-
mo que qualquer Confraria.
He tal a forca da verdade, que
insensivelmente obrigou ao
nosso douto Academico, a con-
fessar o que asima diurnos

pois reconhece que para se-
 fazer a revista que deu no tem-
 po de Filipe 4.^o, sendo Reitor
 da Universidade D. Álvaro da
 Costa, se pedira comissões ao
 Collector da S.^{ta} Apostóli-
 ca, sem a qual se não pode-
 ria fazer. Do que se mostra,
 que o collegio he Pontifício, e
 necessariamente Sauro, em
 veneração daquelle dignida-
 de, o que se comprova mais
 com a solemnidade das sa-
 laras de que usa o Reitor do
 Collegio, quando lança a Bua

a algum novo collegial, ou Por-
cionista, porque os cria mem-
bros daquelle collegio, a autori-
tate Apostolica, a qual he
he concedida pellos mesmos
Estatutos, que saõ a alma
dos Collegios, e vida mistica
dos Collegiaes, como disse Cha-
varri, e assim estando este
Collegio animado com este
epitheto, bem pode sem te-
meridade, antes com justi-
ça chamar-se, Sacro, e Pon-
tificio.

Os Sigilos não só se es-

tabalecerão para argumento
 da fé, que se lhe deve, mas tão-
 bem da publica authorida-
 de, como diz Mabillon, de re
 diplomatica, e se o thamos
 para o Sigilo do collegio de São
 Pedro, havemos de achar nel-
 le a Theura, e as Chaves da Ig.^a
 em a ppa, com huma Letra
 que diz, Sigillum Sacri D.
 Petri Collegii, e não he crível
 que o Collegio arrogasse a si
 hum tal Sigilo, sem autho-
 ridade dos Monarcas deste

Reyno, e da Santa Sé. Appos-
tólica, nem que esta em of-
fensa da regalia, mandasse
nos Estatutos que deu ao Cole-
gio, que estas fossem as suas
armas, as quaes fazem prova
nos Dominios, como he' doutri-
na vulgar, e para sua autho-
ridade basta a do Desembar-
gador Antonio de Villas boas
de Bayo na sua Nobiliar-
chia Portugueza Cap: 26, que
nao só honrou a Nação com
este Livro, mas tambem ao
Colegio de São Pedro com a

pessoa de seu Filho, o Decem-
 bregador Pedro de Villas boas
 e. Bayo, Senrte de grande re-
 putação na Universidade de
 Coimbra, e não he muito que
 este collegio uze do titulo de
 S.ago, porque tambem uza del-
 le o collegio de S. Clemente na
 Cidade de Bologna, como cons-
 ta de documento certo, por
 estas palavras = Summaria
 instructio conuon quæ suis
 portis presentaturis, presen-
 tando que port ha ad Sacrum

e por insignia Collegium ma-
 ius Sancti Clementis Hispano-
 norum = Nem he destitui-
 da de autores esta verdade por-
 que com este titulo de Saur,
 tratavao do collegio, o Doutor Jo-
 ao de farvantes no seu Livro
 de Testamentis, e onde tam-
 bem se acha humma Carta
 do Doutor Estevao de Miran-
 da, usando do mesmo titulo,
 eo Doutor Manoel Rodri-
 gues Leitao, Collegial do cole-
 gio Real de S. Paulo, falando
 do mesmo Doutor Joao de far-

vatto o nomea collegial do co-
 legio Sauro, dizendo: In Sauro
 D. Petri Collegio prestantissi-
 mus Collega. Seeste douto,
 e Religioso Varão precentipe
 a prezente nobreza, talvez,
 que o seu cinsero animo nos
 deucha se mais documentos
 para prova da justica do co-
 legio, que defendemos. Con-
 fesso tambem, que não posso
 penetrar a razão, em que se
 funda este nosso doutissimo
 Accademico, quando alean

ante a propozicão, de que mos-
trara com fundamentos soli-
dos, tirados da mais bem fun-
dada opinião dos Doutores,
que he contra a Soberania, e re-
galia dos Monarcas deste Rey-
no que o dito folegio ure destes
epithetos, quando vejo huma
tradição continuada delles, au-
thorizada com os Estatutos
do mesmo folegio, com os Bre-
ves da sua instauração, e
com a sciencia, ou para me-
lhor dizer, a approvação dos mes-
mos Monarcas, os quaes com-

com tanta instancia rogarão
 ao Pontífice para que fizes-
 sem esta grande obra. O nos-
 so Acadêmico promete fazer
 publicos os seus fundamentos,
 mostrar o valor daquelle, em
 que sem offensa da Magesta-
 de funda o Collegio o direito que
 tem para chamar-se Sauro, e
 Pontífice, pois não me posso
 persuadir, a que os lugares q
 neste Reyno há da immediata
 subjeição Apostolica, são con-
 tra a Soberania.

Tanto se derão as mãos

os Pontífices, e Monarcas das
tes Reynos, na fundação deste
Colegio, como tenho mostrado,
e por isso eu sem timoridade
dizbe, que havia de atar com
cadeyas de ouro o Simbolouro
de Apolo ao altar de Hercu-
les, que he o mesmo que unir
na sua proteção a Tiara, e o
Sceptro, os Reys, e os Papas, De-
us Tutelares delle, e fazendo
eu clara, neste pequeno discor-
so ajusticia com que o Colegio
de São Pedro tem o titulo de
Santo, e Pontificio, me parese

que ninguém duvidará daquel-
 le com que também pode hon-
 rar-se com o de Real. Eu não
 duvido que hajaõ Communhi-
 dades a que se dêa o título de
 Reaes, porque serem da em-
 mediata proteção dos Senho-
 res Reys destes Reynos, e nes-
 ta parte estão iguaes todas
 as que forão dotadas por elles,
 receberão das mãos Reaes os
 seus Estatutos, cuja observan-
 cia depende dellas, porém co-
 mo a Comunidade do Co-

Colegio de São Pedro n'uebo dos
Senhores Reys destes Reynos,
D. João o 3.^o e D. Sebastião, as
duas Igrejas do seu Padroa-
do, em que consiste toda a
sua substancia, digo, sua sub-
sistencia, e deu ao Senhor Rey
D. Sebastião tanto cuidado
no seu augmento, como mos-
trão as instancias, com que
oprocurou do Papa e Me deu
parte da sua habitação Re-
al, que muito, que tambem
se honre com este titulo?
E por esta cauza fabeo fallar

lando na Universidade, e dos
Colegios que El Rey D. João o 3.^o
fundou, e ordenou nella, conta
tambem o Colegio de S. Pedro,
por haver lhe dado este Prin-
cipe as duas Igrejas do seu
Padrao, attribuindo este
Doutor, com quem concorda
Portugal, a obra do Colegio a es-
te Monarca, na considera-
ção só da sua magnificen-
cia, e com muito maior re-
zaõ depois que por instan-
cia de El Rey D. Sebastião

reuêto este collegio do Papa a
 forma em que hoje existe,
 se pode chamar Real. Assim
 o nome heu a chronica
 de Santa cruz de Coimbra nas
 palavras seguintes = Epel-
 la rrazão desta segunda fun-
 dação se pode chamar tam-
 bem collegio de São Pedro Re-
 al = Enão posso deixar de
 fazer reflexão no Documen-
 to que descobrio este douto. Ac-
 cademico, e he humma Consul-
 ta da Mesa da Conuenciã, de-

de 23 de Novembro de 1628,
pello que representou omes-
mo Tribunal, são palavras
do nobre Accademico, na por-
tença de D. Marcos de Noro-
nha, que pedia huma carta
para ser admetido hum Fi-
lho seu como Porcionista do
mesmo collegio = Que não era
deuorzo que Sua Magestade
lhe escrevesse, porque nem ha-
via memoria de exemplo se-
mitante nem o collegio de S.
Pedro, era da motuão de Sua

Magistade = Três couzas
constem esta representação
da Miza; a primeira que não
havia de uroz que sua Magis-
tade escrevesse ao folegio, a se-
gunda que não havia exem-
plo, digo, havia memoria de
exemplo semelhante; terceira,
que o folegio não era da protec-
ção de sua Magistade; pos-
sum ou esta Consulta he' apo-
crifa, ou errada na supozic-
ão deste Accademico, por-
que no Cartorio do Collegio
se achão muitas cartas dos-

dos Senhores Reys destes Rej-
nos para o mesmo fim para
que a pedia D. Marcos de No-
ronha. Por Cartas Reaes foram
auctos, Francisco da Silva, Al-
varo Mendes de Vasconcellos,
Várão insigne, depois com o no-
me de Fr. João de Vasconcellos
da Ordem illustrissima dos Pre-
gadores, D. Jeronimo Mascas-
ranhas, e outros muitos, com-
que, não he' indecorozo escre-
verem os Reys ao collegio, há m.
exemplos deisso. Que a Mesa

da Conueenia duordasse escre-
ver ao collegio nesta portençã
tinha fundamento para as-
sim o representar; porque co-
mo o collegio pellos seus Esta-
tutos não depende daquelle
Tribunal, pareceria impro-
prio sahír d'elle esta resolu-
ção que os Reys podião tomar
por outro expediente, e com ef-
feito tomavaõ, escrevendo Car-
tas assignadas pella mão Re-
al, não só pouco depois da
Consulta da Meza do anno
de 1628, pois no anno de 1629

se acha a carta de Felipe 4.^o a fa-
 vor de D. Jeronimo Mascara-
 nhas, mas ainda anteriorm.
 para que se nao diga que an-
 tes da dita consulta nao cos-
 tumavão os Reys esquivar-se, né
 havia exemplo. Consta da Car-
 ta com a data de 28 de Novem-
 bro de 1616 a favor de Francis-
 co da Silva a onde se vê a hon-
 ra com que os Reys tratavão
 o Collegio = Reitor e Collegiaes do
 Collegio de S. Pedro da Univer-
 sidade de Coimbra. Eu El Rey

vos envio muito saúdar. Luiz
da Silva do Conselho do meu
Estado, e Vidor de minha Fa-
zenda, pretende que seu Filho
Francisco da Silva entre por
Porcionista neste Collegio, e por-
que nelle corre as qualida-
des e partes que sabeis, para
estimardes a sua companhia,
me pareceo que por esta vordi-
na significar como ofago, que
receberis contentamento, e vos
agradeerei muito que para
elle ser recebido no dito Cole-
gio deis a ordem necessaria, e

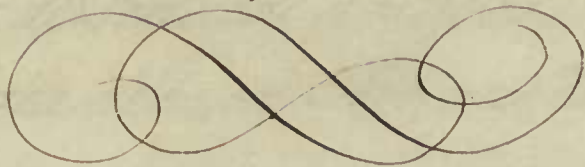
e para a sua sustentação da-
 ra Lúci da Silva a porção ordi-
 naria. Escrita em Lisboa a 28
 de Novembro de 1616 = Enão só
 os Reys escrevião Cartas para
 se acuitarem pessoas do seute
 alagado, mas também para
 agradecerem ao collegio o haver-
 los acuitado. Consta da carta
 de 25 de Setembro de 1619, agra-
 duendo terem acuitado a Chris-
 tovão de Tavora, Filho de Ruy
 Pires de Tavora, Reposteiro mór.
 E isto se praticou até o Senhor

Rey D. Pedro 2.^o que tambem es-
creveo ao collegio a favor de Rey
D. Carlos de Savora, Filho do Mar-
quez de Savora. Era a Miza
chando para a independen-
cia das suas resoluções com
que o collegio se governa, dizia,
que nao era da proteccão Real,
assim o Conflio, mas isto nao
impedia que na consideração
das grandes rendas com que
os Monarcas o enriquecerão, da
habituacão Real que Mederão, e
outros nao poucos favores com
que o illustrarão, sendo a maior

De todas aquelle exultando com q
se acha hq hum dos othos da
Universidade das mais celebres
do Mundo, se possa attribuir
o augusto nome de Real. E se
nada d'isto basta para justifi-
car este tao grande epitheto,
nao haverá quem possa negar
o maior direito ao folegio
no seu agradecimento. Dir-
Aulo Gellio, que os nomes nao
sao impostos por hum caso
fortuito mas por huma cer-
ta forza e virtude da natureza.

Se esta doutrina foi alguma
 vez verdadeira, h'è agora, pois
 não havendo couza mais na-
 tural, que o agradecimento,
 comovido por este nobilissimo
 affecto o collegio de S. Pedro, dir,
 e dirá sempre aos Augustos
 Monarchas destes Reynos, o -
 que em outra embarcação di-
 go occazião se dize a Augus-
 toezar.

Perillos vivimus, perillos navigamus,
 Perillos Libertate ad fortuna fruimur.



[Faint, illegible handwriting, likely bleed-through from the reverse side of the page.]

Carta

Do Doutor Pedro de Alpoem p.^o
 o Duque de Bragança D. João 4.^o
 1581

Muito Ilustre Senhor Duque
 de Bragança.

Obrigame escrever a V. Ex.^a cá des-
 toutro mundo de verdades, e de-
 zenganos, sobre este negocio de
 tanta importancia, e materia
 tão importante á honra, vida,
 estado v. v. e de todos estes Rey-
 nos de Portugal, aos olhos, e me-
 moria de hum São, que tives-

tiwestes muito conhecido no-
Mundo, a quem em tempo tão
necessitado de homens, qual
elle foi na vida, por nobres e-
stos peccados suadestes no-
caso da Illustrissima Casa
so mente, que na Realda de Por-
tuguez, no Coraço Real, no ve-
lo da Conservaço do Reyno, q
houveris de herdar, afamados
no mundo todos os Oleiros, Ca-
pateiros, Affaiates, e os Mestres
do Laço, vos furtarão a benção,
e lugar, mostrando-se tão in-
teiros, generosos, leais neste der-

derradeiro termo, que Portugal
fez, e com que acabou por alguns
annos, como se os privilegios
honrazas, ou os titulos illustres,
eos Morgados, e Reynos, foram
seus delles, e não vossos, e como
se de Rey natural, que podia
dair, e darmos, não fora sem-
pre o melhor, querião vosso, e
dos mais Senhores Fidalgos,
a quem o Rey favorecia, conser-
vava, e sabia o nome, e com
quem distribuia a maior
parte dos bens da sua coroa fi-
cando elle sómente como es-

Estado, e titulo Real, com as obri-
gações de nos defender a todos,
e governar, porque quem vir
com curiosidade as rendas da
fora, e bens Patrimoniaes
dos Reys nas Alhandegas, nos
Contos, e nas Cizas da cidade
de Lisboa, do Porto, e das mai-
is, achará esta verdade cla-
ra, porque todo o bom, e grosso
estava dividido, e determina-
do em jurros, e tenças, e morga-
dos, Reguengos, jurisdições de
Villas, e Vapalos, tudo desmem-

membrado da coroa Real, nos
Senhores e Fidalgos do Rey.
no. De maneira, que mais
parecia o Rey seu Pai, ou o
maxarife delles, que Rey, e
Senhor. Oh mal afortunados
tempos! Em infelice e desaven-
turada! El'astima para sen-
tir, quem de todo não perdeu
o juizo, com as rezões fastidias
nas de Portuguezes e Elhes.

Hé possível que chegarão
estes mesmos Senhores de
bom sangue, de bom nome,

e alguns d'elles, ainda que pou-
cos, de bom entendimento, de
sua livre vontade, e motu pro-
prio a escolher, e a negociar por
todos os meios humanos, e dia-
bolicos, extinguir-se como Sep-
tro Portuguez, sua Patria, Na-
ção, sua fama, estados e suas
mesmas Caras, veniidos de
respeitos, odios, e interesses?

Mal me pareceu lhes lembrou
aquella notavel resposta, que
oforde de Ourem D. Nuno Alva-
res Pereira deu a seus Irma-
õs, em outro caso semelhante

deste, o qual tendo guerras com
Castella o Mestre d'Arma, que de-
pois foi Rey D. Joao I.º de gloriosa
memoria, e andando os Irma-
õs deste valeroso Portuguez, lan-
çados da parte de Castella, sen-
do cometido d'elles por parte
do Rey Castelhano, com gran-
des promeças, e partidos, que
selançasse tambem com elles,
respondeo: Nunca Deos quira,
que por dadiças, nem averes,
eu seja traidor, ou ingrato à ter-
ra que me criou, e onde eu nas-
ci. Os Senhores Fidalgos des-

deste nobre tempo, por intere-
sus, e promeças falsas, assigna-
das em branco, não só vende-
rão sua Patria, mas pregou-
rão, e persuadirão esta Sinta
catholica, com tanta vehé-
mencia, elle, suas mulheres,
Filhos e Criados, e com tantos
desejos de nos verem a todos con-
vertidos a ella, que Martinho Lu-
tero, e outros Hereticos que
o seguirão, não zelarão mais
sua erros, e falsa doutrina, pa-
ra a verem perpetuada na
Igreja de Deus.

Hora Excellentissimo Senhor, que
novos Capitular brevemente
os erros gravissimos, que neste
negocio cometestes, com os ma-
is Senhores, e Fidalgos desta
conjuracao, para que vendo os
avis, e aelles neste espelho
claro, nao percais alguma
boa occasiao se a Deus der em
algum tempo, de cobardes
o nome Portuguez que per-
destes, tanto para cobicar, e
perderes o que ganhastes vós,
e os mais, por todas as. Na-
es the' como mesmo Rey, e

e Náo, a quem nisto servis-
tes, pois chegarão a chamar
à rua onde os Governadores
moravam, quando fugiram de
Setúbal / La Calle de los trai-
dores / e não cuido que nisto
vos faço pequeno serviço, e as-
sem Comum.

Primiramente o Senhor
Cardenal dos 4 Coroados, jurado
por Rey em Lisboa / lembram-
do-me a obrigação que tinha,
e perigo entre mãos, de con-
servar este pedaço de terra, que
seus antepassados tiraram dos-

aos Mouros, e defenderão aos
Castelhanos á porta de 500
annos, á custa de muito san-
gue derramado delles, e de
seus Vassallos, em continuas
guerras com hums, e com ou-
tros. Logo se acoutelou para
segurar o Reyno em sua li-
berdade, e Rey natural, com
perseguir ao Senhor D. Anto-
nio, seu Sobrinho, e a setemor
de Bragança, mandando os
afastar de si, o mais que pou-
de emutendo nos braços os Em-
baixadores de castella.

Dois erros infames cometeo esta lealdade em nossos tempos que eternamente nuca lhe sahirão do rosto, se houver Chronista de nossa paizana do. O primeiro foi consentir, e permitir a desaventurada jornada de El Rey D. Sebastião, que no supposto se embarcou francamente, sem hum Vinador, ou Mister, que aodesse a huma honrada aodesse Portuguez.

O segundo erro foi acci-

acutar esta fidade ao fardal por-
Rey, e dar-lhe posse do Reyno, sem
mais fortes, nem Consulta das
outras fidades e Lords, tão nobres,
e mais naturais do Reyno, do-
que a maior parte da gente de
Luboa, recebendo esta fidade
por herdeiro, com autos publi-
cos, e não menos que por her-
deiro legitimo, e forçado, sendo
Clerigo, e impotente, podendo-
já que o queria, elegulo em
nome de todo o Reyno, por seu
Rey arbitrario, eleito, com pro-
testação de por sua morte

que tão perto estava á vista,
 ser outra vez á eleição dos Bo-
 vos. Fosse este tão máo Consi-
 etamanto erro, que bem po-
 reuo faltar aqui hum João
 das Regras, que o lembrasse, e
 requereu.

Agora este Principe, como
 V. Ex.^a sabe, irmão ultimo, e in-
 ferior attado á Sinco que teve,
 e muito aborrecido d'elle todos,
 e de seus proprios Pais, de que
 não faltão ainda testemunhas
 vivas, por ser homem de bai-
 xos espiritos, e Condições, ten-

tensuro vingativo, para pouco,
tão inimigo da Nação Portu-
guesa, e de seu proprio sangue,
que por mostrar esta nature-
za sua, perseguio ao Sobrinho,
aflictoando se aos Castelhanos.
Foi este Principe guardado
com vida, tantos annos, depois
da morte de todos seus Irma-
õs, Sobrinhos, e herdeiros do
Reyno, que foram vinte e tantos,
para nos herdar, e governar com
tantas desaventuras, e misérias,
que he o caso da Ilha da Ma-
deira tão afrontoso o vimo no-

no seu governo, e tempo. He
para ser de corra de todos seus
Avós, que com tanto animo, e
esforço offeruerão sempre a vi-
da e Estado por nos não dei-
xarem captivos de castelhanos,
lanzando ainda muitos del-
les em seus testamentos, e car-
tas grandes maldições, e par-
ticularmente El Rey D. Mano-
el, seu Pai, a todos seus Filhos,
e suepores, se em algum tem-
po pertendessem aliança des-
te Reyno a froua de castella, co-
mo se pode ver nos Cartorios

da Torre do Tombo, da cidade
de Lisboa, e de Evora.

Algum tempo, este velho
codame, e cruel, depois de ser
Rey, dizem, que esteve inclina-
do a declarar a senhora D. fa-
therina, mulher de D. G. se por-
doe por herdura, e direita su-
cessora do Reyno; parece que
os remorsos destas maldições,
ou remordido na Consciencia
de algum bom espirito, com-
que Deos não falta. Depois
de enlameado com as lagri-
mas nos olhos digo, com as-

lagrimas que via nos Portu-
 guezes, por sua má, e nativa
 inclinação, ajudado com as
 pregações de S. Jorge de May-
 de x.º algós da forte, e d'outros
 Discipulos occultos do Duque
 de Osuna, que pella vritava
 desviava, ajudando se do Pa-
 dre Fr. Lixº do Subriro, e da
 Subriro, por evitar guerras, se-
 mudou este Rey Portuguez des-
 te santo proposito, protestan-
 do se de maneira na devoção
 de Felipe, e odio dos mais por-
 tucenites do Reyno, que nem

requerimento dos Mistérios,
nem lagrimas dos Lovos, nem
derenganos de Procuradores de
Fidalgos o demoverão nunca des-
te obstinado intento, antes
vendo que o Lovo punha os
olhos cheios de esperanças no
Senhor D. Antonio, por sua ra-
ma humanidade, e por falta de
não verem outro, todo seu ne-
gocio neste tempo foi proceder
contra elle, e com Sentenças crue-
is, Cartas de edictos infames,
sendo Sobrinho seu, e Filho do
mais honrado Armao, e ami-

go que elle teve na vida, a quem tomava por terceiro, quando queria que El Rey D. Manoel seu Pai ouvisse, ou visse.

Quando El Rey D. Manoel se descobrio a elle, e foy hum dia estando em pratica com alguns dos Portuguezes, depois que trazia a illha, chegou a dizer, q' lhe puzava d'hum boa somma de mil cruzados de hum alvitre, que applicara a obras

pias, ella não mandou gas-
tar nos Paços de Coora, por-
raque quando entrasse o as-
tethano/a quem nesta occa-
zião chamou sobrinho/tives-
se logo na entrada bons apo-
sentos aonde se reuear.

De El Rey D. João o 2.^o se con-
ta, que dizia muitas vezes á-
mãe, entre praticas: Quem me
podera fazer entre Portugal,
e castella hum muro de bron-
ze, que chegara alhi o fco, que
nem os paparinhos de lá, tras-
sem para cá, porque nenhum

Bem nos vem delá, e males m.^{tos}.
 Caruivos, Excelente Senhor,
 que se este Santo Rey lá onde
 elle está descansando, e inda
 está inteiro seu corpo, ouvia
 estas palavras de hum seu
 Sobrinho, e herdeiro, que ficara
 contente, e as approvava por-
 avertadas?

Estes forão seus dezanhos,
 e intentos, nos quaes continua
 ou sempre, entretendo porcos,
 e porcos, com promessas falsas
 que lhe daria Principe e Por-

Portuguez, e empia a he' sua
mortal doença, na qual fêz
hum testamento tão facho-
lico, tão Portuguez, tão joio, tão
cheio de esmolas para Mos-
tims, e viuvas pobres, e com
boa declaração de suor do
Reyno, que em quanto o mun-
do durar será escandalo pa-
ra quem delle souber, porq' tão
escapo, e cruel, tão descuida-
do das cousas do Reyno. se-
mostrou, deixando por sua
alma como hum pobre Es-
cudiro, para que tudo ficasse

insolidum a Felice, que chegava
 não ather cantarem pellas ruas
 de Lisboa, e Santarem, pu-
 blicamente a aquellas bravis
 por sua alma, que elle bem
 merecia, mas por em nunca
 cuvidas dos Christãos, innocen-
 tes mininos, os quaes deixado
 assim.

Viva El Rey Dom Henrique
 No Inferno muitos annos,
 Pois deixa em testamento
 Portugal aos fastidiosos.
 Inda que por obra isto não
 foi verdade, de tal maneira

deixou elle as cousas ordena-
das, e sua tenção declarada
aos que deixava cometido oner-
gocio, que tinha rezado o Louvo
de lhe cantar estes louvores.

Mas deixemos já de fallar
nos escandalos que este Ante-
Christo deu ao Reyno, porque
esperamos ainda em Deos,
e na Justitia Divina, que se
forem vivos alguns Portuque-
zes, dos que agora andão es-
condidos, perseguidos, e presos,
quando Portugal reuiscitar

que a sua Orada que Felippe
 trasladou para Bullm, acom-
 panhada da que estão em
 Elvas, no Espinheiro de Cro-
 ra, e em outras partes, sejam
 publicamente queimadas,
 já que Deus foi servido de se
 a alma, a cuja hera antes do
 corpo, chegar a este tempo tão
 deixado, em que pagará quan-
 to temflito na vida, em geral,
 e em particular a este mofo-
 no Reyno, comessando no es-
 tudo Ecclesiastico Religioso

acabando no secular, de que
de todos os abolou e consomio,
e ambos da maneira q' estao.

Os Simos Traidores do gover-
no, com o titulo de Defenso-
res nobres, e Governadores do
Reyno, herdando por morte
deste Principe, o odio que elle
tinha ao Senhor D. Antonio,
e a Nação Portuguesa, de ma-
neira, ~~que~~ comefarão logo em
tomando o governo a guar-
dar todos os respeito a Fili-
pe, e a seus maxeredores, ou
Embaixadores, e nenhum

27.^o aos Perterrosos, assim naturais
como Estrangeiros, que logo si-
vio, que dominava nelles o hu-
mor fastidioso; por onde pello
infame nome que entao cobra-
rao para si, e para seus descen-
dentes, terao sempre a culpa do
nosso affrontoso Captiviro, e de
todos os males que á sombra
da boa guerra se fizerao neste
triste Reyno.

Nem foi piqueno descuido,
e unanimidade dos Procu-
radores das fortas, temendo isto
dantes darem lhes pacifica

obediencia, reconhecendo nelle
a Magestade Real, porque
além de nisto abrirão mão
da occasião, e por se, que o tem-
po lhes offerecia de ser do povo
a eleição do Rey, ou de quem
os governasse, tñe se isto deter-
minar, mostrará grande co-
bardia, vendo já nelle o que
d'antes temião tendo as costas
quentes em Santarem, não os
mandar todos a pór o fardal,
ajuizo, a dar conta das dani-
das tenções, porque a se San-
tarem dezbainhara como

o tempo pedira, e a Carruca co-
mebára em Almuirim por-
estes traidores, e outros, que a sua
sombra estavam já vistos por
falcos fastelhãos, o Reyno des-
pertara, e tornara sobre si, pa-
ra que nunca vissemos a po-
der de fastelhãos, nem ouza-
rião entrar elles cá, se vissem
estes cornos sangrentos, por-
que são também Sadios, e ne-
cessarios.

D. Manoel de Portugal, e
hum Phelipe Moniz, require-
mão nas Cortes, que ou tira sem

os Governadores supostos no go-
verno, ou the' acrescentarem ou-
tros sinco, mas nada aproveitou
para animarem os espiritos
cobardes, comprarem-se de su-
as palavras, e que postos em
tão alta dignidade com titu-
lo de nobres defensores, fariam
como Leaes o que eraõ obriga-
dos à Patria, e à justiça, mas
foi engano claro, e grosseiro por-
onde os traidores cobardão tan-
to animo de não verem em-
ninguem para lhes hir a mão,
e de se verem reconhecidos por-

por suprema, e Real dignida-
de, que sem temerem, nem fa-
zerem caso de fortes, continua-
rão decembucadamente em a-
venda, e entrega do Reyno, co-
mo thesicaera encomendada
do Rey sardeal.

Mas para sua traicao e
maldade ser mais abonada
e espantosa, neste mesmo tem-
po comparão a meter o in-
nocente Dovo em pensamen-
tos de guerra, e defencao da Pa-
tria para o desmaginarem dos
temores, e desconfianças que

2, 5
nulle viaç, malhada foi esta nu-
ca vista, nem tida em histo-
ria antiga, nem moderna,
porque se nos meterão á todos
nos contratos, e partidos, em-
que andando com pastella, fo-
ramos vendidos, ou entregues
com menos deshonras, e per-
das, porque não estava Fili-
pe dezaireado nos partidos
e condições que nos cometia,
ainda que nunca os compri-
ra, como fez a elles, mas estes
Senhores para melhor fare-
rem seu proveito com este Rey

Estrangeiro, a quem portendi-
do ganhar a vontade, quize-
rão elles sómente com seus
Parentes, e amigos, ser os que
negociassem esta contratação,
para que o Povo, que destas
meadas não tinha mais que
suspectas e ruymos na rezis-
tencia, e defensão que foyse,
he acrescentarem a elles me-
numentos, e serviços para có-
Sua Magestade the assim,
que paleadamente se comu-
nicavaõ todos nesta conjura-
ção, com cartas, e Correios se-

Secretos, muito tempo antes
da morte do Rey fardado, e
depois della, que hi' caso de
grande espanto, correndo en-
tre elles esta lincoagem de
chamarem aos da conjura-
ção, sezuados, tendo por nesci-
os, edoidos, os que não sendo
da sua liga, querião antes mor-
rer valerosamente em defen-
sa da Patria, que vella entre-
que por traiçoës, e manchas, se
ordem, nem justica a seus ini-
migos, com perpetua infamia
do nome Portuguez, chaman-

do do tais por escarmos, os le-
is, de maneira que neste tem-
po em que o Reyno ardia em
motins, e confusões, em temo-
res, esperanças, suspensos, e
confusos dos suíços deste ne-
gociu, começaram as suas Senho-
rias a ratificarem mais se-
us ardiz, e traiçõs, com man-
darem Cartas e Provisões
por todo o Reyno do Estado
Ecclesiastico, em que pedião,
e encomendavão aos Pregado-
res, e curas das Igrejas, que

claramente dizebem ao povo,
no pulpito, e suas Estações, q
se animassem á defensão do
Reyno, a pararmos armaz,
e fortificações nos muros, por-
que elles tinham já manda-
do mover as peças, e ordenar
Fronteiros novos, para que
passadas Provisões a Fidal-
gos para isto, como foi a D.
Diogo de Meneses na marca
da do Alentejo; a D. Luiz de
Portugal na marca de Tho-
mar, e assim com estas fal-
sas mostras de Leões allora,

carão o povo a falsas esperanças de liberdade e defensão p.^a de todo ficar perdido e abatido no futuro. Deseja vel he que algum dos seus Governadores e a Santa, e a Real intentos neste desenho, porque se afirma que alguns lhe resistiam, e que o Arcebispo de Lisboa não quiz que dentro na fidalga se publicasse, nem pregasse este a perseguição, mas elles todos juntos não fizeram mais neste negocio da libe-

Verdade Portuguesa, que o as-
sima dito tem, meterem ma-
is cabedal, ou fazerem mais
despensa para effeito, que de
papel etinta: He certo que
cuidarão, que assim como Fe-
lix com estas armas con-
quistara aelles, e aos mais
Fidalgos do Reyno, assim
tambem com papel etinta
nos defenderiamos dos Jude-
cos e Italianos, que elle tra-
zia enganados havia dois
annos para os meter em Por-
tugal.

Mais se afirma por verdade,
 que muita parte desta artelha-
 ria, digo, desta pouca artelharía,
 S.C., espingardas, e munições
 de guerra, que estes traidores di-
 ziaõ que mandavaõ aos Fron-
 teiros do Alentejo, portaporem
 aboca aos que lá estavaõ, pas-
 sou encoberta pella ponte de
 Badajoz, como na verdade pas-
 sou. Taes estavaõ os fastelha-
 nos, que depois de Felipe fal-
 tar com dadivas os Alcaides
 Mores deste Reyno, e os Fidal-

gos, e ter por si os Governadores,
 eo povo decaimado d'elles, por-
 ver que alevantavao o poder do-
 castelhamo athi as nuvens aba-
 tendo o nosso, pregoando por
 impossivel nossa defencao con-
 tra castella, e percebendo se os
 Castelhanos dois annos con-
 tra nos, ainda entenderao ser
 lhes necessario ajudarem se
 das nossas municoes, e armas,
 para poderem pelejar contra
 nos.

Tinha entendido este co-
 bicozo Rey por espias. Me-

mans, que cá'mandou reconhe-
cer os Fortes do Reyno em vi-
da do fardal Rey, só'mente
para bater os Castillos da raya,
se nelles houvesse de entrar,
havia mister gastar toda a sua
fazenda em pólvora, porque se
não tivesse por si todas estas
achegas, se armas, pólvora, chũ-
bo, tirando nos tudo isto a nós
neste tempo, só Elvas com seu
terro onde há perto de 1400
homens de pé, e de cavallo, bas-
tava para nos Olivença, antes
de chegarem os castelhanos

abater nos muros, athé' conso-
mir todas as suas forças com
arcabuzaria Portuguesa; os
traidores dos Governadores os
guardarão deste perigo. Sees-
te Rey tivera ordem de justiça,
e seguira o bom natural, que
se acha athé' no Turco, se q.
se entregariam Fortalezas por
traicao, como foi. Nicosia em
Chipre, Negroponte na Mar-
ca, e outros Lugares de Chris-
taos, nos Governadores, e ouve-
ra de mostrar a crueldade
Castelhana, que com nosco

teve em todo estado, pois não
 menos traidores se mostraram
 na entrega que lhe promette-
 ram, do que foram na defensão,
 que nos devia; porque nem
 com elle tratarão verdade, pa-
 ra nos entregar, nem com
 náo para nos defender, ahi-
 do em tudo perplexidade, in-
 convenientes, em que he for-
 cada cahir quem não vai pel-
 lo caminho da razão, tendo
 a Deus por norte.

Chegaram estes traidores
 a tanta cegueira, e de avorço

nhamento, que tendo jurado
todos não tomar voz por al-
gum, sem se dar primeiro
Sentença pelos Setrudos de-
putados na causa, avocação
asi, e intentarão devendo a
Setubal sur Juizes em caso
tão grave, etão duvidoso dar
Sentença por Felipe. Para
este fim se partirão de Al-
meirim para Setubal, por-
to de mar, convocando aella
os mais dos Fidalgos da con-
jurção, assim Leigos como
Ecclesiasticos s.c., o Meirinho

mor, D. Antonio de Vascaes, D.
 Fernando de Linhares, D. Jo-
 ge de Tave, o Bispo Linhei-
 ro, e outros muitos, que seriam
 perto de quarenta Fidalgos
 conhecidos. Mandaram logo
 fechar todas as portas da Vil-
 la, de pedra, e cal, da grocua
 do muro, deixando so' duas
 abertas com guarnicaõ de
 soldados postos nellas, para
 que não entrassem dentro su-
 naõ os da Conjuracão. Nes-
 te tempo o Conde Portuguez
 de Vimioso, herdando o espi-

rito do fonde D. Nuno Alvares
Cereira seu Tesoureiro, que em
Almeirim tinha já visto su-
as traicoes, os veio seguindo a se-
tubal muito á preza para ver
se podia impedir tanto mal,
quanto se temia, o que enten-
dido por elles antes do fonde
chegar mandaram dar rebu-
te ao traidor Diogo da Fonce-
ca, seu Guardamôr na mes-
ma Villa, que por nenhum
caso o deixassem entrar den-
tro, e assim o esperou em am-
bas as portas com murroes

29º acuos para lhe defenderem
a entrada; mas antes d'elle che-
gar, vendo estes traidores que
o Povo da Villa sabia isto, es-
comessavao de motinar por
parte do fonde Portuguez, e q̃
estorvava grande parte de su-
as esperanças, tornavao a m.^{da}
recado, que o deussem entrar,
a tempo que elle já vinha pel-
los arrabaldes. Depois de en-
trado na Villa, vendo que es-
te fonde Portuguez, com al-
guns Procuradores das for-

tes que á sua sombra se forão ²⁹¹
tambem lá, lhe resistia a se-
us maliciosos intentos, de que-
rerem ser juizes, e dar senten-
ça, e que não podia isto ser
pellas razões e embargos que
lhe punhão; vzaão de outra
invenção, e ardil, não menos
dezaforado que o primeiro,
querendo avocar a causa eli-
tigio das suessões do Reyno a
votos dos que então achavao
presentes, e porque os Procura-
doris das Cortes, que se ali

292. achavão á sombra do grande furacão
leões, e muitos determinarão de-
reduzir neste Conselho a eleição
a votos dos trez Estados, a saber,
Ecclesiasticos, Fidalgos, e Procu-
radores dos Povos, a numero de
trez votos sómente dizendo,
que não hera tempo para ma-
is vagar, por ser já Elvas en-
treque a Felipe, se não de vota-
rem todos Portugal, ou castil-
la por faixas brancas e negras;
os trez Estados, cada hum por
si, e para onde prevalecessem
os dois Estados nos votos, as-

apum se fizebe, porque como
 tinha por si os votos dos Fidal-
 gos, ao qual Conselho acrescen-
 tando mais alguns homens
 novos, a saber Bernardim Ri-
 beiro, e outro, por se segurarem
 mais neste voto. Tinham tam-
 bem pella segunda liga, o se-
 gundo voto que hera o do Es-
 tado Ecclesiastico presente, q
 hera o Arcebispo de Lisboa D.
 Jorge de Tave, Capelaõ mior,
 o Bispo Pinheiro, o terceiro vo-
 to que tinham reduzido todas
 o dos Procuradores dos Povos

não thefaria mão logo, ain-
da que votasse por Portugal,
e por definção. Esta panella
assim mexida por D. Christo-
vão de Moura, e proposta no
Conselho pleno, não pareceo
bem nas leaes, e logo o foy de
Portuguez acórdio, e reuestio
a ella com os Procuradores
de sua tenção, protestando, q
atal eleição não seria valio-
za, e que em caso tão grave,
etão importante a todo o
Reyno, já que o não queria
deixar nos pareceres dos Le-

trados, se não dos votos, e pa-
recera, que mandassem pri-
meiro chamar os mais Pro-
curadores, e senhores do Rey,
no parague, o que ali se acor-
dasse, e resolvesse, fôrse con-
sentimento, e contentamen-
to das partes, mas como os
traidores do governo, e Fidal-
gos da conjuração estavam
de muito tempo penhorados
por fastella, e não sómente
na Villa, mas também nas
mesmas Casas do Duque de
Aveiro em que moravam, com

com muitos mosquetes, pólvora, e pelourros, para fazerem a sua mais a seu salvo, esperando de hora em hora pellas gales de Felipe, que tinham mandado vir para este intento. Nenhuma cousa se demoveo pellas protestações, e requerim^{to}to, que lhe foram feitos sobre este caso, estando tão enfadados da tardança, que as Gales fazião em chegar, que se ouviu hum dia esta palavra ao Turco D. João Mascaranhas, indo pella varanda que man-

297
mandou tapar por se temer de
algun pelouro, bem merecido. Al
Felipe que asi es vagaroso, e co-
mo Deus não queria que o inno-
cente e leal D. Loupifosse embara-
cado na consciencia com a sen-
tença, e abominavel elicção do
Rey, cursarão tantas mortes, e
tão rijos todo o tempo que elles
esperarão pella Armada, que de-
pois de muitas Consultas, e con-
flicções de accordos, em que houve
hum dia apanhar, n. quaxe
todos os do Conselho, contra o Rey
de Portugal, deichada a trua

da Sentença, seguirão a da eleição, determinando fazer este em tudo solemne de S. Pedro e Paulo, que hera dali a dois dias, para que então se declarasse sahindo os dois votos dos dois Estados por castella, como tinham por sem duvida, acotherem-se todos em huma Gale e Caravella da Armada, que para isso tinham mandado vir de Lisboa as quaes tinham já apparelhadas na Bahia de Setubal. Neste mesmo dia mandou o Conde Portuguez ao benigno Rey D. An-

Antonio arcada, que já hera
entrado, e recebido em Lisboa,
que acodisse logo, antes que se
concluísse a traição, o qual sa-
hido logo, pellos mesmos da
guarda dos Paços, e tutta gente
leal que havia na villa, comen-
saria de se a motinar com gri-
tos, e ameaças publicos, no sa-
pal de fronte dos traidores, que
elles houverão por seu acordo.
ver se podião pôr em salvo, e
assim determinarão da quel-
la noite seguinte se embar-
carem, deixando tudo em abar-

to para porem sullo as suas tra-
cois. Não pode ser isto tão sur-
to, que tambem se não enten-
deu dos soldados, que logo co-
meçaram a vegiar, e cercar de
maneira, em a noitecendo com
muito risco de suas vidas, e tan-
to, que hum se deitou por hu-
ma corda, outro se vestio em
hum chiote, e assim se acobres-
sobre hum a no, os mais bus-
carão mil invensões baixas,
como elles herão dos espiritos
para se hirem embarcar. Es-
tes forão Francisco de Sá e M.

Almuida, Alcaide mór do Porto,
D. João Mascaranhas, Capitão
que foi do segundo cerco de Dio;
Diogo Lopes de Souza, Governador
da Casa do Civil. Os da Vil-
la vendo já com os olhos a trai-
ção, e engano em que os trazi-
ão, bramiao como Leões, dese-
jando dar-lhes o pago do seu
bom governo, e fidelidade. Aes-
te motim acodio o fonde Por-
tuguez, com animo de Christão,
e leal, como sempre teve, o qual
por muitos justos respeito
acodio, digo impedio não se



se fazer carnica, entre tanto re-
primos com rezo's o impeto dos
soldados, por largo espaço da
noite, até se porem em salvo,
e se embarcarem, porque nulli
nao fora todos os da conjura-
cao houverao de pagar na quel-
la noite, o que deviaõ á Patria,
porque parece, que de proposito
os trazia ali sui peccado juntos
ao talho. Nao faltou quem di-
cesse, que o Conde errara nisto,
mas a sua rezao convensio a to-
dos naquelle tempo, dizendo,
que fazia a nosso caso fugirem

elles, que não matallos em ter-
ra, e que mais soaria mala-
quem apaixonadamente vis-
se este negocio; basta que elles
os salvou, e deu para porte por-
terra a D. Christovão Moura, p.^a
se pôr em salvo. Bem vista
fica neste breve sumario, qua-
is foram os traidores em seu of-
ficio, e dignidade; não fallo em
D. João Tello, porque quando
se foi ajuntar com elles em Se-
tubal, em huma Gale, que to-
mou em Lisboa, entrando

pella barra, e sabendo os quatro
do governo que heira elle o quin-
to, o mandaraõ surtir de bom-
bardas arriçoadamente, da
Torre de Outaõ, por naõ surda-
sua tencaõ e Ley. De pois que
ovirãõ entrando pellas bocas
dos tiros, e isto visto, e sabido
pella Villa, sofreraõ no por des-
simularem, que seu peccado
os levou de mar em fora, a onde
andarãõ em calmaria dois
dias á vista da Villa desma-
iados, olhando se hixãõ os da-

terra prendellos, e só o Governador
se foi quietamente para sua
casa, por ser Portuguez, onde
morreo, dizem que de paizão, de-
ver as injusticias dos traidores.

No principio desta con-
juracao já explicada, se foi
V. Ex. a Amcirim, quando o
Rey fardal se descobria já sua
tencao por castella, e logo depo-
is a Senhora Dona Catharina,
com grande Estado, e sapella
de Muzicos, a acompanhados
de alguns poucos de Ceisa, os-

os enfrontados em libré de sol-
 dados da guarda de vossa Magesta-
 de, já então as cousas eram tais,
 que para responderes a quem
 heres as obrigações do Estado-
 Bragança, não sómente não
 vos havreis de temer, e hir me-
 drazo, mas ser tão temido, en-
 trar na forte, em hum brio Por-
 tuguês em hum Coração tão
 grande, que a sombrara o far-
 dial, e metera por dentro a to-
 dos os Traidores que lá anda-
 vam, entretendo vossos Vassallos

todos aparelhados a som de guerra, e postos a pique para toda a desordem e traicao, que vires no Rey fardal, ou nos portensores deos reiraveis, porque falando de apaucho e honradamente, vós só, com vossos Parentes, Criados, e Vassallos, tinheis bastantes forças para reuereis todo o poder que Felipe tinha aparelhado contra nós, e para obrigardes ao Duque de Alva a humar retirada mui afrontosa; mas faltou-vos o-

o coração do Conde D. Nuno Al-
vares Pereira, vosso quarto Avô,
não sómente nada disto fizis-
tes, antes, que o senhor D. An-
tonio antes, digo, ainda que
aborreido, desnaturalado, e per-
seguido, não sómente do far-
dial Rey seu Tio, mas tam-
bem dos traidores do governo;
Depois de sua morte delle com-
'animos Real, que honrara do-
Infante D. Luiz seu Pai, se-
determinou a fazer vosso ato-
da a ambição dos Estrangei-

na, e traído dos naturais, aris-
car sua vida e Estado, na des-
fencão do Reyno, e que todos os
partidos honrosos nos façam
conta, de Mhesures companhia
no neste Santo proposito, nun-
ca já mais opoude acabar
com vosco, por mais que vistes
os inimigos entrados pelo
Reyno, e tomarem vs os vossos
apozentos de Villa Rica, e Ar-
mazais de armas, antes pa-
ra a vossa culpa, sus caso de
maior despropozito, depois

dezenegado de vossas esperan-
ças Reaes, mais perversas dadas
pellas traidores do governo, os
deixastes em estitubal, e vos fos-
tes a Portel, ter consulta com
os doídos de vossas Parentes, do
que jarrice, estando já as cou-
zas sem remedio. Bem se vos
podera dizer neste tempo, como
morto. Em vida do fardal.
Rey, deveris de acudir em vos-
so Estado, fonde Larrador, ao
Rato do Arcebispo de Evora, e o
capaza do somundador mior

com os mais que se acharão
 presentes neste vobso Conselho;
 como haviaõ muitos tempos
 que se acharão feridos da par-
 te de fastella, e priteados o seu
 sabor com Felipe, acordarão
 em Relação, que vos lanceeis
 fora do jogo, e viceis os Toiros
 de malangue.

Della Santa Ley de Solon
 Atheniense, perdida tendes
 a Casa e Estado, só por esta
 culpa. Mandava esta Ley,
 que quem nas diuensões, e

e motins da cidade, se não
lançasse de alguns dos ban-
dos, e parcialidades, esperando
ser, de viva quem vence; nello
mesmo caso the fossem con-
fiscados todos os seus bens.

Nada disto tivestes, antes con-
forme o Conselho que vos de-
mò, e tomaraes para si estes
Senhores vossos Parentes, vos-
deixastes ficar nesta vossa Vil-
la de Viana, da que hera o que
Felipe deixava, e vos pedia
com esta invenção tomou o

o Turco. Asia, Africa, e miu-
 ta parte da Europa, ponde-se
 os Reys Christãos a mira q.
 este tirano fazia guerra a al-
 gum d'elles; assim tomou Vi-
 gria, Bohemia o Imperio da
 Grecia &c. Neste tempo que
 He. se apartou do bem co-
 mum, ostando sómente pa-
 ra o mesmo tempo, o povo pa-
 decia a ultima dezaventura
 de ferro, e fogo, sem ter armas
 nem resistencia por todo o
 termo de Chrus, Olivença, Es-

Extremos, e todos os outros lugares do Alentejo. Não quero mais particularisar as culpas de V. Ex.^a, por não afan-
tar mais os olhos de quem a terra comee.

Os Fidalgos, Morgados, e Comendadores, que em todas as fidalgadas foram os nervos da Republica, e por esta causa tão privilegiados, e venerados do Povo, hums d'elles, ainda q.
poucos, se foram para o Senhor D. Antonio, depois de levan-

vantado por Rey, para segui-
 rar o jogo de ambas as partes,
 fazendo dahi seu negocio com
 elle, e com Felipe, correndo a
 dois cabos, como ja fez avizos,
 em tempo da Liga da Christiani-
 dade, escrevendo, e dando avi-
 zos ao Turco, contra a Liga, e a
 Liga contra o Turco. Assim
 o fasciao estes Senhores, podem
 do ainda mais misto para
 Castella, etanto que heira
 grande vergonha, e espanto
 ver as Cartas, que se toma-

marão cada hora aos espí-
 dos Fidalgos Portuguezes que
 andavao á iherga deste ven-
 dido Rey, e entravao em seus
 Conselhos de guerra: Outros
 furaõ Capitães da Armada,
 que tambem foi vendida, tan-
 tas vezes, que cada dia se to-
 mava hum, digo, se tirava hu
 Capitão mór, e se pedia ou-
 tro para não arrematarem,
 o que não aproveitou nada,
 por mais que o derradeiro la-
 pitão, que foi Gaspar de Bri-

317
Brito d'Elvas, heia heal, o qual
pella não quer vender, oem
derão a elle, e as Capitães, ain-
da que escapou da morte.

Os outros Fidalgos em ge-
ral, tirando os Criados, ain-
da não todos, deste Rey elci-
to, pariendo-lhe este máo Con-
selho descarregarem a algu-
ma desgraça, e terem compri-
mentos com sua Patria, se-
quer nas mostras de fora,
como todos estavam metidos
na conjuração lastimosa

a segunda, sua fazenda, e mercadoria, tomando o conselho que V. Ex.^a tomou para si, escondendo-se pullos matos em quintas embarrados, como Torraes, esperando ouvir novas do mundo, como se conta de hum forçado em huma gale, que escondendo-se de baixo da escotilha, ou cuberta, ao tempo da briga, depois de acabada perguntou delia: levam-nos, ou levamolos. Outros

depois de tomado fassas, ba-
tendo-se já a Torre de São Gi-
ão ouvindo os tiros em Lis-
boa, se escondirão dentro da
mesma cidade, com tanto se-
gredo e resguardo de não
serem chamados e obriga-
dos a acudir a tão extrema
necessidade, como padeceia
o Reyno chegarão a man-
dar fechar as portas de pe-
dra e cal das casas onde
se escondião, metidos com
armas e cavallos dentro

em cazas, dando-lhes os seus
de comer por panelas. de noi-
te, parauindos-lhes, que quan-
do os Reys e Republicas ins-
tituam os grandes, os Fi-
dalgos, e Morgados, que foi
para comerem, e vestirem,
melhor, para jogarem ma-
is, e para terem reser-
tos criados, para lograrem
as delicias do mundo, e que
quando viesse o tempo de
guerra, e do trabalho, não ti-
vesse nullo a Republica braco.

e columnas para se defender,
e onde se encostar.

As escuras que elles davão
neste caso, são muito para
asceitar. Dizião estes Senho-
res, q' não podião em boa con-
ciencia seguir o Senhor D.

Antonio, porque hera ale-
vantado, e Filho não legiti-
mo; não attentando, que an-
dando em prova a sua legiti-
midade o levantou por Rey
a Real Villa de Santarém, em
nome de todo o Reyno, ten

do já Felipe tomado com
 mão armada. Elvas, Oliven-
 ça, Campo maior, e Estremoz
 não como levantados pelo Po-
 vo, mas como tirano, a quem
 elles seguião sem nenhum
 escrúpulo. Também diz-
 ão por sua desculpa, que o po-
 der de castella heia tão gran-
 de, que ficava em doulce que-
 rer-lhe resistir; a isto respon-
 dem os contemplativos, que
 não nascia da que atofse,
 e porque fallamos Portuguez

claro, sabrá V. Ex.^a porque
 não quizerão pelear, nem
 defender o Reyno, e andarão
 com este contrato, e traições.
 Foi fina covardia, e puro me-
 do, que os mais d'elles trouxe-
 ra, metidos motanos da es-
 traição, e captivos de Afri-
 ca; e se lá ficou o meu esfor-
 çado, e invencível Rey D. Af-
 bastião de saudosa memo-
 ria; elles o deixaram parar, e
 entregaram aos Alarres com
 suas judiarias, chamando-

the doído, e temerario, pon-
do the todas as culpas que
quizerão, por encobrirem as-
suas, que a verdade he esta;
elle os conhecia muito bem,
e tinha na conta muito
bem que mereusão; mas
não lembrou em tempo q
thehua mais a vida e hon-
ra. Fera este hum leg
a quem se não pode negar
muito esforço, muito boa
liberalidade, muito boa con-
versação, ainda que os Pa-

Padres da Companhia o crea-
 não fora disto, marcebo de
 muito raro entendimento,
 e se os Fidalgos que com elle
 foram, o acompanhassam aju-
 dados com animo, e esforço
 que nelle virão, pelexarias do-
 brado, e a victoria fora nossa,
 e a desaventura não fora tan-
 ta, mas como estes Senho-
 res não sabião mais senão
 rasgar sedas, lograr perfu-
 mes da India, agora estila-
 das, passear as Damas, in-

inquietar Donas virtuozas,
 honestas, andar com a barba
 no ar, mais soberbos que su-
 cifer, cuidando que nisto es-
 tava o ponto e ser da Fidal-
 guia, indo armado desta cor,
 etença, mais para voadas, que
 para brigas, em vendo o cam-
 po de Maluco, arrayaes cal-
 moros, armas feridas, e de-
 saques tomados, logo esmu-
 rruo, cahindo o coração aos
 pés, pello que, o primeiro S.
 Tiago que se deu, elles foram

as primuras que mostraras
 as castas do. Moças, vellan-
 do a vida solta, com tanta
 desordem, e cobardia, que os
 quadros dos aventureiros,
 ou de aventureiros de pé, visis-
 ta da Villa de d. lugar, rel-
 tas principio a toda o mal,
 e destruição que logo se se-
 guio. Esta he a verdade pu-
 ra, e clara. Quereis cobrir o
 feo com humma joia, tapar
 a boca aos Soldados, e pôr
 a culpa a El Rey. Digno es-

isto aonde senão sabe ca-
mo elles se cruzarão. deante
dos muros, metendo-se debai-
xo das carroças. Com este
esforço e valentia de certos
Portuguezes, deicharão seu
Rey em Africa, sem saberem
dár novas d'elle, vendendo-se
por Capturas de negros deul-
mados. No Capturairo tão
vão, tão desonesto, tão inven-
siveis de sua honra e fide-
dade, que muitos d'elles au-
tarão resgates das Embaixa-

acadores de Felipe, com vergo-
nhozos partidos, sobre a suces-
são do Reyno, que já começava
a vender.

Este mesmo ser e Fidal-
guia tiverão na derrota de
Alcantara, escondendo-se,
fogendo, em tempo, que seus
Iris mortos se podião de-
sejar vivos para alancear
Castelhanos, e os lançar fora
do Reyno. Por onde digo a
V. Ex.^a que podemos dizer, e
afirmar com muita verda-

de, que se acabou já a Fidal-
guia de Portugal, e se des-
der nelli Rey natural, pode-
rá com muita justiça, e com
boa consciencia, o que faria si-
vergo, e faz o Grao Turco hoje
em dia, que he tirar lhes os
contos de renda, os morgados,
e privilegios, arrazando os co-
mo os mactronicos, e comessar
se outro encerto de Fidal-
gos, fundado em merecimen-
tos pessoais, sem opiniao de
geraões, nem apelidos, por

porque os castros, os Meneses,
 Mellos, Mascarenhas, Sa-
 coras, Barreiros & já não dão
 fruto, se não de baixezas, co-
 bardias, desonestidades, e pou-
 ca christandade, e se alguns
 ficaram bons, o nome, e apeli-
 do lhe houvera de tirar.

Não falla nas Portugue-
 zas fortinhas, e Britas, & q.
 pullos honrar dão lugar
 entre os negros, em quem
 se achou Santalidade, e es-
 forço, que alhi a Torre da

da polvora, em que estava
 nobra defença, se não foi se-
 não dellas, e asompantamão
 o Rey D. Antonio atthi de to-
 do se perderam em Viana.

O Povo cuja voz se chama vir
dei ainda que nunca foi ou-
 vido elle só conservou a fe-
 Portuguezes não fortes, e fora
 dellas, com pacto, esforço, e de-
 zejo, pedindo, e buscando, quer-
 ra atthi as mulheres, que
 parese couza de espanto, por-
 que ellas só vinha o maior

mal della. Mas como Por-
tugal sempre foi este que o Bo-
ro fez Rey, o Boro summo, e os
Fidalgos o vendião, não há
que estranhar, se não ad-
mitir-se em portos de pouco
tempo para cá, Estado, e votos
de Fidalgos, pois com mu-
ta razão, só o Boro foi sem-
pre ouvido nellas. Deus lhe
restaure a honra, e lugar, que
sempre mereceu.

As causas justas que Fe-
lipe tinha, ou cuidava que

tinha para negociar o gover-
 no, e a posse, e entrega deste Rey-
 no, com tantas traicoes, e in-
 justicias, condenando por trai-
 dores, e rebeldes, aos
 leaes Portuguezes, que perten-
 diao resistir á forza que elle
 queria fazer ao Reyno, são
 muito para notar, quem de-
 todo não for bobo, como elles
 cuidão que são os contrarios
 á sua ceita.

Primeiramente dizia Fe-
 lipe, que hi Rey Soberano, e se-

Senhor Supremo das Leys,
 e não sujeito a ellas, nem de-
 pende o seu direito de justiça
 alguma nem de Lebrados, ma-
 is que dos do seu Conselho por-
 tanto que podia entrar nes-
 te Reyno de toda a maneira
 que quizesse a saber, com ar-
 mas, com peitas, com fallas
 promessas, e com traçoas, sem
 ter dever com juramentos dos
 Cidadãos, nem com Juizes de-
 putados no caso, e quem thes
 rezestipe, ou duvidasse d'isso.

como maza de cometida cri-
 me de Lexa Magistade, porque
 el Reyno hera suyo, e los sayos
 lo darian. Assimofes, e pro-
 cedeo sem mais comprimento
 de justicia, nem quix mandar
 mostrar quatro pareures de
 Letrados de hũa Universidade
 de ou Conselho do Papa com
 que nos tapara a boca ou os
 olhos. Oh Deus poderoso e pie-
 doso, que tal soffris, he poble
 sur isto verade catholica, sen-
 do so' vos. Supremo e Omni-

potente, que vos des por sugui-
to às Leis da razão, e com tan-
to rigor, que chegarão a di-
zer os B. que não' podeis con-
denar a hum justo, nem ti-
rar do Inferno a hum pecca-
dor, porque as Leys da razão vos
obrigão a isso, tanto, quanto
a hum homem em certa ma-
neira; e hum Rey sendo da
terra, com os pés na cora, com
soberba de Lucifer, chega a di-
zer que não' he' suguito às Le-
ys, nem a ninguém da terra,

e acha Fidalgos, Profetas falsos, que lhe digão, que o pôde fazer com boa consciencia: Don-
to he este, e propozicão tao nova,
que está pedindo censura de
hum Concilio Universal, feito
especialmente para tratar nelle
de quem a defende, e de quem
a inventou agora.

Dizei soberbo Rey, não es-
tá a Luz, e ley natural dizem-
do, que a parte não seja Suiz?
festejamos heio de julgar a
sueyção de Portugal? Agua-

quatro centos annos que aper-
tendem, e mais emfastella
se hade dar ~~historica~~ contra
outro Reyno. Não dizem to-
das as Leys humanas abite
in venio ibi te iudicio. Não
tera Ley dos Romanos, jus-
ta, e referida por tal Testam^{to}.
Novo, que não cosidera sem
aparte ser ou não primeiro,
estar presente. Não ha mil
historias nas Chronicas dos
Reynos, onde nas decavensas
que tinham entre si, tornadas

Suíças arbitros, como já foi o
 Rey D. Diniz de Portugal, em
 Castella, e Aragão, com que
 se apaziguava sempre guerras,
 e viros entre Reynos, e entre
 vizinhos, e Senhores, e não com
 sugestorem a Ley natural de
 elegerem Suíças a contenta-
 mento das partes, homens le-
 trados, sem sugestão, que des-
 sem o seu a seu dono. Só este
 Rey de Castella foi neste mundo
 Supremo, e independente de
 Ley da razão, para não se que

querer sugar a ellas, nem
 tambem ouvir a justiça, e di-
 rito, que por si alegarem os
 mais portadores, que hi o ou-
 tro porto em que não fallo, de-
 bem ruins digestas, para quem
 tiver alma, e se lembra que
 há morte, e juizo / Com verdade
 se pode reformar, que se esta
 porta se abre na Christandade
 de acubra se toda a paz, e con-
 cordia della, porque sendo não
 somente Portugal, e castella,
 Reynos, sobre si livres, e inde-

pendentes, mas tambem Fran-
 ca, Inglaterra, Colonia Sa-
 boya &c. em nenhuma dea-
 vença, sobre o que quer que ati-
 vorem, como acontece cada
 hora, oração de mais recuo,
 e justiça, se não aconseha-
 rem se com os seus letrados,
 os quaes pela maior partesão
 partes suspeitas, e falças, a
 vontade do Rey donde nasce-
 mō contínuas guerras entre
 Christãos, mais vexes se ouha
 isto entre castelhanos, que

nas entranhas tem metido
soberba, ambição, e luxúria,
como se vê neste nosso caso,
a saber, a consultando a su Magestade,
o que fizesse, deixando os Tres Esta-
dos de Portugal, prejuizos, em
darem posse do Reyno, sem
sentença, e tomarem voz con-
tra o que tinham acordado, e
jurado em fortes, em vida do
cardenal Rey.

Além disto, impedindo
hum Breve Apostolico, em
que o Papa avocava a si a cau-

a causa da legitimidade do
 Senhor Dom Antonio. Heem
 isto excepção da Bulla da eia,
 mas não quebra o oho, dizem
 em castella, porque / subrey pue-
 de mas que el Rey, que Dios /
 cuído certo, que permitio Deus,
 esta soberba, e desordenada
 entrada de Felipe em Portugal,
 porque não querendo esperar
 por sentença, justiça, nem di-
 reito, vejamos em nossos dias
 abatida, e castigada a sober-
 ba presumpção de Hespa-

panha, e para que paguem
 os Castelhanos em nosos di-
 as, quantas tiranias, roubos,
 insultos, e degraças meritassem
 cometido, no Saca de Roma,
 no Cerio, Flandres, Milão,
 Nápoles, França, e Navarra;
 porque se este codicazo Rey
 quizerá espornar a honra,
 e seguir o estilo da justiça,
 se uisora Portugal pacifica-
 mente, que quem tem o Papa
 debaixo dos pés á custa da
 honra de Deus, e de sua alma

para fazer quanto quizerem
 Roma, e neste Reyno tinha
 ja por si os Governadores, a
 Real Audiencia e Marquez de Villa
 Real, os mais foyes e senho-
 res de titulos e Fidalgos, pou-
 co lhe custara trazer a sua
 Comarca mais onze Letrados,
 para a custa de alguns rea-
 les e Cartas de embargo lhe
 meterem nas mãos a senten-
 ca e accusa do Reyno, porque
 julgada ella, ou bem, ou mal,
 não ouerra mais quem ou-

outra se levantar os olhos con-
tra a stella; Segundo Portu-
gal he Catholico, e esculpui-
lozo, ou superstitiozo, e pois
Deos cegou a este Principe, e a
os do seu conselho, para que
nao vissem esta estrada lar-
ga, pode-se Christãamente
conjecturar dos males que
se seguirão, e dos cometidos
dantes, que quer Deos entrar
a juizo com este Reyno, e Na-
ção má, e aborreuida de todas
as outras Nações, a simphris -

taos como infieis, e ainda que
 huma Ley temporali, com q.
 se podem desculpar do erro, mas
 não allegada entre Christaos,
 pullos Juristas, mas reprova-
 da por todos, e acerta sómente
 do Rey de castella, a qual diz
Sus regnorum in armis est
 da qual sempre usaraõ estes
 Reys matando às vezes hums
 Irmãos a outros como fez D.
 Henrique, D. Pedro cri. D.
 Sancho, e outros homicidas
 mais modernos, muito para

seu tranhar, só por ambição de
 regnar, e senhorearem o mundo
 tiranicamente. Esta foi a prin-
 cipal acção, e justiça que Felipe
 teve para vir a Portugal da ma-
 neira que veio; esta he a honro-
 ra conquista que pôz em su-
 as Chronicas seus Chronistas
 por sua morte, mas basta isto
 para o conhecimento da cau-
 za que teve, e hauezas que come-
 teo.

Os inconvenientes que se se-
 guirão dos nossos Governado-
 res, e Fidalguia Portuguesa,

ser esta que Rex. v. e d'El Rey de
 Castella se tão comedido, e sugi-
 to á rezão / sinò contra / são os
 seguintes. Primeiramente se-
 seguiu entrar o Turco Luthera-
 no Duque d'Alia em Lisboa,
 com tanta crueldade, e de contra
 nossa, que chegando a Alcan-
 tãra com menos de 1600 homens,
 onde o nosso campo estava for-
 mado, compassante de 2000 ho-
 mens todos Irmãos, vizinhos,
 e companheiros, nos rompeo,
 e deuorrou para sempre, não

por forcas suas, mas por trai-
coés dos corruptos, e por prome-
ças, dando o saque trez legoas
do Termo, com duas que toma-
rão mais os soldados, estando
por cauza da peste a mais da
gente, e fazenda derramada pel-
las Quintas fora de Lisboa, en-
trando as suas Gales pelo rio,
e a soldadesca pelas ruas, com
tanta crueldade, desparando
no triste, e rendido Povo toda
a mosquetaria, e artelharia
do mar, hindo neste tempo

muito contentes triumphando
 entre elles, de sua Patria, e Na-
 ção nas Galis, a saber, Diogo So-
 pês de Siquiera, D. Antonio de
 Cascaes, Luiz Fezari, e muitos
 outros arrenegados de volta
 com os leaes, a quem o traidor
 Castelhano tinha passado Pro-
 vizões de Marquizesados, e Con-
 dados, e contos de renda, por es-
 te serviço tão custoso não só-
 mente ás pessoas, mas tam-
 bem á honra destes Senhores,
 que lhe entregaram o Reyno,

mas assim como estas Provi-
zoës foram assignadas em bran-
co, tambem foram despachadas
em branco, porque the sahio em
despacho da Mæza da Conciên-
cia / qual Deos sabe / que não
hera Felipe obrigado a cum-
prir estes assignados, mas
a V. Ex.^a como a principal par-
te neste negocio, como verda-
deiro, e legitimo herdeiro des-
tes Reynos / segundo dizem /
assignarão alguns Juristas
doutos, despachou este Rey mui-

muito bem, com the fazer huma
 mezura muito bem feita em el-
 ras, quando the foi bejar a mão,
 e renunciar todo o direito que
 tinha ao Reyno, e como o acom-
 panhar athé á porta da sala,
 e com the lancar depois o Ha-
 bito del Tuson em Thomar,
 que hi de mui groça renda, es-
 tados, mas pagos em panem
nostrum quotidianum, e hums
 poucos de maravedis para vi-
 no, e facame mercê, que não
 mande cada dia arrecadar es-

ta recaí do Lago, com muita
humildade, como Cavaleiro del-
Tuson, como lhe mandou dizer
hum dia em. Forantes o Man-
teiro, ou Viador, por hum des-
cuido que nisto teve. Outra mer-
ci fizes a V. Ex.^a de donde stable de-
anel, deste Reyno, que Santa
gloria haja. Outra theses mui-
to maior em oter não repu-
tado pullo que V. Ex.^a merencia por
seu fraco juizo.

Os mais senhores Fidalgos,
deprezumar hi tambem, que

Felipe uzou com elles desta magnifica liberalidade fastejana, porque a D. Antonio de Vascaes fez o mesmo que a Tristão Vaz, em satisfacão de entregar a maior força do Reyno, e renunciar 40 cruzados de juro que El Rey D. Antonio lhe tinha dado.

Confin de ruzoums já V. Ex.^a, eos mais da conjuracão começaram a ver o erro, e desconsorto seu, e dixerem entre si pella bocapiquena / soframolo pois o qui-

337

zemos/ quando isto virem lim-
brem-se quam diferentes na
verdade, e liberalidade hão os
despachos, e merces dos Reys
Portuguezes, naturais de Por-
tugal, pois com terem poucos
contos de ouro, as veyras dos
seus criados, os Orfãos, os Fi-
dalgos pobres, em gemendo
erao ouvidos e despachados
como Filhos. Se agora estan-
do o Rey á porta, os despachos
de tão grandes surricos pessoa-
es, são os que vemos, quaes se-

não depois que virar as costas?
 Que farão os tristes, que viuem
 da India ou de Africa, com ser-
 vicos dos Pais, dos Irmãos mor-
 tos, e com a vida gastada; hi-
 rão caminho de Madrid, e To-
 ledo, tomar por terceiros fante-
 marios, que não sabem o que
 isto custa; este hi o primeiro
 inconveniente que succede nes-
 te caso.

O Segundo erro foi ficarmos
 captivos, escravos da mais
 soberba, odiosa, e aborrecida Na-

Nação que há no mundo to-
do, não só morte as Portu-
gueses, a quem foram todos
inimigos, e não sem muita
causa tem esta Nação má
esta fama, porque de tem-
to claramente visto no caso
de Lisboa das nossas terras
por onde o arraijal passou,
que houve tanta crueldade, es-
tações, assaltos, homicídios,
e torções, degraçamentos,
cometidos por astenhãos de
Nação, sendo nesta parte ma-

is comedidos e humanos os Su-
 deos e Hermaes. Sómente os
 Castelhanos foram tantas
 afrontas, crueldades, sacrile-
 gias a honras nobres, a mu-
 lheres honestas, a Religiozos
 de armados, athe nas Igre-
 jas e Mosteiros de Feiras, co-
 mo se vio na Igreja de Bel-
 las, no Mosteiro de Monchi-
 que, e Viros, inuito melhor
 na fôrta morder mil mortes,
 que ver, nem chegar a tres tem-
 pos, basta que cumprindo se

seus desejos nossos inimigos
capitais, e chegarão a nos di-
zerem nas barbas, com muito
gosto, e soberba: quando nos vi-
ão tristes / Penciais de tragar es-
te bocao / e de tal maneira nos
tem opi no pescoco, que nem
para chorar nossas desaven-
turas, nos dão licença, e se não
for estarem hindo as cousas
no ar, sem apuro, já os des-
terrados com titulo de des-
pacho, houverão de surtar
tos os occupados nas quar-

nicois de Flandres, Napoles,
e Italia, que não houvera já
mais Portuguezas de capa pre-
ta, andar pelas ruas, como se
costuma em Gália.

O terceiro inconveniente
não menos para sentir, que
os outros, vai ainda em cre-
scimento, he' que as Donas il-
lustres, e as Fidalgas Portu-
guesas, tidas sempre em tan-
ta veneração, e respeito dos
Estrangeiros, acreditadas por
todo o mundo por muito

castas, e honestas, até nos
vestidos, pensadas da cobicia
dos reaes, ou da desenvoltura
dos soldados fastidiosos, es-
quecidas da sua fama, e hon-
ra, e do sentimento que de-
vem ter da desaventura da
sua Nação, maridos, e paren-
tes, tão desenvoltamente os
namoram, e se lhes entregão,
que as mulheres de marce-
lia, em outros tempos se es-
tranhava muito, o que nes-
tas senhoras se vê agora pu-

publicamente, já não' padeu
ver Portuguezes, nem os pro-
prios maridos, são tantos os
adulterios, e desonestidades,
que os mesmos castelhanos,
e Italianos, andão espanta-
dos dellas, e chegarão a di-
zer, que se não' podião defen-
der dellas e que elles herão os
acometidos. e as veritacoens
do Arcebispo de Lisboa, mo-
finas são tais, que já chegou
hum Cura a nomear algu-
mas Fidalgas por publica-

mente amancebadas com os
Castelhanos.

Noite de S. João des-
te desaventurado anno de
81 se acharão algumas se-
nhoras pella mão de castel-
hanos aver as fugueiras.
Tambem vão já tomando
pope das Carroças de Roma,
e das Carretas de Sevilha, co-
mo Cortezans de Castella. Os
caramentos com os Solda-
dos picaros formão infinitos.
nas Estações das Igrejas de

de Lisboa, Deus nos livre dos
males q' isto vai ameaçando,
para que antes destes lanua-
rem raizes, tenhamos Rey
natural, Portuguez que nos
ponha fustella no andar em
que estao os Chinos com os
Tartaros, dos quaes affirmo
que fizerão hum muro de
trezentas legoas para devi-
são, ou como estao os Mou-
ros nos Lugares de Africa
fronteiros, e para isto se efec-
tuar suavemente, inspire

Deos no peito de V. Ex.^a e dos
mais senhores Fidalgos des-
te Reyno, animo, e esforço, eli-
cidade, para que se aoduan-
te houver alguma occasião
de se restaurar a liberdade
Portuguesa, ainda que seja
de Turcos, e Moiros, acitem,
e lancem mão d'elles, por
que se o não fizerem assim,
estou já vendo que perderão
todos seus Estados, a Patria,
e muitos ainda, e sentirão

muito, como Portuguez real,
saber lá' na outra vida, pa-
ra a qual estou já de cami-
nho, que defendem meus na-
turais com maior esforço
seu Captiveiro, mandando-
lhe Deos remedio, do que
mostrarão em defender sua
liberdade.

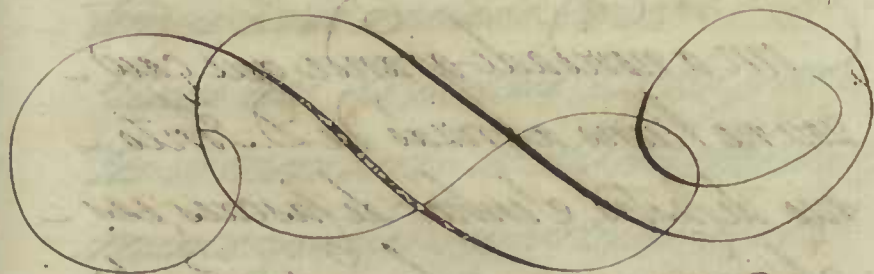
Muitas cousas das que
nesta Carta digo, vi comme-
us olhos, antes de condena-
do a tratos, pelos quaes abu-

o Lutheranos de Paulo (pelo meu
natural e oppositor em sovin-
bra mandou pagar dinheiro
aos que mos davão, e depois
me sentenciavão, que fosse
degolado por final sentença,
que meus inimigos derão con-
tra mim por amor do meu
bom Rey, e Patria. Parte des-
tas cousas via cá em revela-
ção, e outros muitos males,
que aos principaes deste Rey-
no estão ameaçando, cujos
nomes não digo, porque se-

seja sahiva hum rot geral
dos Portuguezes heres, e arre-
negados, juntamente com ou-
tro dos Leys na fe Catholica,
de sua Patria e Nacao, para
que quando Portugal reus-
citar, e deos der nelli Rey na-
tural se scriba na Santa
Inquericao futura da leal-
dade Portugueza, e seita erro-
nea que os mais seguirao, e
se faca justicia delles, e de sua
fazenda conforme as san-
tas Leys deste Reyno, ao qual

Deus eternamente tem pro-
metido de conservar. Dada
no sayo de Abrãã a 20 de
Julho de 1581 annos.

D. Pedro de Aposom



O D. Pedro de Aposom, Lente da Universidade
de Coimbra, e Collegial do Collegio de S. Pedro, da
mesma, estando porre por mandado d'El.
Rey Felipe, o Príncipe de castella, quando en-
trou em Portugal, e sentenciado a degolar,
escreves esta Carta offeçial, ao Duque de
Bragança D. João 1.º

Voto que deu Dom João delcastello
branco, Filho terceiro de Dom Mar-
tinho delcastello branco, primeiro
Conde de Villa nova sobre hum re-
bate falso que El Rey Dom Sebas-
tiam tratou de dar em Lisboa.

Com a novidade grande que cau-
rou no Reino a prizaõ de D. Anto-
nio de castro, Senhor de falcões, cas-
chimeras que se levantaraõ de
que queria entregar a Villa aos
Francizes, teve El Rey ouzarias pa-
ra poder ver, dege para querer ver
o numero de gente, e armas que

havia em Lisboa, eo accordo, e animo
com que accidia aos perigos, ordenan-
do hum rebate fingido, com voz de-
serem entrados pella barra, pello
que fez d'isso humma breve proposita
no conselho, dizendo.

Que para tirar algum fructo das
incommodidades, e mais suscepos do
tempo, e ver o estado em que o con-
tinuo uso da milicia tinha pos-
tos os moradores de Lisboa, he pa-
recia conjuncta opportuna para
mandar humma noite tocar a reba-
te com voz de ser oportto entrado
da frota inimiga, de que entre ou-
tros se podia seguir trax effeitos
de muita importancia. Cyri-

meio combater as forças da sedição;
 e quam prompta, e bem aquardada
 estava a gente della para sua de-
 fesa. O segundo mostrar aos Es-
 trangeiros, que ali vizidem de va-
 rias partes do Mundo, quam im-
 possível seria ao poder de França
 sahír com a empenha de saquear
 Cidade tão populosa, e cheia de po-
 vo tão guerreiro, e bem disciplina-
 do. O terceiro costumar a gente
 a rebates, sem perigo, a não deca-
 minar quando vissem os verda-
 deiros. De mais, que com esta voc-
 de inimigos, teria o pouso ouazi-
 do de mostrar com evidentes si-
 nuaes o amor, e lealdade devida

as suas Reys.

Como El Rey na proposta nos -
 trou tanto gosto, ea tinha antes
 communicada com os seus mais in -
 timos validos, sem duvidarem no
 effeito discurrirao' varia mente so -
 bre o modo mais conveniente que
 teria deo executar, mas chigan -
 do a ordem de votar ao dito Dom
 Joao de castello branco, pe sua aque -
 lidade, e grande experiencia de -
 couzas faria ponderar as materi -
 as com profunda consideracao,
 eo animo verdadeiro, e livre, nas
 premittas deicharse venhor de res -
 peitos, considerando os grandes in -
 convenientes que se podriao se -

guir de taes da neceſſaria delibera-
 ção, e muito que se aventurava
 de credito, e reputação do Reyno,
 das honras e fazendas dos mora-
 dores da Cidade, o representou a
 El Rey na forma ſeguinte.

O privilegio que os muitos an-
 nos alcança sobre grandes enten-
 dimentos, hã deſcobrir inconveni-
 entes occultos no lugar em que
 elles menos o temem, reſponſan-
 sando a natureza, a ſaude, e for-
 ças, que nos tira, com eſte benifi-
 cio particular da experiencia;
 acſta, e ao privilegio da minha
 idade e de aculpa de me não com-
 formar em tião, compareceres

tão qualificados, e com o intento, e vir-
 tua de terção de S. A. quando sem
 aventurar tanto se poderá por-
 via mais fácil conseguir os mes-
 mos effeitos, que se hi prova da
 irrazão de Estado. melhorar o go-
 verno da Republica das propri-
 as advertências do tempo, hade
 ser com advertencia, q' dellas se
 não sigão outras maiores, por-
 que os bens tirados de males, ra-
 ras vezes deitão de levar com si
 go alguma propriedade da sua
 origem. Occaziao' parece que de-
 raõ estes rumores passados pa-
 ra persuadir ao povo qual quer

assalto de inimigos, e acudir ao re-
 bate com o perigo certo, mas não
 para que V. A. com os do seu con-
 selho mostre duvidando aelle que
 o tem por verdadeiro. Porque
 além de com isto qualificarem
 por certo materias tão duvidosas,
 e darem indício do seu animo
 em cousas que não se julgar, he
 mostrarmos ao Reyno de Franca,
 que de todo o ponto temos perdi-
 do a fé, e confiança, de sua anti-
 ga amizade, e gerat^o nullo hum
 escrúpulo, que as mais vezes vem
 a resultar em rompimento ma-
 nifesto, e assim contrapozados os

perigos que podem resultar das
ocasiões com os proveitos / quando
forão certos / da imposta, puzo ma-
is qual quer dos mínimos, que to-
dos os outros juntos. Porque apri-
meira utilidade de ver o numero
de gente, e concerto de armas des-
ta cidade, e fruto que nella tem
feito o continuo exercicio da mil-
licia, se pode facilmente conseguir
fazendo a saber a resenha geral
debaixo de suas Capitães, e bandei-
ras, onde cada qual, com a sorte
de armas que usa, mostrará o que
tem aproveitado, o que não suce-
derá no ribate, onde a gente a toni-

ta com o perigo não esperado, ao-
 dora mal vestida, com as primei-
 ras armas que lhe offerecer a oc-
 casião, discurrindo no meio do tu-
 multo, e confusão da noite, e ac-
 cendo aos lugares donde achama-
 rem os gritos, e maior estrondo; e
 ainda suaderá que muitos obri-
 gados do perigo e lagrimas de
 suas mulheres, e Filhos, decompa-
 rarão a causa comua por quedi-
 rem á sua particular; e em lugar
 de ver humas batalhas de gente
 destre e bem exercitada, veja V. A.
 humas confusão popular, accom-
 panhada de gritos e vozes desor-

Denadas, e humas representações
 da cidade perdida, centrada de
 inimigos. Nem espero melhor
 effeito da segunda razão, porque
 sendo a grandura desta cidade, e
 opinião de suas forças, tão estima-
 da entre as Vais e Estrangeiras,
 que affirmão poder só armar tan-
 ta gente, como hum dos Reynos
 medianos de Hespanha, e além
 de impossível para conquistada,
 ser bastante e poderosa para con-
 quistar, e ser senhora de hum
 grande Imperio, quando com se-
 us olhos vejam, couza ordinaria
 em Cidades, e Reynos, que a larga

não tem de acostumados de seme-
 lhantes afaltes, a confusão, o me-
 do, as vozes, a desordem, o desauco-
 do, com que a gente acode ao peri-
 go comum, e particular, de mais,
 de perdêrem esta opinião tão ne-
 cessaria para sustentar grandes
 Estados, conheçam a via por onde
 se deve emprender o saque desta
 Cidade, e a facilidade com que se
 pode conseguir, o que entre elles
 se tinha por tão impossível.

Menos me persuade as comodi-
 dades da terceira, considerando
 o muito que a tiro de ellas se
 aventura: porque como esta fôra-

de não hi estrutura, aonde consem
que o povo ande deisto e prevenida
para os asaltos / coisa que breu-
mente introduz o vizo / não impor-
ta muito inquietallo com esta
sombra de guerra, sendo assim,
que hi hum só rebate, antes flui-
rao aterrorizados, que deisto, e a-
hindo depois no fingimento, ser-
vira de não ~~temerem~~ temerem, nem
darem credito aos verdadeiros, e
não seguindo o effeito que se
pertende, considerem V. A. o perigo
aque no mais detamanka con-
fusão sepoem a honestidade de
tantas Doncellas, e Donas, quedas-

descompostas e desordenadas como
sobressalto tão pouco imaginado,
e desordenadas de Pais, e
maridos, que por acudir em a defen-
sa da Patria, desampararão suas
próprias casas, ficarão sujeitos
aos ladrões, e violências que na
escuridão da noite, com tamanhas
alterações de couzas podem suc-
ceder: os roubos de Casas, e fazendas,
que se commetterão em quanto cada
hum for acudir ás couzas de me-
nor preço, e mais valia, desampa-
ra e tem em pouco as de maior
volume. Espalhando do profa-
no ao sagrado, que Templo ha-

vera seguro? Que Clauruna de Reli-
 giozas guardada? Aque gente
 aturada e Estrangeiros tocados de
 heresia não fazeo as violencias,
 e decautos, que occaziao the-
 permitir. As duas razões se-
 quintes quizera escuzar respos-
 ta, seo sangue Portuguez que
 tenho nas veias me não obriga-
 ra a dar humma amorza quinea,
 e dar humma justa satisfação a
 V. A. de pór o amor, e lealdade de
 seus Vassallos em juizo de tão fá-
 cil experiancia, tendoas a Nação
 Portuguesa dado taes empias, e
 em guerra, que avemos sempre

arriscar vidas, honras, e fazendas,
 e pelijar muitas vezes contra
 as Leys de seu proprio entendi-
 mento, por nao contrariar ao me-
 nor gosto de seus Principes, mais
 adorados entre nós, que obedien-
 tes, e a todos muito, nem hum
 como V. A. alcançados de Deus por
 meio de tantas orações, jejuns,
 e disciplinas, que o podemos cha-
 mar Filho do Sangue e Lagri-
 mas de seu Povo, de algumas po-
 derão testemunhar estas bran-
 cas, que virão correr por si nesse
 tempo. De quem sendo tão de-
 zejado antes de o ter, claro he

que depois de allanado estima-
 remos todos em menos as vi-
 das, que a menor adversidade
 que possa tocar ao Estado de
 V. A. Com isto fua respondido
 ao aborrecimento de traição, re-
 me que ahi para castigado se
 occor mal entre Portuguezes;
 e para favoruço não sabemos
 o tempo em que nosos mays
 nos o conheussem. Por esta
 antiga se' ealdade peço a V.
 Mera, que nas suspiros, e
 rumores passados, que escan-
 delizam a Nobreza, e inquietão

o povo, proceda com oração e du-
 vida que a importância do ca-
 so requer, porque oitadas as
 circunstâncias me parese que
 não de vir as cousas a termos,
 que de mais cuidado a S. A.
 o modo de satisfazer a lealdade
 ofendida, e posta em duvida, do
 que agora lhe dá o despo de cas-
 tigar esta ofensa: e quam facil
 he de remediar o agravo feito
 por relações inuertas, tao difficil
 sera o que destes rebates, ou ru-
 mores de armas se acrescentar
 aos ofendidos, que as afrontas
 e inferiores remediao nas os.

Reys, mas as suas só no Tribu-
nal Divino tem emenda. Ah
minha liberdade merece man-
de V. A. dar a este animo, que
nunca foi atrevido, se não on-
de lhe importou ser leal.

Ainda que El Rey estava
tão persuadido do que lhe fazi-
ltao o rebato, e comodidades
delle, todavia se deixou entrar
das rezas de Dom João, vendo
que de mais de certas, aporta-
vão no derrocado dos Templos,
e decomposição das Religiões,
coiza que El Rey com tanto zelo
da honra de Deus estimava

sobre tudo, e assim desistio do
intento, não sem grande mor-
tificação do seu gosto, e alguma
nota de Penas Ecclesiasticas que
entrava no conselho, e se ti-
nham por autores, fomentado-
res do rebato, de quem tiveram afe-
dade pelo voto deste Fidalgo.

Indice

Cartas e varias obras Politicas do L.^o
Ant.^o Vieira — aff. 8 at the 128.

Carta do Dor L.^o Dethoum Oficial
do L.^o e fante na Universidade de Coimbra
escrita em 20 de Julho de 1588 e stando
sentenciado a ser recolhido — aff 243 at the 378.

Conta do Dor Felype Manuel como Academico
da Real Academia de Historia Portugueza
desde — aff. 169 at the 248

Discurso Politico do Marquez de lares
sobre reparar, ou não fazer guerra aff. 129 at the
168.

Voto do D. Joao de lazelobranco sobre hum
rebate falso, q. El Rey D. Sabam troute de
podar em fpa. — aff 372 at the 390



Cod
11400

